

MÚSICA, REVERÊNCIA E ADORAÇÃO

O Propósito de Deus

Leandro Dalla B. Santos

“E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda” (Bíblia – Isaías 30:21). “Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos. Instruções claras e definidas têm sido dadas a fim de todos entenderem” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 38).

Dedico esta obra ...

a Deus, que nos concede luz e poder suficientes para andarmos em caminho seguro;

à minha esposa Jucilene, que tem me acompanhado neste ministério, servindo-me de incentivo e apoio nas decisões que este requer, principalmente por meio de suas orações comigo e por mim;

aos meus pais, Gilberto e Teresa, que imprimiram os princípios divinos em minha vida ainda na infância, ensinando-me a amar a Jesus e a música sacra;

ao amigo e irmão Levi de Paula Tavares, que tem sido um grande conselheiro, além de um exemplo de dedicação à conscientização do povo de Deus no que diz respeito à verdadeira adoração.

à amiga e irmã Jenise Torres, pela minuciosa revisão textual desta obra e por todos os anos que tem dedicado ao ministério de orientação e aconselhamento daqueles que se dispõem a trabalhar em prol da música sacra e do resgate da verdadeira adoração.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	01
1. INTRODUÇÃO	02
2. A MÚSICA DO CÉU	13
3. SACRO, SECULAR E PROFANO	20
4. UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA	23
5. O ROCK AND ROLL	27
6. REVOLUÇÕES DOS ANOS 60	33
REVOLUÇÃO SOCIAL	33
REVOLUÇÃO SEXUAL	35
REVOLUÇÃO DAS DROGAS	38
REVOLUÇÃO ESPIRITUAL	39
REVOLUÇÃO SATANISTA	40
7. MENSAGENS SUBLIMINARES	51
8. MÚSICA POP PARA DEUS?	53
9. A MÚSICA GOSPEL	65
ELVIS PRESLEY E O GOSPEL	68
GOSPEL DO BRASIL	68
PERSPECTIVAS DA MÚSICA GOSPEL	71
10. A MÚSICA QUE OFENDE A DEUS	77
EMOCIONALISMO	77
EGOCENTRISMO	81

LOUVOR COMERCIAL	84
PREDOMINÂNCIA DE RITMO E BARULHO.....	91
11. OUTROS CONSELHOS SOBRE A MÚSICA	95
12. DANÇAS, TAMBORES E PALMAS NA BÍBLIA	99
13. BATERIA: POR QUE NÃO?	122
14. PIMENTA MUSICAL	154
15. A REVERÊNCIA NO TEMPLO	164
O COMPORTAMENTO NA CASA DE DEUS	164
ANTES DO CULTO	165
DURANTE O CULTO	166
DEPOIS DO CULTO	168
A RESPONSABILIDADE DOS PAIS	169
CRITICAR O SERMÃO	174
VESTUÁRIO E COMPORTAMENTO CORRETOS	176
INSTRUÇÃO AOS CRENTES NOVOS	177
16. A ADORAÇÃO	178
ADORAÇÃO NÃO É LOUVOR	186
ADORAÇÃO NÃO É MÚSICA	192
ADORAÇÃO NÃO É UM RITUAL	194
O QUE É ADORAÇÃO?	195
ESFERAS DA ADORAÇÃO	198
UM PROBLEMA À ADORAÇÃO	203
A RESPOSABILIDADE DOS LÍDERES	204

O QUE NÃO PODE FALTAR NA ADORAÇÃO	205
COMO SER UM VERDADEIRO ADORADOR	205
17. O EVANGELHO TEATRAL.....	207
18. CONSIDERAÇÕES FINAIS	245

PREFÁCIO

Caro leitor, o material que está em suas mãos é fruto de pesquisas realizadas em diversas fontes, como a Bíblia, os escritos do Espírito de Profecia, publicações cristãs e seculares, entre outros. O tema exposto nesta obra representa base para pesquisa mais profunda, visto ser muito amplo. Nosso objetivo é apenas o de levar o leitor a refletir sobre a verdadeira adoração que Deus requeria de nós quando concedeu o dom da música, e ainda requer, por ser um Deus imutável. Não temos o intuito de convencer pessoas, mas fornecer informações importantes para que cada um tome firme posição sobre o assunto. Caso estejamos praticando um louvor equivocado, oro a Deus para que abra nossos olhos e nos mostre o caminho de volta, nos ensinando a louvá-Lo com o entendimento, a reverência e a dignidade devida ao Seu santo nome.

As citações do Espírito de Profecia contidas neste material foram retiradas de duas fontes distintas: publicações impressas e publicações digitais (www.ellenwhitebooks.com.br). Esta ressalva faz-se necessária porque o leitor poderá encontrar algumas diferenças referentes à paginação entre estas duas fontes.

Que Deus o conduza nesta leitura e que, ao final, você se sinta motivado a buscar por si mesmo mais conhecimento a respeito da vontade de Deus em todos os aspectos de sua vida, e que o Espírito Santo conceda o poder necessário para a prática.

1. INTRODUÇÃO

“Visto que Deus criou os seres humanos à Sua imagem, partilhamos do amor e apreciação pela música com todos os Seus seres criados. Na verdade, a música pode nos atingir e tocar com um poder que vai além das palavras ou qualquer outro tipo de comunicação. Na sua forma mais pura e refinada, a música eleva nosso ser à presença de Deus, onde anjos e seres não caídos O adoram com cânticos” (Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música. Documento votado em 13/10/2004 pela Associação Geral da IASD).

Ellen G. White, a mensageira do Senhor, continuamente nos aconselha a elevarmos nosso conceito sobre música; e somos por ela alertados quanto ao poder desta arte:

“É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. Quantas vezes, ao coração oprimido duramente e pronto a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus – as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância – e as tentações perdem o seu poder, a vida assume nova significação e novo propósito, e o ânimo e a alegria se comunicam a outras pessoas! (...) Como parte do culto, **o canto é um ato de adoração tanto como a oração**. Efetivamente, muitos hinos são orações. (...) Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do Infinito, resplandecente com a glória de Deus, podemos **aprender** o assunto dos louvores e ações

de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão do Céu começa na Terra. **Aqui** aprendemos a nota tônica de seu louvor” (Educação, p. 168).

“Assim como os filhos de Israel, jornadaando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a seus filhos hoje que alegrem a sua vida peregrina. Poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos. E tal cântico tem maravilhoso poder. Tem poder para subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço” (Ellen G. White, Educação, p.167).

A música não é nem moral e nem espiritualmente neutra.

“Serve tanto para aproximar da pureza de Deus quanto para o sensualismo mundano; para ensinar preciosidades como para aviltar; para elevar culturalmente como para rebaixar o comportamento moral; para separar do mundo e aproximar de Deus como para associação com o mundanismo; para louvar a Deus como para homenagear a Satanás. (...) Poderosa, influencia a nossa mente, é forte

recurso para a formação de princípios e hábitos de vida, sejam para o bem, sejam para o mal. **A música jamais é neutra**, ou é útil para elevar nossos referenciais de vida, ou para rebaixá-los” (Sikberto R. Marks – A Música na Igreja, 14/10/2008).

“Cremos que o evangelho exerce impacto em todas as áreas da vida. Por conseguinte, sustentamos que, por causa do vasto potencial da música para o bem ou para o mal, **não podemos ser indiferentes a ela**. Embora reconhecendo que o gosto, na questão da música, varia grandemente de indivíduo para indivíduo, cremos que a Bíblia e os escritos de Ellen G. White sugerem **princípios** que podem formar nossas escolhas” (Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música. Documento votado em 13/10/2004 pela Associação Geral da IASD).

“A crise que o povo de Deus atravessa tem múltiplos aspectos. O estado laodiceano resulta da **falta de interesse no ponto de vista de Deus**. A queixa divina no passado era: ‘O Meu povo não entende’ (Isaías 1:3). O entendimento, a compreensão, porém, eram deficientes não porque Deus não houvesse esclarecido, mas porque o povo não se interessou em aceitar a luz. De tanto **rejeitar** a luz divina, o discernimento humano se obscureceu. Hoje não é diferente. Em tempo algum da História o povo de Deus teve mais luz sobre todos os aspectos da vida como atualmente. Esta luz Deus concede porque nunca os perigos que

ameaçam a igreja foram tão grandes. Se somos demasiado carnais para bem discernir tudo, a culpa não é de Deus por não ter esclarecido, mas nossa por estarmos mais inclinados a prosseguir seguindo **nossas próprias ideias**, nosso próprio apetite e nosso gosto pervertido, sem levar em consideração o que Deus diz. O que muitos irmãos acham difícil de ver é uma saída para a confusão musical do mundo, no lar, na escola e na igreja. O que é certo e o que é errado, o que é saudável e o que é nocivo na dieta musical? Que tremenda responsabilidade para Laodicéia! Não precisamos, porém, temer. Deus tem colírio para abrir nossa visão, a fim de compreendermos Suas orientações” (Dario Pires de Araújo, Música Adventismo e Eternidade, p. 31).

Precisamos nos conscientizar de que estamos em meio a uma guerra. E esta guerra entre o bem e o mal acontece, principalmente, em nossa mente. Uma das estratégias mais eficientes para vencer uma guerra é seguir o comandante, obedecendo fielmente suas ordens. Outra excelente estratégia é estudar o inimigo, conhecer suas armas, seus planos, acompanhar seus movimentos. Entendendo que todos nós conhecemos o General e buscamos obedecê-Lo em tudo, precisamos conhecer ou recordar Suas ordens, além de identificarmos as sutis estratégias do nosso inimigo. E é isto o que iremos fazer neste estudo, compreender aquilo que Deus nos deixou como guia seguro e entender como Satanás tem agido, como tem usado a música como uma arma sutil e, de maneiras quase imperceptíveis, tem pervertido a mente humana de forma que Deus não seja adorado.

“Quão poucos reconhecem as estratégias do arquienganador! Quantos lhe ignoram as tramas!” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 136). “Satanás está alerta, a fim de poder encontrar a mente num momento de **desatenção**, e assim tomar posse dela. Não precisamos ficar **ignorantes** de suas estratégias, tampouco ser por elas vencidos” (Ellen G. White, Mente Caráter e Personalidade, vol. 1, p. 24).

Sentimos que temos a responsabilidade de tomar firme posição ao lado da verdade e alertar as pessoas. Se nos calarmos hoje, provavelmente um dia seremos questionados quanto à nossa omissão em não dizer aquilo que sabíamos. O próprio Deus nos cobrará pela luz que fez brilhar diante de nós e que não compartilhamos. Ele próprio adverte:

“Se eu disser ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para dissuadir ao ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniquidade, porém **o seu sangue eu o requererei da tua mão**” (Ezequiel 33:8).

“**Exortai-vos uns aos outros** todos os dias, durante o tempo que se chama **Hoje**, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado. Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança **até o fim**” (Hebreus 3:12-14).

Não é nossa intenção polemizar, condenar, combater esta ou aquela pessoa e muito menos atacar instituições religiosas. É nossa intenção levar informações importantes que forneçam subsídios para decisões pessoais firmes e duradouras no que diz respeito à música e à adoração. É preciso ficar claro que o nosso objetivo é apenas compartilhar informações, e não forçar decisões.

Estamos chegando ao final do conflito e, se quisermos vencer, temos que controlar, através do poder do Espírito Santo, aquilo que invade o nosso homem interior. Não podemos focar nossa vida exclusivamente em orações, frequência aos cultos, leitura da Bíblia e evangelismo. Precisamos atentar para as pequenas ações e pequenos hábitos do nosso dia-a-dia que minam a nossa capacidade de absorver esta espiritualidade e dela tirar proveito. Por mais que participemos de todas as atividades propostas pela igreja, elas não nos salvarão por si mesmas. O segredo está na comunhão diária com o Senhor da obra, além da decisão de abandonar todas as coisas que bloqueiam o acesso do Espírito Santo à mente. Se pratico muitas atividades religiosas, mas tenho muitos hábitos destrutivos em meu viver, então serei somente um membro ativo na igreja e nunca um cristão verdadeiro.

Referindo-se ao julgamento final, Ellen G. White nos diz:

“Nossa garantia nesse dia não é a **profissão** de fé, mas o estado de vossas **afeições**. O templo

da alma está purificado de sua contaminação?”
(Ellen G. White, Eventos Finais, p. 64).

Significa que não adianta dizer que sou de Cristo e agir de forma contrária. Aquilo que fazemos, aquilo em que demoramos nossa mente, aquilo em que está nossa **afeição**, ou seja, aquilo que amamos, isto é o que determina em que lado estamos. Não adianta ser um cristão de palavras; temos que agir como tal, tanto na igreja quanto em nossa vida cotidiana.

“Não podemos **avançar** na experiência cristã enquanto não **afastarmos** de nosso caminho tudo quanto nos separe de Deus” (Ellen G. White, Mensagens aos Jovens, p. 377).

“Seremos, individualmente, para o tempo e a eternidade, o que nossos **hábitos** fizerem de nós. (...) Não podemos levar nossos hábitos errados conosco para o Céu, e a menos que os vençamos **aqui**, eles nos fecharão a habitação dos justos” (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, pp. 79, 80 e 165).

Neste momento faz-se necessário um apelo. Não acredite cegamente no que você lerá aqui. A Bíblia diz que é maldito o homem que confia no homem (Jeremias 17:5). As informações serão dadas, mas esperamos que o leitor busque por si mesmo confirmar tudo, tal qual os bereanos o fizeram no passado (Atos 17:10 e 11).

“Erros serão apresentados de maneira agradável e lisonjeira. (...) As mais sedutoras influências serão exercidas; mentes serão hipnotizadas” (Ellen G. White, Testemunhos para a Igreja, vol. 8, pp. 292-293).

“Devemos formar opiniões **por nós mesmos**, visto que teremos de responder por nós mesmos perante Deus” (Ellen G. White, O Grande Conflito, ed. condensada, p. 261).

“Os que quiserem estar em pé neste tempo de perigo, devem compreender **por si mesmos** o testemunho das Escrituras” (Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 559).

“A capacidade de discernir entre o que é reto e o que não o é, podemos possuí-la unicamente pela confiança **individual** em Deus. Cada um deve aprender **por si**, com auxílio dEle, mediante a Sua Palavra. A nossa capacidade de raciocinar foi-nos dada para que a usássemos, e Deus quer que seja exercitada” (Ellen G. White, Educação, p. 231).

“Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens **amadurecidos**” (I Coríntios 14:20).

“Assim, pois, cada um de nós dará contas **de si mesmo** a Deus” (Romanos 14:12).

Não confie em tudo o que você ouve, vê e/ou lê. Investigue e confirme **por si mesmo**, orando a Deus por discernimento. Esta é a única forma de não cairmos vítimas dos enganos de Satanás.

Por isso, o principal objetivo deste trabalho é incentivar você para a pesquisa e estudo individuais. É estimula você a conhecer mais sobre este momento em que vivemos e, ainda, refletir sobre quais escolhas você fará.

Vivemos na era da “verdade relativa”, da “gostologia” e da “achometria”, especialmente no campo das artes. Cada um tem sua verdade particular. Mas Deus não tem verdades relativas. Deus tem verdades absolutas, inclusive em relação à música e à adoração. Muitos dizem que não podemos produzir um louvor perfeito, porque a música e o louvor no Céu são por nós desconhecidos. É certo que aqui na Terra nunca poderemos produzir um louvor perfeito. É fato que nenhum de nós esteve no Céu para conhecer o louvor que lá se pratica. Mas será que Deus nos deixou sem orientações sobre este assunto? Se o louvor é direcionado a Deus, será que Ele não nos faria saber Sua vontade? Será que é para agirmos de acordo com as nossas conveniências pessoais?

Muitas pessoas afirmam que o uso desta ou daquela música, deste ou daquele instrumento, é uma questão cultural. Todos os seres humanos do planeta são filhos de Deus, e cada povo tem seus costumes característicos. Então, perguntamos: em qual cultura vamos nos fundamentar para fazer nossas escolhas musicais? Qual

das culturas humanas deve prevalecer para nossas opções musicais? Qual delas é usada no Céu?

Nem a cultura e nem o gosto pessoal são parâmetros para decisões. Adorar e louvar a Deus é uma questão definida por Ele, e não por nós mesmos.

“Deus convida Seu povo, que tem a luz diante de si na Palavra e nos Testemunhos, a ler e considerar, e dar ouvidos. **Instruções claras e definidas** têm sido dadas a fim de todos entenderem. Mas a comichão do desejo de dar origem a algo de novo dá em resultado doutrinas estranhas, e destrói largamente a influência dos que seriam uma força para o bem, caso mantivessem firme o princípio de sua confiança na verdade que o Senhor lhes dera” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 38).

A verdade precisa ser clara e apresentada em linhas bem definidas pelos fiéis embaixadores de Cristo.

“Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e **a Bíblia só**, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. (...) **Antes de aceitar** qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir em seu apoio um claro – ‘Assim diz o Senhor’” (Ellen G. White, O Grande Conflito, p. 595).

No decorrer de nosso estudo, trataremos de algumas questões delicadas e de alguns equívocos que talvez

estejamos cometendo por desconhecimento, mas que requerem uma mudança como indivíduos e como igreja. É preciso deixar claro que aceitamos a Igreja Adventista do Sétimo Dia como sendo a igreja verdadeira, por ser aquela que cumpre todos os requisitos bíblicos que identificam a igreja remanescente. Mesmo que pareça estar decaindo, cremos que ela permanecerá de pé, pois está fundamentada em Jesus Cristo e suas doutrinas estão em conformidade com a Bíblia.

Na realidade o problema sou eu, quando permito que uma série de gostos pessoais e vontades próprias me dominem e misturem-se às doutrinas da igreja; quando altero princípios e quero adaptá-los às minhas próprias conveniências.

Apesar de minhas falhas e das tentativas do inimigo no desvirtuar quase por completo esta instituição, ela permanecerá de pé, firme em seus princípios, e continuará sendo a amada do Senhor.

2. A MÚSICA DO CÉU

A música tem uma origem remota, muito antes da criação do mundo. Quando a Terra estava sendo criada, anjos cantavam em louvor a Deus.

“As estrelas da alva, juntas, alegremente **cantavam**, e rejubilavam todos os filhos de Deus” (Jó 38:7).

Muito afirmam que não existe um “Assim diz o Senhor” no que diz respeito à música, que não é possível saber o tipo de música que agrada e que não agrada a Deus, que somente no Céu saberemos o que Deus quer em relação à música. Será isto verdade? O que nos diz o Espírito de Profecia a respeito?

“Podemos **aprender** o assunto dos louvores e ações de graças **do coro celestial** em redor do trono. (...) A comunhão do Céu começa na Terra. **Aqui** aprendemos a nota tônica de seu louvor” (Ellen G. White, Educação, p. 168).

“Devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da **harmonia** dos coros celestiais” (Patriarcas e Profetas, p. 594).

Ora, se podemos aprender o assunto dos louvores em redor do trono, se é aqui na Terra que aprendemos a nota tônica do louvor celestial, se devemos nos esforçar para nos aproximar da harmonia dos coros celestiais,

como o faremos se nada nos foi revelado, se nada conhecemos a respeito disso? Como poderia Deus nos dar orientações impossíveis de serem seguidas? Será Deus incoerente? De maneira nenhuma. Realmente nenhum de nós jamais ouviu a música do Céu. Mas podemos aprender muito sobre ela refletindo naquilo que Deus nos deixou como direção.

“Uma vez que a música é a única arte que será levada desta terra para o Céu, **Deus não nos deixou em ignorância** sobre isto. Ele nos deu Sua palavra, o Santo Espírito e o Espírito de Profecia para nos guiar ao tomarmos nossa decisão que terá impacto sobre nosso destino eterno” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, p. XV).

“Deus sempre deixou **claros** os princípios que regem a verdadeira adoração. A fim de remover toda dúvida quanto ao que lhe é aceitável, Deus poderia facilmente ter revelado Sua vontade em relação à música e à adoração num único capítulo ou livro da Bíblia, como Ele fez com os Dez Mandamentos, mas Ele escolheu não fazê-lo. Em vez disso, Ele deu **princípios** infalíveis em sua palavra que governam e transcendem as questões de cunho cronológico, étnico, **cultural** e **gosto individual**” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, pp. 1-2).

Podemos, portanto, conhecer algumas características da música do Céu e o que Deus deseja como forma de

adoração. Podemos, também, obter orientações valiosíssimas de alguém que, em visão, esteve no Céu e teve o imenso privilégio de conhecer a música que ali se pratica. Seu nome: Ellen Gould White. E ela assim descreve:

“Foi-me mostrada a **ordem**, a perfeita ordem do Céu, e senti-me arrebatada ao escutar a música perfeita que ali há. Depois de sair da visão, o canto aqui me soou muito áspero e dissonante. Vi grupos de anjos que se achavam dispostos em quadrado, tendo cada um uma harpa de ouro. (...) Há um anjo que dirige sempre, o qual toca primeiro a harpa a fim de dar o tom, depois todos se juntam na majestosa e perfeita música do Céu. Ela é indescritível. É **melodia** celestial, enquanto cada semblante reflete a imagem de Jesus, irradiando glória indizível” (Testemunhos Seletos, vol. 1, p. 45).

“Acordes musicais perfeitos, **suaves** e **melodiosos**. O cântico dos anjos não irrita os ouvidos. É **macio, melodioso** e sem esforço físico” (Mensagens Escolhidas, Vol. 3, p. 333).

“As notas longamente puxadas e os sons peculiares, comuns no canto de óperas, não agradam aos anjos. Eles se deleitam em ouvir os **simples** cantos de louvor entoados em **tom natural**. Os cânticos em que cada palavra é pronunciada claramente em tom **harmonioso**, são os que os anjos se unem a nós para cantar. Eles tomam o estribilho entoado de coração com o

espírito e o **entendimento**” (Evangelismo, pp. 510-511).

“Entre os anjos não há exibições musicais tais como: **movimentação física**, voz áspera e **estridente**, uso de todo o poder e **volume de voz** que é possível. Isso não traz nenhuma melodia para aqueles que a ouvem na terra ou no Céu. Essa maneira não é aceitável a Deus” (Mensagens Escolhidas, Vol. 3, p. 333).

“O coro dos anjos não apresenta notas **estridentes** e **gesticulações**” (Manuscrito 5, 1874).

“A música faz parte do culto de Deus nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da **harmonia** dos coros celestiais” (Patriarcas e Profetas, p. 594).

“Deus não se agrada de algaravia [confusão de vozes; algo difícil de compreender] e **dissonância**” (Conselhos Sobre a Música, p. 23).

“Os anjos dirigentes desferirão o tom, e então todas as vozes se alçarão em louvor grato e feliz, e todas as mãos deslizarão habilmente sobre as cordas da harpa, originando uma música **melodiosa**, com acordes ricos e perfeitos” (Primeiros Escritos, pp. 288-289).

“Seus dedos não corriam pelas cordas descuidosamente, mas faziam vibrar diferentes cordas para produzir diferentes acordes. (...) majestosa e perfeita música do Céu” (Visões do Céu, p. 182).

“Depois dos anjos dirigentes, todas as mãos deslizam com maestria sobre as cordas da harpa, tirando-lhes uma música **suave** em ricos e **melodiosos** acordes. Diante da multidão está a cidade santa. Jesus abre as portas e a angélica multidão entra por elas, enquanto a música prorrompe em arrebatadora **melodia**” (O Grande Conflito, p. 651).

“Por entre o agitar dos ramos de palmeiras, os redimidos derramam um cântico de louvor, claro, **suave e melodioso**; todas as vozes apreendem a **harmonia** até que reboa pelas abóbadas do Céu” (Visões do Céu, p. 180).

Sabemos que os três elementos básicos que caracterizam um som como sendo música são a melodia, a harmonia e o ritmo. E examinando esses relatos nos livros do Espírito de Profecia podemos concluir que a música do Céu, aquela que é perfeita, enfatiza a melodia e a harmonia. Além disso, verificamos não existir movimentação física, dissonância, voz áspera e estridente e nem volume de voz excessivo. Mais adiante analisaremos estes três elementos detalhadamente.

Deus criou a música e escolheu alguém, a quem concedeu muito conhecimento, para que pudesse dirigi-la

no Céu: Lúcifer. Ele foi criado como um ser magnífico que era, e ainda é, um profundo conhecedor da música. Mas, além disso, ele não é um ser qualquer. Lúcifer dirigiu o coro angélico; ele não era um anjo que entendia de música como qualquer outro; ele estava acima de todos os anjos. Em todo o universo, com exceção da divindade, não existe ninguém com tanto conhecimento musical como Lúcifer. Porém, o Espírito de Profecia nos alerta:

“Não é suficiente conhecer os rudimentos do canto [e da música em geral]; porém, aliado ao conhecimento, deve haver tal **ligação** com o Céu que anjos possam cantar através de nós” (Ellen G. White, Manuscrito 5, 1874).

Lúcifer tinha, e ainda tem, este conhecimento muito mais do que qualquer criatura humana; mas faltou-lhe exatamente a **ligação** com o Céu. O resultado disso veremos mais adiante.

No ambiente celestial foi gerado um problema de adoração. Ocorreu, então, um conflito. Os anjos que escolheram seguir Lúcifer foram com ele expulsos do Céu. Não mais lhes foi permitido acesso ao Céu e nem mais foi permitido a Lúcifer dirigir a música. Quando o primeiro casal humano participava do louvor celestial, sentimentos negativos germinavam no coração de Lúcifer.

“Os anjos associaram-se a Adão e Eva em santos acordes de **harmoniosa** música. (...) Satanás ouviu o som de suas **melodias** de adoração ao Pai e ao Filho. E quando Satanás o

ouviu, sua inveja, ódio e malignidade aumentaram, e ele expressou a seus seguidores a sua ansiedade por incitá-los a desobedecer, atraindo assim sobre eles a ira de Deus e **mudando os seus cânticos de louvor em ódio e maldição ao seu Criador**” (Ellen G. White, História da Redenção, p. 31).

Após Lúcifer ser expulso do Céu, Deus não tirou dele nem os poderes nem os conhecimentos de música. Saiu com todas as características com que fora criado e nunca existiu nenhuma outra criatura que entendesse tanto de música como ele. Por isso, é tão importante que reflitamos sobre este assunto, a fim de que não sejamos enganados. Estamos diante de um incomparável especialista.

A música é um dos elementos do louvor; o louvor é um dos elementos da adoração; Satanás quer acabar com a adoração a Deus e é um grande especialista em música. Diante disso, precisamos estar atentos. Satanás certamente utiliza a música contra o povo de Deus, pois tem grandes chances de vencer na minha e na sua vida fazendo o que sabe de melhor.

“Ninguém melhor do que Satanás conhece a maneira perfeita do tipo de louvor que Deus aceita, não podemos ser crianças em achar que ele não iria desvirtuar o louvor **na igreja** a qual ele veio fazer guerra, seria muita ingenuidade de nossa parte pensar assim” (Hilton Robson, A Bateria e o Transe nos Rituais Xamânicos, disponível em

<<http://restaumaesperanca.blogspot.com.br/2009/02/bateria-e-o-transe-nos-rituais.html>>).

“Satanás fará da música um **laço** pela maneira por que é dirigida” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 38).

Gradativamente entenderemos como Satanás tem utilizado a música. É preciso investigar para não se aceitar tudo que ouvimos em relação à música como sendo adequado na adoração a Deus. Lembremos que Satanás usa a música para desvirtuar-nos da verdadeira adoração. Seu objetivo maior é o povo de Deus, o que nos leva a compreender que nem tudo o que ouvimos e vemos em nossas igrejas é aceitável. Satanás age em nosso meio nos limites da permissão de Deus.

“Digo a todos: Estai de sobreaviso, pois, como anjo de luz, **Satanás está percorrendo todas as reuniões** de obreiros cristãos, e **em cada igreja** procura ganhar para o seu lado os membros” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 3, p. 272).

3. SACRO, SECULAR E PROFANO

Existem música sacra, música secular e música profana. O objetivo de Satanás é misturar estes conceitos para semear confusão no louvor e desvirtuar a adoração a Deus. Vamos compreender um pouco melhor estes conceitos.

Música Sacra: “sacro” significa santo, separado. Algo separado é algo colocado à parte, algo não comum, algo exclusivo. Concluímos, então, que a música a ser usada para Deus é a música **sacra**; logo, ela tem que ser separada, diferente, exclusivamente para Deus.

Música Secular: “secular” significa “do século”, comum, corriqueiro. O sábado é um dia sacro, no qual desempenhamos atividades sacras, sagradas, separadas. Os outros dias da semana são seculares, nos quais desempenhamos atividades seculares. Aos sábados não trabalhamos por ser um dia separado, mas nos outros dias trabalhamos. Existe pecado em trabalhar? De forma alguma. Alguém vai para o trabalho para adorar a Deus? Sabemos que devemos honrá-Lo em tudo que fazemos, mas em nossos empregos especificamente desenvolvemos uma atividade profissional, secular.

Muitas pessoas pensam que, como cristãos, só podemos ouvir músicas sacras. Analisemos o seguinte: aos sábados eu tenho atividades sacras e nos outros dias eu tenho atividades seculares. Então, eu posso louvar a Deus com música sacra e também ouvir música secular. Veremos alguns exemplos mais adiante. A própria escritora Ellen G. White relatou ter ouvido música secular muito bem executada, quando em viagem à Nova Zelândia, em fevereiro de 1893. Ela escreveu:

“Por cerca de uma hora a neblina não se dissipava e o sol não conseguia penetrá-la. Os músicos [no navio], que deviam desembarcar naquele local, entretinham os impacientes

passageiros com música bem apresentada e bem selecionada. Ela não feria os sentidos como na noite anterior, mas era suave e realmente **gratificante** aos sentidos porque era harmoniosa” (Carta 6b, pp. 2-3).

Música Profana: “profano” significa algo declaradamente contrário a Deus e aos Seus princípios.

Trabalhar em uma atividade secular para a sobrevivência não representa mal algum, logo que essa atividade não seja profana. Em outras palavras, se eu trabalhar na produção de cerveja ou cigarro isto é uma atividade que além de secular também é profana.

A mesma coisa se aplica à música. Usemos a música sacra na adoração a Deus e usemos a música secular para outras atividades, atentando ao fato de que essa música secular que ouvimos e praticamos não seja profana.

Tomemos alguns exemplos para compreendermos melhor estes conceitos. Eu posso cantar: *"Santo, Santo, Santo, Deus onipotente, cedo de manhã cantaremos Seu louvor"*, pois estou adorando a Deus e entoando um hino exclusivamente para Ele. Eu também posso cantar: *"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas, de um povo o heróico brado retumbante"*. Esta música não é direcionada à adoração a Deus, mas é um hino cívico, em homenagem à nossa pátria, portanto um hino secular. Mas se eu cantar como Marilyn Manson *"Suicide is painless ... and I can take or leave it if I please, and you can do the same thing if you please"*, *"O suicídio é indolor ... e eu posso fazê-lo ou deixá-lo se eu quiser, e você pode fazer o*

mesmo se quiser”, ou se eu cantar um funk, com uma série de conteúdos obscenos, eu estarei ofendendo a Deus e ferindo os princípios cristãos. Ou seja, é uma música imprópria a qualquer momento.

O grande problema hoje é encontrar música secular que não seja profana. É usando essa mistura que Satanás tem atingido seus objetivos; inicialmente o faz de maneira sutil e depois o faz de modo cada vez mais ostensivo. Ele tem conseguido colocar essa mistura musical dentro das igrejas cristãs para chegar ao ponto em que a música sacra não seja mais praticada. A música é uma de suas armas mais poderosas para degenerar o louvor e a adoração ao verdadeiro Deus. É preciso que fiquemos atentos, porque o povo de Deus é o alvo maior de Satanás.

4. UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

Observando os registros históricos, é possível notar uma diferença entre o povo de Israel e os povos pagãos no que diz respeito às manifestações musicais e às maneiras de prestar culto. Satanás, gradativamente, incitou o povo no antigo Israel a aceitar o estilo de música e de culto dos povos idólatras. O fato dos israelitas terem sido escravizados por séculos de sua história, favoreceu que eles absorvessem os costumes pagãos em seu viver diário. Isto trouxe sérias consequências espirituais ao povo de Deus. Séculos mais tarde, Satanás utilizou a mesma estratégia com a igreja cristã primitiva. O cristianismo sofreu um desvirtuamento ao começar a

comprometer os seus valores, a fim de conquistar uma maior quantidade de pessoas e se tornar mais popular. Assim, mais outra vez, o cristianismo e o paganismo sutilmente ficaram misturados.

Nos países europeus, por muito tempo, a música foi controlada pelo sistema eclesiástico católico romano e muitos compositores, como Vivaldi e Haendel, compunham músicas com temas cristãos. Também é bom lembrar das composições do luterano J. S. Bach que ficaram muito conhecidas no mundo até hoje. Neste período existiam os “mecenas” – pessoas que patrocinavam a arte, a ciência e o ensino da época – e a maior parte deles estava ligada à Igreja. O maior cliente dos artistas, dos cientistas e mestres era a Igreja, por isso ela controlava o conteúdo das produções.

No período dos descobrimentos os ingleses chegaram à América do Norte, os portugueses chegaram ao Brasil e os espanhóis aos demais países da América Latina. Infelizmente, todos eles levavam consigo africanos escravizados. Acontecem, novamente, misturas culturais. A música resultante da miscigenação de europeus, africanos e nativos indígenas ficou, primeiramente, caracterizada pela mescla da estrutura melódica europeia com as estruturas rítmicas indígena e africana.

Na Guerra Civil na América do Norte, os estados do norte industrializados versus os estados do sul agrícolas e dependentes de trabalhadores escravizados, o assim chamado “homem branco” é convocado para lutar e penhora seus instrumentos musicais antes de partir,

deixando-os como garantia diante do risco de nunca mais voltarem para casa para continuarem a cumprir com suas obrigações financeiras; e o assim chamado “homem negro” começa a ser liberto para trabalhar por salário. Com esse dinheiro, o “homem negro” comprou aqueles instrumentos penhorados pelo “homem branco” e daí duas vertentes musicais importantes começaram a surgir: músicas com mensagens religiosas produzidas pelo afro-americano que acreditava em Deus e músicas com mensagens não religiosas, ou seja, mensagens profanas, daqueles que não criam em Deus. Neste contexto de música profana surgem três estilos musicais muito conhecidos: o Blues, o Jazz e o Swing.

Antes de continuarmos, é de suma importância que o leitor compreenda que ao relatarmos sobre europeus, africanos e indígenas nossa intenção não é responsabilizar etnias pela degradação moral e musical da sociedade. O atual estado de degradação da espécie humana não foi causado por europeus ou americanos ou asiáticos, por brancos ou negros ou índios. A atual condição espiritual humana existe devido a pessoas de todas as nacionalidades e etnias que aceitaram ser controladas pelo poder de Satanás.

Voltando às origens dos estilos musicais anteriormente citados, vamos compreender algumas questões. A palavra Blues, quando se trata de estilo musical, significa tristeza, melancolia. Não é à toa que os temas do Blues são os vícios e os amores desfeitos. A palavra Swing significa balanço, pêndulo; em relação ao estilo musical representa o movimento corporal durante o

ato sexual. A palavra "jazz" tem sua origem na palavra "jizz", que significa "ejaculação"; e é por esta razão que este estilo musical representa o auge do prazer físico.

Partindo do nascimento do Blues, do Swing e do Jazz, surge o Rock and Roll, do qual falaremos mais adiante. Antes, porém, já podemos notar que este estilo musical nasceu em um ambiente profano, criado por pessoas que optaram por uma vida longe da adoração a Deus.

É importante que estejamos atentos, pois Satanás toma coisas boas em si mesmas e as deteriora de forma que se tornem destrutivas. Por exemplo, suco de uva é algo saudável, mas, se for fermentado, as pessoas o consumirão e ficarão viciadas em algo destrutivo. Sexo é algo prazeroso e santo aos olhos de Deus, quando praticado dentro dos limites do casamento. Mas se o sexo for deteriorado, desmoralizado, tornar-se-á a causa da ruína de muitos. O Espírito de Profecia confirma esta estratégia quando diz:

"Satanás mesmo imaginou um plano. Ele tomaria o fruto da vide, também o trigo e outras coisas dadas por Deus como alimento, e convertê-los-ia em venenos que arruinariam as faculdades físicas, mentais e morais do homem, dominariam de tal maneira os sentidos, que Satanás teria sobre eles inteiro controle. (...) há muitas coisas que são boas em si mesmas, mas que **pervertidas** por Satanás, provam-se um laço para os **desprevenidos**" (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, pp. 103 e 163).

Sendo especialista em música e inimigo dos adoradores do Criador, Satanás não deixaria de fora a música sacra. Cada vez mais Satanás desvirtua esta música de forma que Deus seja ofendido e Seus adoradores sejam enganados e confundidos.

5. O ROCK AND ROLL

Existem por aí grupos que apóiam a utilização do Rock como forma de louvor a Deus. Outros há que afirmam ser o Rock uma ferramenta satânica. Qual dos grupos está correto?

Sempre que citarmos o Rock and Roll, não estaremos nos referindo somente a Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, U2 ou às demais bandas que temos hoje. Estamos nos referindo a toda uma estrutura musical que nasceu do Swing, do Blues e do Jazz, incluindo Reagge, Hip-Hop, Funk, Bossa Nova, Samba, Rap, entre outros.

Depois da Segunda Guerra Mundial, a batida do Blues foi intensificada pelas guitarras elétricas, baixos e baterias. As primeiras gravações foram feitas por Chuck Berry, Bo Diddley e John Lee Hooker. Estes discos "raciais", como ficaram conhecidos na indústria fonográfica, foram tocados em 1952 por Alan Freed, em seu programa de rádio de fim de tarde chamado Moondog Matinee. Tomando emprestada uma frase que ocorria em várias canções de Rhythm-and-Blues, Freed chamou o estilo de "Rock and Roll". Esta expressão era usada nos guetos, nas favelas de Nova York, como um **eufemismo**,

um termo agradável para suavizar a expressão real, que significava as **relações sexuais** promíscuas que aconteciam no assento traseiro dos carros. Nesta perspectiva, como seria então o Rock cristão?

Freed foi para a cidade de Nova York tocar suas melodias na WABC, que era uma das maiores estações de rádio da época. A batida acentuada começou a contagiar a juventude americana. A popularidade de Freed não deveria durar muito. Em 1959, um escândalo de suborno levou Freed a renunciar. Ele tinha recebido propinas dos cantores de Rock e grupos que promovia. Freed morreu cinco anos depois com a idade de 42 anos, bêbado e sem dinheiro. O homem que deu nome ao Rock and Roll era a sua primeira vítima.

As pessoas costumam dizer que o Rock and Roll é do diabo. Será que isto procede? Conhecemos a letra da música de Raul Seixas que afirma claramente ser o diabo o pai do Rock. Porém, precisamos de mais detalhes e provas.

Você conhece um homem chamado Aleister Crowley? Você já ouviu falar a respeito do Movimento Nova Era? A Nova Era prega que o bem e o mal não existem, mas ambos são uma coisa só. Prega também a unidade universal e que Deus não é uma Pessoa, mas uma energia que está em tudo, inclusive dentro de nós mesmos. E Aleister Crowley é considerado o pai do Movimento Nova Era, o pai do satanismo moderno e o **padroeiro do Rock**. Seus discípulos foram responsáveis por desencadear cinco revoluções muito conhecidas na

década de 60 que detalharemos mais adiante: a revolução social (inversão de valores sociais), a revolução sexual (sexo livre e homossexualismo), a revolução das drogas (liberação de vários vícios), a revolução espiritual e a revolução satânica.

Aleister Crowley expressa seu ódio a Jesus Cristo no livro "The World's Tragedy" ("A Tragédia do Mundo"), dizendo:

"Não quero discutir as doutrinas de Jesus, elas e somente elas, degradaram o mundo à sua condição atual. Considero o cristianismo não somente a causa, mas também o sintoma da escravidão" (Aleister Crowley, *The World's Tragedy*, p. XXXIX). "Essa religião que eles chamam de cristianismo; o diabo que eles honram chamam de Deus. Aceito essas definições, como um poeta faria, para ser inteligível à sua época, e é o Deus e a religião deles que eu **odeio** e **vou destruir**" (Aleister Crowley, *ibidem*, p. XXXI).

Este é o homem que consideram o padroeiro do Rock, um "santo" para os rockeiros.

Poucos conhecem Robert Leroy Johnson. Ele é considerado o pai do Rock and Roll. Ele costumava acompanhar grandes músicos e nunca tinha a chance de tocar, pois tocava muito mal. Em determinada época ele desapareceu por seis meses e, quando voltou, juntou-se novamente aos amigos. Então, eles se prepararam para um show e Robert pediu para tocar também. Como de costume, eles não quiseram deixar, pois sabiam que ele

tocava muito mal. Robert pediu que o deixassem tocar só desta vez e que o público decidisse se ele era bom ou não. Os músicos consentiram e, quando Robert pegou no violão, tocou de uma forma que todos ficaram impressionados, como alguém poderia tocar tão bem em tão pouco tempo. Questionado, Robert respondeu:

“Eu fui à encruzilhada entre as estradas 61 e 49 e fiz um pacto com o diabo para me tornar um gênio da música.”

Esta história real é contada no filme “A Encruzilhada”, interpretado por Ralph Macchio. Sendo assim, apesar de considerarem Robert Johnson como o pai do Rock and Roll, concluímos que o verdadeiro pai é mesmo o diabo, como afirma a música de Raul Seixas. Afinal, não são os cristãos que o estão acusando, mas o próprio Robert Johnson declara ter feito um pacto com o diabo. Além disso, ele tem uma música que diz assim:

“Hoje de manhã cedo, quando você bateu na minha porta, eu disse: *‘Olá, Satanás, acho que é hora de ir’*. Eu e o demônio andamos lado a lado.”

Ele mesmo assumiu o seu pacto. Robert Johnson morreu em 16 de agosto de 1938, agonizando supostamente por envenenamento.

Concluímos até aqui que se alguém quiser ser um gênio musical, basta fazer um pacto com Satanás para receber este poder. Fica claro que há algum fenômeno

relacionado a ser muito famoso no meio musical. Você já reparou que por anos tivemos muitos talentos nas igrejas, mas que nunca chegaram a ser milionários, mundialmente famosos e a atrair multidões em diversos países? Parece que somente pessoas que têm vidas e filosofias contrárias aos princípios do cristianismo é que conseguem seguir na carreira da fama.

E o que dizer de Elvis Presley, o rei do Rock? Em seus 42 anos de vida, Elvis bateu todos os recordes da indústria fonográfica. Mas nada disso o impediu de entrar em uma espiral de uso de drogas e remédios. Ele era um menino comum antes de se tornar famoso. O jovem Elvis decidiu gravar em 1954 um disco como presente de aniversário para sua mãe. Era o começo de sua carreira. Um ano depois, sua primeira gravação, "Heartbreak Hotel", ganhou disco de ouro e liderou as paradas americanas durante dezessete semanas. Os jovens aderiram ao Rock de Elvis com entusiasmo, porque misturava estilos como o **Gospel** e a música negra. Elvis foi o responsável por legitimar o Rock como o conhecemos hoje e de **apagar os limites** que separam os diferentes estilos musicais.

Se lermos a biografia de Elvis, iremos notar que ele era fã de tudo o que tem a ver com ocultismo. Elvis estudava teologia, filosofia oriental, numerologia, objetos voadores não identificados, espiritismo, reencarnação, vida após a morte, telepatia, etc. Chegou inclusive a fazer muitas tentativas para se comunicar telepaticamente. Elvis estava particularmente curioso sobre os mistérios da morte e assegurou aos amigos que, se morresse, iria

encontrar um jeito de se comunicar do além. Como se não bastasse, passou a frequentar uma academia espiritualista em Pasadena (Califórnia). Elvis era fã de Helena Petrovna Blavatsky, amiga das irmãs Fox, que foram as fundadoras do espiritismo moderno. E Madame Blavatski é chamada de “mãe do satanismo moderno”, sendo ela quem lançou as raízes do Movimento Nova Era. O nome do grupo de back vocal de Elvis foi inspirado em um livro de Madame Blavatski chamado “The Voice of Silence” e foi registrado como “Voice”.

Geralmente as pessoas imaginam Elvis Presley cantando hinos com uma voz melodiosa e temos dificuldade em reconhecer que sua vida e carreira foram dedicadas ao satanismo. Assim como a maior parte dos grandes músicos americanos, Elvis cresceu no meio religioso, numa igreja afro-americana, e **abandonou** a religião para obter sucesso e fama. Conhecemos outros músicos que abandonaram a igreja por causa da fama: Whitney Houston, Mariah Carey, Michael Jackson, entre outros. Elvis acabou morrendo com 42 anos de idade, de insuficiência cardíaca pelo abuso de tóxicos (overdose), supostamente legais, pois era dependente de medicamentos.

Verificamos que tanto o padroeiro quanto o pai do Rock and Roll estiveram envolvidos com o satanismo; e que o rei do Rock and Roll esteve envolvido com o ocultismo. Não nos resta nenhuma dúvida a respeito da relação entre Satanás e o Rock and Roll.

6. REVOLUÇÕES DOS ANOS 60

Como citamos anteriormente, Aleister Crowley, o padroeiro do Rock, foi responsável por desencadear, por meio de seus seguidores, cinco revoluções distintas. Muitos viram tais eventos como importantes atos sociais, mas cada um deles foi o fruto de um plano muito bem arquitetado por Satanás.

Revolução Social

Ao longo da história o mundo conheceu diversos músicos considerados verdadeiros gênios. Estes se apresentavam em diversos lugares e momentos. As reações do público que os prestigiava eram contidas, limitando-se apenas a aplausos e simples demonstrações de apreço. Com o passar dos anos os músicos começaram a vivenciar uma situação diferente, quando de suas apresentações. Surgiram as expressões “fã”, “ídolo”, “show”. O público não apenas aplaudia, mas também gritava, assobiava, pulava histericamente. Tal fenômeno teve início com a revolução social liderada pelos Beatles e acompanhada por uma inversão de valores expressa no Blues, no Swing, no Jazz e no Rock and Roll. Mais adiante veremos que os Beatles, além de anticristãos, eram discípulos de Aleister Crowley.

O modelo social lançado pelos Beatles funcionava da seguinte forma: não são mais os idosos que devem liderar, e sim os jovens que dominam a sociedade. Antes pessoas de mais idade e com mais experiência eram procuradas pelos jovens para aprendizados e preparo para

a vida. Depois dos Beatles as pessoas jovens não tinham o menor interesse nisso, querendo apenas “curtir a vida”. A juventude passou a seguir “ídolos” sem experiência e que eram negativos exemplos pessoais e sociais.

No mundo musical começou a surgir uma cultura diferente. Não bastava gostar da música, ela precisava ser vivida e fazer parte da personalidade. Essa revolução fez surgir grupos específicos que falavam, andavam e se vestiam de acordo com os estilos musicais que ouviam. Nesse contexto da época o conceito de religião invadiu o conceito de música. As pessoas tinham os seus ídolos, seus deuses, pois eles eram adoradores (fãs) que se reuniam nos seus templos, que eram os grandes salões e estádios onde os shows eram realizados; eles tinham sua própria manifestação de culto que eram os gritos, os aplausos, os autógrafos; até davam suas ofertas ao adquirirem ingressos por preços exorbitantes. Parecia que a música tornara-se uma “religião”, sendo ela o fruto dessa revolução social. Esta conclusão pode ser confirmada no seguinte artigo:

“Já dizia a banda alemã Helloween: ‘Heavy metal is the law’ (Heavy metal é a lei), mas os britânicos querem mais. Não basta ser a lei, tem que ser **religião**. Pelo menos é o que pretende a revista Metal Hammer, que lançou uma campanha para que a vertente do Rock seja reconhecida como religião no próximo censo do Reino Unido, que acontece em 2011. Para fazer do Heavy Metal a mais nova religião dos britânicos, a Metal Hammer conta com a ajuda de um embaixador, Biff Byford,

vocalista do Saxon. 'Fazer o heavy metal ser reconhecido como religião é uma boa forma de se rebelar, não é? Isso realmente vai ser uma coisa muito legal', disse o músico. O editor da Metal Hammer, Alexander Milas, justifica sua campanha ao site Gigwise: 'Desde que o Black Sabbath lançou seu primeiro álbum há 40 anos, o Heavy Metal cresceu e se tornou uma das instituições culturais mais significativas do Reino Unido, e um fenômeno global'. Além de incentivar os fãs a responder o censo, a revista também pergunta quem teria uma posição de prestígio na futura Igreja do Heavy Metal, além de possíveis cidades e lugares que poderiam fazer parte da comunidade da nova crença britânica" (Britânicos querem transformar o Heavy Metal em religião, Yahoo! Brasil, 19/01/2010).

Achamos oportuno comentar que nos causa surpresa pessoas que mal têm alimento para uma refeição substancial e, no entanto, frequentemente conseguem comprar ingressos para ver seu time de futebol jogar ou sua banda de Rock favorita se apresentar; mas criticam a devolução do dízimo e criticam o dar ofertas para causas das igrejas.

Revolução Sexual

Nos anos 60 o movimento homossexual começou a crescer, a tornar-se público e a obter apoios relevantes. Harry Hay, nascido na Inglaterra em 1912, desencadeou este movimento ativista nos Estados Unidos, onde foi o

fundador da Mattachine Society na defesa dos direitos dos gays norte-americanos. Ele era um dos discípulos de Aleister Crowley e era assumidamente homossexual. Ele escreveu um livro com falsas sondagens que supostamente revelavam que a maior parte dos americanos mantinha relações sexuais antes do casamento, e isto foi algo que motivou muitos a se sentirem normais ao assim procederem.

Neste momento faz-se necessário abriremos um parêntese. Quando falamos de homossexualismo, a reação mais comum em nossa sociedade é a de taxar-nos de preconceituosos. Porém, precisamos esclarecer que não temos preconceitos, mas **conceitos**. As pessoas têm a ideia de que, se digo que não concordo, sou um preconceituoso. Preconceituoso é alguém que não conhece, não fez análise do fato e já tem um conceito formado sobre o mesmo; por isso a palavra "*pré-conceito*". Analisar, estudar e concluir sobre uma questão e apresentá-la bem definida e fundamentada, isto é um **conceito**.

Na Bíblia lemos:

"Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher; é **abominação**" (Levítico 18:22).

"Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, os dois terão praticado uma **abominação**" (Levítico 20:13).

E o apóstolo Paulo declara:

“Por isso Deus os abandonou às paixões infames, porque até as suas **mulheres mudaram o uso natural**, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, **homens com homens**, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro” (Romanos 1:26-27).

“Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os **sodomitas**, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus” (I Coríntios 6:10).

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; **homem e mulher** os criou” (Gênesis 1:27).

“Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne” (Gênesis 2:24).

A Bíblia é clara quando diz homem e mulher, **nada mais**. Considerando os textos citados, concluímos que o homossexualismo também é uma forma de rebeldia contra Deus.

Queremos deixar claro que amamos o homossexual e Deus também, mas de forma alguma aceitamos o homossexualismo; e, como confirmado na Bíblia, Deus também não. Somos contra qualquer forma de violência, física ou verbal, direcionada a qualquer pessoa, homossexual ou não; porém não significa que

concordamos com as práticas homossexuais. **Isto é um conceito.**

Retomando o assunto principal de nosso estudo, nem precisaríamos citar nada a respeito da revolução sexual, visto que o Rock and Roll escolheu como seu slogan "**Sexo**, Drogas e Rock and Roll".

Revolução das Drogas

Timothy Leary foi um dos principais defensores do LSD, sendo ele mesmo um consumidor de drogas. Trabalhava como professor na Universidade de Harvard, participou do movimento Hippie e foi discípulo de Aleister Crowley. Como doutor em Psicologia desenvolveu pesquisas sobre o cérebro humano que geraram controvérsias, porque defendiam o uso de alucinógenos na terapia de pacientes alcoólicos e no tratamento de esquizofrênicos. Conseguiu convencer o Departamento de Psicologia de Harvard a iniciar pesquisas administrando drogas a estudantes que se mostravam interessados. No entanto, existiram estudantes que não participaram desse programa experimental e que, por conta própria, passaram a consumir drogas. T. Leary foi um grande incentivador dos "benefícios terapêuticos e espirituais" do LSD, e um grande militante das drogas, ficando conhecido como o Papa do LSD.

Convidado a se retirar da Universidade de Harvard após uma certa pressão da Igreja, T. Leary continuou seus estudos com fundos próprios, recebendo em sua fazenda amigos, artistas e poetas. Ali todos podiam usar

LSD à vontade, com a condição de que relatassem o que sentiam. Rapidamente aquele local foi ganhando fama como um reduto de orgias sexuais, depravações, etc. O ex-presidente americano Richard Nixon chegou a chamar Timothy Leary de “o homem mais perigoso da América”.

Novamente demonstrou ser verdadeiro o slogan “Sexo, **Drogas** e Rock and Roll”.

Revolução Espiritual

Além de participarem ativamente na construção de uma revolução social, como citamos anteriormente, os Beatles desencadearam uma revolução espiritual. Em determinado ponto de sua carreira foram para países orientais e de lá trouxeram uma série de práticas e de filosofias hinduístas, budistas, harekrishnas, entre outras.

Naquela época George Harrison compôs uma música chamada “My Sweet Lord”, que dizia “*My sweet lord, aleluia*” e depois mudava para “*My sweet lord, Hare Krishna*”. De acordo com a maioria dos dicionários, a palavra Krishna significa “negro” ou “escuro” e às vezes se traduz como “O Senhor Negro”. O movimento tem origem no hinduísmo, afirmando que Krishna é a encarnação de Deus e ensina meditação transcendental através de mantras. Os mantras são rituais sonoros dados pelo mestre ao discípulo, cuja recitação teria o poder de pôr em ação a influência espiritual que lhe corresponde, ou melhor dizendo, gerar um estado de **transe**. Então, George Harrison cantava “*Meu querido 'Senhor Negro'*”.

Alguns podem até considerar exagero de nossa parte apontarmos os Beatles como revolucionários espirituais, mas na verdade nem precisaríamos trazer estas informações, pois o próprio John Lennon afirmou:

“O cristianismo vai desaparecer e encolher. Eu não preciso discutir isso, eu estou certo e vou provar. **Nós somos mais populares que Jesus agora.** Eu não sei qual vai desaparecer primeiro – o Rock'n Roll ou o cristianismo. Jesus foi muito legal, mas seus discípulos eram **grosseiros** e **ordinários**” (How Does A Beatle Live? John Lennon Lives Like This – London Evening Standard, 4 de março de 1966).

Não é uma declaração espiritual? Pouco tempo depois de ter dito isto, John Lenon foi assassinado por um de seus “adoradores”.

“[Os Beatles] são totalmente anticristãos! Eu também sou anticristão, mas eles são tão anticristãos que me deixam chocados, o que não é uma coisa fácil” (Derek Taylor, Assessor de Imprensa dos Beatles, entrevista ao Saturday Evening Post, 08/08/1964).

Revolução Satanista

Será que podemos dizer que os *Beatles* desencadearam uma revolução satânica? Informamos que não somente eles, mas vários outros músicos também o fizeram.

O álbum máximo da carreira dos Beatles foi o "Sargent Pepper's Lonely Hearts Club Band", "O Clube do Sargento Pimenta e dos Corações Solitários".



Este álbum foi lançado simultaneamente com o álbum dos *Rolling Stones* "Their Satanic Majesties Request", "Os Requisitos de sua Majestade Satânica", no qual existe a música "Sympathy for the Devil", "Simpatia pelo Diabo". Esta música tem frases como:

Por favor, deixe-me apresentar
Estive aí por muitos anos
Roubei a alma e destino de muitos homens
Estava lá quando Jesus Cristo
Teve seu momento de indecisão e dor
Certifiquei-me de que Pilatos
Lavasse suas mãos e selasse seu destino
Assim como todo policial é criminoso
E todos os pecadores são santos
E cara é coroa
Simplesmente me chame de Lúcifer
Porque preciso de algum nome

Na época, os Beatles e os Rolling Stones eram considerados rivais, mas olhando a capa do álbum dos Beatles encontramos uma bonequinha à direita, onde se lê em sua blusa: "Welcome the Rolling Stones, all good boys", "Bem-vindos os Rolling Stones, todos bons rapazes". E na capa do álbum dos Rolling Stones estão expostas duas fotos de dois Beatles entre as flores (figura).



Os Beatles eram considerados uma banda "leve", enquanto os Rolling Stones eram uma banda "pesada". Como podem duas bandas consideradas rivais lançarem álbuns ao mesmo tempo, com as mesmas características, com fotos de uns nos outros e elogios mútuos? Satanás faz com que lados opostos se envolvam de alguma forma e lutem entre si para que surja um novo sistema de pessoas "livres", vivendo uma filosofia comum e de seu próprio interesse. Ou, se você preferir simplificar, a realidade é que todos servem ao mesmo senhor, apesar de aparentemente rivais. Criando essa rivalidade, são criados dois lados, duas opções, uma "leve" e outra "pesada" que são dois extremos, e as pessoas escolhem uma delas. Independente da escolha que as pessoas fossem induzidas a fazer, estariam servindo ao mesmo "senhor", supondo que a opção pela mais "leve" era garantia de que não havia qualquer problema.

Satanás trabalha em duas vertentes: os pactos assumidos publicamente e os pactos secretos. Todos os músicos que fazem pactos com o diabo para terem fama e sucesso musical, não assumindo isto publicamente, em algum tempo são cobrados pelo “senhor” que escolheram. Essas bandas, na realidade, funcionam como “laranjas”, ou seja, são utilizadas apenas para um propósito transitório e com o tempo seus componentes morrem, ou perdem a fama, e desaparecem. No Brasil citamos a banda Mamonas Assassinas que introduziu um estilo irreverente com obscenidades declaradas. Essa banda alcançou um surpreendente e repentino sucesso em todo o país, apesar dos conteúdos vazios e imorais de suas músicas. Da mesma maneira repentina, desapareceu depois de uma morte trágica num desastre aéreo. Os próprios Beatles tiveram uma carreira relativamente curta. Por outro lado, a maioria das bandas que assume seu pacto publicamente permanece por mais tempo, por exemplo, Rolling Stones, Kiss, ACDC, Black Sabbath que, apesar de idosos, ainda fazem sucesso.

David Bowie, músico e ator britânico das décadas de 70 e 80, surpreendeu o mundo da música com a seguinte declaração:

“Rock sim tem sido a **música do diabo** (...) Eu acredito que o Rock and Roll é perigoso (...) eu sinto que estamos somente anunciando alguma coisa ainda mais **escura** do que nós mesmos” (Revista Rolling Stones, 12 de fevereiro de 1976).

A banda U2 tem uma música que é tocada no filme "A Cidade dos Anjos", chamada "What If God Would Send His Angels", "E Se Deus Enviasse Seus Anjos", na qual cantam o seguinte:

"Deus tem o telefone fora do gancho, querida. Ele atenderia se pudesse. (...) Então, onde está a fé, o amor e a esperança?"

E na música "Peace On Earth", "Paz na Terra", eles cantam:

"Jesus, na música que Tu escreveste as palavras estão entaladas na minha garganta. Paz na Terra? Eu ouço isto todos os natais, mas esperança e história não combinam. Então de que vale essa paz na Terra?"

Os U2 têm uma série de músicas que blasfemam do nome de Jesus.

O ex-vocalista dos *ACDC*, Bon Scott, cantava uma música com a seguinte frase: "Don't stop me, I'm going down all the way, wow the highway to hell", "Não me impeça, vou seguir o caminho até o fim, na auto-estrada para o inferno".

Estes são apenas alguns dos inúmeros exemplos de bandas que abertamente assumiram o pacto feito com Satanás. Porém, aqueles músicos que fazem seus pactos satânicos para obter fama, mais cedo ou mais tarde, pagam o terrível preço com suas próprias vidas. Verifiquemos as "coincidências" nas histórias de alguns desses músicos.

Foi lançado no mercado o livro "The 27s: The Greatest Myth of Rock and Roll", escrito por Eric Segalstada e Josh Hunter, relatando todos os nomes do Rock e do Blues que morreram aos 27 anos de idade. O livro também deixa no ar a pergunta: "Por que aos 27 anos?" Veja alguns nomes dessa lista:

Brian Jones – guitarrista dos Rolling Stones, o músico morreu afogado na piscina de sua casa em julho de 1969. Ele tinha 27 anos.

Alan Wilson – vocalista da banda de Blues californiana Canned Heat, foi encontrado morto, vítima de uma overdose de heroína. O músico sofria de depressão e sua morte foi considerada como suicídio, em setembro de 1970. Ele tinha 27 anos.

Jim Morrison – o vocalista dos Doors foi encontrado morto na banheira de seu apartamento, em Paris, por sua companheira Pamela Courson, no dia 3 de julho de 1971. Os rumores eram de uma overdose accidental. Ele tinha 27 anos.

Jimi Hendrix – considerado o maior guitarrista de todos os tempos, morreu após ingerir nove comprimidos para dormir, asfixiado pelo vômito, durante o sono, em setembro de 1970. Curiosamente ele trabalhava numa nova letra chamada "The story of life is quicker than the wink of an eye", "A história da vida é tão rápida quanto uma piscada de olho". Ele tinha 27 anos.

Janis Joplin – morreu de uma overdose de heroína, possivelmente combinada com os efeitos do álcool, em outubro de 1970. Dias antes de sua morte, ela gravou uma fita desejando feliz aniversário ao Beatle John Lennon. O tape chegou à casa de John no dia seguinte ao da morte da cantora. Ela tinha 27 anos.

Kurt Cobain – o líder do Nirvana foi encontrado morto em sua casa, em Seattle, por um electricista, em abril de 1994. Ele supostamente havia cometido suicídio. Ele tinha 27 anos.

Ron McKerman – também conhecido como PigPen, o músico foi um dos fundadores do Grateful Dead, banda californiana. Alcoolatra assumido, Pigpen morreu de uma hemorragia gastrointestinal em 1973. Ele tinha 27 anos.

Pete Ham – guitarrista e vocalista da banda Badfinger, grupo britânico do país de Gales, que apareceu no final da década de 60, apadrinhados pelos Beatles. Devido a problemas pessoais e financeiros, o músico se enforcou na garagem de sua casa em abril de 1975. Ele tinha 27 anos.

Chris Bell – ao lado do músico Alex Chilton, ele liderou o Big Star, uma banda norte-americana do início dos anos 70. Sua morte veio em consequência de uma depressão por sua homossexualidade reprimida e também pelo uso de heroína. Em 27 de dezembro de 1978, seu carro colidiu contra um poste de iluminação e Chris Bell morreu instantaneamente. Ele tinha 27 anos.

D Boon – vocalista norte-americano e guitarrista do trio punk californiano Minutemen. Sua morte trágica aconteceu em 1985, quando foi acidentalmente jogado para fora da Van em que viajava pelo deserto do Arizona. Ele tinha 27 anos.

Pete de Freitas – baterista do Echo & The Bunnymen, banda da cidade de Liverpool, liderada pelo vocalista Ian McCulloch, que teve seu auge na década de 80. O baterista morreu em 1989 em um acidente de moto viajando de Londres para Liverpool. Ele tinha 27 anos.

Robert Johnson – como citamos anteriormente, morreu em agosto de 1938. A causa de sua morte possivelmente foi envenenamento. Ele tinha 27 anos.

A lista ainda continua com outros nomes menos famosos, porém todos com uma história dentro da música pop. Será mesmo mera coincidência que todos morram com exatos 27 anos? Ou será que alguém coordena tudo isto?

Se os Beatles realmente tinham um pacto secreto com Satanás, como é possível saber? Observemos alguns sinais satânicos em um de seus álbuns. Eles afirmaram ter colocado na capa o rosto de algumas pessoas das quais eles eram fãs. São elas:

Aldous Huxley, Albert Einstein, Albert Stubbins, Alberto Vargas, **Aleister Crowley**, Aubrey Beardsley, Bob Dylan, Bobby Breen, Carl Gustav Jung, Diana Dors, Dion DiMucci, Dr. David Livingstone, Dylan Thomas, Edgar Allan Poe, Fred Astaire, George Bernard Shaw, George Harrison, Huntz Hall, H. G. Wells, H. C. Westermann, Issy Bonn, John Lennon, Johnny Weissmuller, Karl Marx, Karlheinz Stockhausen, Larry Bell, Lenny Bruce, Lewis CarRoll, Mae West, Marilyn Monroe, Marlene Dietrich, Marlon Brando, Max Miller, Oliver Hardy, Oscar Wilde, Paul McCartney, Richard Lindner, Richard Merkin, Ringo Starr, Robert Peel, Shirley Temple, Simon Rodia, Sonny Liston, Sri Lahiri Mahasaya, Sri Mahavatar, abaji, Sri Paramahansa Yogananda, Sri Yukteswar Giri, Stan Laurel, Stephen Crane, Stuart Sutcliffe, Terry Southern, The Petty Girl of George, Petty, Lawrence of Arabia, Tom Mix, Tommy Handley, Tony Curtis, Tyrone Power, Wallace Berman, William S. Burroughs, W. C. Fields.

Nesta lista encontramos escritores evolucionistas, cientistas ateus, artistas plásticos promotores do erotismo, um cantor de Rock que saiu do mundo evangélico, cantores de casas noturnas, atores e atrizes, um ex-luterano que se tornou discípulo de Freud, hinduístas, gurus, marxistas, revolucionários, entre outras figuras. E, como não poderia deixar de ser, entre eles está Aleister Crowley. Outro aspecto interessante é que a música principal do álbum diz:

“It was twenty years ago today, Sargent Pepper taught the band to play” (foi há vinte anos que o Sargento Pimenta ensinou a banda a tocar).

O álbum foi lançado em 1967 e Aleister Crowley morreu em 1947. Então eles dedicaram o álbum ao pai do satanismo moderno, dizendo que há vinte anos ele deixou a mensagem que deveriam transmitir. Todo o simbolismo do álbum apresenta essa ideia, pois há todo o tipo de pessoas anticristãs; e lá embaixo, no centro, vemos uma prostituta de vermelho com uma taça na mão. Na Bíblia lemos:

“E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das **abominações** e da imundícia da sua prostituição” (Apocalipse 17:4).

A imagem do álbum é a de uma prostituta hindu com quatro braços e, em um deles, ela segura um pentagrama invertido que é o símbolo do satanismo.

Através deste álbum os Beatles assumiram seu pacto satânico de forma discreta, porque o objetivo era ser uma banda "laranja" para promover uma revolução na sociedade, para abrir caminho até o ponto em que as pessoas se habituassem ao novo estilo de música e, assim, gradativamente aceitassem o Rock pesado.

Note que os Beatles eram uma banda bem "leve". Então, se essas bandas leves fizeram pactos satânicos, será que as bandas pesadas de hoje também não os fizeram? De fato vamos encontrar isso acontecendo em diversas delas e em vários lugares. Alguns rappers divulgam práticas satânicas, como a necrofilia, cantada pelo grupo DMX. Uma de suas músicas diz:

"Eu tenho sangue em minhas mãos e não há remorso; eu tenho sangue em meu 'genital' porque eu 'fiz sexo' com um cadáver."

Em outro exemplo, o rapper Eminem canta uma música chamada "Role Model" que diz assim:

"OK, eu vou tentar me afogar
Vocês podem tentar isso em casa
Vocês podem ser como eu!
Façam o que eu digo e façam
Exatamente o que a música diz:
Fume maconha, tome pílulas, cai fora
da escola, mate pessoas e beba"

Todas estas influências negativas geradas por estas espécies de músicas são captadas pelos jovens, o que depois de algum tempo os levam à apatia espiritual, à

depressão e, depois desta, as duas saídas são o suicídio ou o satanismo. Vejam a cultura gótica, também chamada de Dark (escuridão, sombra) no Brasil da década de 80. Vejam como vestem roupas escuras, são todos pálidos com uma atitude depressiva e a música que ouvem é como o Blues. A música dos góticos se voltam para temas que exaltam a decadência, o egoísmo e o lado sombrio. Isto é encontrado em músicas como de Evanescence, com o título "Going Under", "Indo Para Baixo" ou "Estou Afundando". A palavra Evanescence deriva do verbo latino "evanescere", que significa "desaparecer". O nome agradou Amy Lee (vocalista), porque segundo ela "*é misterioso e sombrio, e coloca uma imagem na mente das pessoas*" (Amy Lee Brasil. Disponível <<http://amyleebrasil.com/flogvip/evanescence/historia.php>>).

Existem também músicas como a de Marilyn Manson, com o título "Suicide Is Painless", "Suicídio é Indolor". A letra tem frases como estas:

"O jogo da vida é difícil de jogar,
eu vou perder de qualquer forma.
Eu percebo, eu posso ver, que **o suicídio é indolor**;
Traz muitas mudanças e eu posso
fazê-lo ou deixá-lo se quiser
E você pode fazer o mesmo se quiser."

Podemos tomar muitos outros exemplos e nem precisamos entrar no campo das mensagens subliminares, mas vamos fazer um breve comentário sobre elas.

7. MENSAGENS SUBLIMINARES

Satanás não é ignorante, ele já está cansado de utilizar mensagens subliminares, e hoje suas mensagens são apresentadas de forma cada vez mais aberta e direta. Mas as mensagens subliminares são uma ferramenta muito eficaz.

Um interessante artigo, publicado pela BBC Brasil, nos revela que as mensagens subliminares são mais efetivas quando tratam de conteúdos negativos. Veja algumas citações do artigo:

“As pessoas são capazes de perceber mensagens subliminares, particularmente se seu teor é **negativo**, diz um estudo britânico. Em três experimentos realizados por pesquisadores da University College London, de Londres, participantes foram expostos, durante curtos períodos de tempo, a imagens que continham palavras neutras, negativas ou positivas. As palavras apareciam de forma camuflada, ou seja, não eram facilmente identificáveis. Após observar as imagens, os voluntários tinham de classificá-las, dizendo se elas sugeriam alguma emoção ou não. No final, os participantes foram capazes de categorizar corretamente 66% das palavras negativas subliminares em comparação com apenas 50% das positivas. Os autores do estudo, publicado na revista científica *Emotion*, disseram que a habilidade de reagirmos a sinais sutis nos ajuda a evitar o perigo. Na pesquisa, a cientista Nilli Lavie, da University College, mostrou aos 50 participantes uma série de palavras em uma tela de computador. Cada palavra aparecia na tela por apenas uma fração de segundo – tempo tão pequeno que não permitia que o participante conscientemente lesse a palavra. As palavras eram positivas (alegre, flor, paz), negativas (agonia, desespero, assassinato) ou

neutras (caixa, orelha, chaleira). Após ver cada palavra, os participantes tinham de dizer se ela era neutra ou tinha impacto emocional (positivo ou negativo) e quão confiantes estavam em relação à sua escolha. Os pesquisadores verificaram que os participantes tendiam a responder mais precisamente após ser expostos a palavras negativas mesmo quando acreditavam que estavam apenas adivinhando suas respostas. 'Nós demonstramos que as pessoas são capazes de perceber o valor emocional de **mensagens subliminares** e provamos conclusivamente que as pessoas são muito mais sensíveis a palavras **negativas**', disse Lavie. A pesquisadora disse que seu trabalho pode ter aplicações em campanhas de marketing: 'Palavras negativas podem ter impacto mais rápido', disse. O slogan 'Mate a sua Velocidade', por exemplo, pode funcionar melhor do que 'Diminua', ela sugere. Entretanto, o especialista em psicologia do marketing Paul Buckley, da Cardiff School of Management, no País de Gales, disse que não há evidências de que mensagens subliminares funcionam em situações reais do dia a dia. 'Em termos práticos, este (experimento) não reflete necessariamente o que aconteceria na vida real'" (Mensagens subliminares negativas são mais efetivas, diz estudo. Disponível <http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia_e_tecnologia>).

Como dissemos anteriormente, Satanás não se importa mais com as mensagens subliminares; ele já as usou o suficiente para promover de tudo, e agora aquelas bandas que fizeram pacto com ele estão passando suas mensagens abertamente. As pessoas, incluindo cristãos, se habituaram a ouvi-las e consideram que tudo é normal.

Este material não tem o objetivo de tratar a respeito do Rock and Roll. Esta breve abordagem do assunto se

fez necessária para compreendermos alguns aspectos da música mundana e provarmos sua ligação direta com Satanás. Então, pergunta-se: é correto usar esta música como oferta a Deus?

8. MÚSICA POP PARA DEUS?

O diabo sempre quis misturar o sagrado com o secular, o secular com o profano e o sagrado com o profano. Ele tem trabalhado nisto desde o princípio, desde que foi expulso do Céu. E hoje existem pessoas que afirmam ser o Rock, bem como o Funk, o Samba, o Jazz, a Bossa Nova e a New Age, entre outros estilos, aceitáveis para Deus como forma de alcançar almas que, de outra forma, não teriam contato com o evangelho. Afirmam que, para haver uma comunicação eficaz, devemos falar a linguagem das pessoas e oferecer a elas aquilo que lhes agrada. É importante frisarmos que o fato de discordarmos de determinada ideia não representa desrespeito à pessoa que a defende. Nossa intenção não é a de analisar pessoas, mas a de apresentar as razões pelas quais discordamos de determinado argumento.

A seguir transcrevemos um trecho de um artigo publicado neste contexto e os motivos por que discordamos do mesmo.

“Não percam tempo tentando adivinhar o gosto de Deus ou tentando criar a música santa ou separada do mundo, pois mais cedo ou tarde vocês vão descobrir que é impossível fazer música sem emprestar elementos de outros estilos musicais sejam eles ligados à elite ou ao

povão. E mais, procurem um veículo de comunicação eficiente, pois se o receptor não compreende a mensagem enviada, a comunicação será sem efeito. Vocês descobrirão que, em alguns casos, a única música que alcança alguns tipos de pessoas são o Rap, o Samba, o Funk, o Erudito, o Gospel, a Bossa Nova, o Coral Alemão, o New Age, o Jazz, o Pagode, ou qualquer nome que se venha a designar os estilos musicais” (Não Existe Música Santa. Música é Música! Disponível em <<http://www.flaviosantos.com.br/artigos/musicasanta.html>>).

Consideramos ser esta a visão humana do assunto, não a visão de Deus, nem a visão da Igreja Adventista do Sétimo dia, como veremos mais adiante. O próprio autor do artigo declara de maneira muito honesta:

“Este texto não pretende ser a verdade ou a norma para a música da igreja. O texto são considerações e reflexões de um compositor Adventista” Não Existe Música Santa. Música é Música! Disponível em <<http://www.flaviosantos.com.br/artigos/musicasanta.html>>).

Da mesma forma, expomos neste momento nossas considerações e reflexões do assunto. Não haveria necessidade de uma análise profunda se compreendêssemos o real sentido da palavra “sacro(a)”. Sabemos que existem músicas nascidas nos rituais tribais africanos que são as bases do Blues (melancolia e depressão), do Jazz (ejaculação) e do Rock and Roll (promiscuidade), que têm o tambor como seu principal instrumento, que têm como padroeiro o pai do satanismo moderno e do movimento Nova Era, que promovem a rebeldia e o anticristianismo, que têm como slogan “Sexo,

drogas e Rock and Roll” e alimentam a carne e não o espírito. O que há de bom nisso que possa ser aproveitado para adorar a Deus?

Imaginem que um casal está prestes a se casar. O noivo traz uma linda aliança para a noiva. Porém, ao olhar para dentro da aliança, a noiva percebe que está gravado ali o nome de outra moça. Obviamente ela recusa o presente. O noivo explica:

“Sabe, este nome que está aqui é da minha ex-noiva. Eu comprei esta aliança para ela, mas o relacionamento não deu certo e terminamos. Guardei a aliança e agora estou dando a você. Mas se o problema é o nome que está aí, não se preocupe; eu levo a um ourives, apago este nome e escrevo o seu”.

A noiva responde:

“Não adianta mudar o nome, porque eu sei que esta aliança **não foi feita para mim.**”

Será que não é exatamente o que estamos fazendo com Deus? Tínhamos um relacionamento com Satanás e fizemos uma aliança com ele. Depois decidimos “terminar” com o Inimigo e optamos por um novo relacionamento com Deus. Pegamos a velha aliança que tínhamos com o Inimigo e a oferecemos a Deus, apenas alterando o nome que nela estava gravado. Estamos oferecendo a Deus o mesmo tipo de música que oferecíamos a Satanás, só que alteramos a letra, apagamos o nome do Inimigo e escrevemos o nome de Deus. É isto que nosso Criador

merece receber? Será que isto realmente é fazer música separa, exclusiva, sacra?

“Muitos acreditam que a única maneira efetiva de alcançar a nova geração é incorporar a música **Rock** e a **bateria** no serviço de adoração. Sei **por experiência** que tal pensamento é errado” (Karl Tsatalbasidis. Drums, Rock and Worship – Modern Music in Today’s Church: Editora Amazing Facts, 2003).

Karl, autor desta citação, é ex-baterista do Jazz e estudou com os maiores músicos do Canadá. Certamente ele sabe o que está afirmando.

Hoje em dia ouvimos Samba para Deus, Axé para Deus, Rock para Deus, Funk para Deus, Pagode para Deus, Forró para Deus, etc. Esta mistura é do agrado de Deus? É correto atrair pessoas oferecendo-lhes aquilo que “gostam” para obter muitas aparentes decisões por Jesus Cristo? Qual será a visão de Deus sobre o assunto?

“A meu povo ensinarão a **distinguir entre o santo e o profano** e o farão discernir entre o imundo e o limpo” (Ezequiel 44:23).

“Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (I Coríntios 10:21).

“Porque sois povo santo ao Senhor, vosso Deus, e o Senhor vos escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhe serdes **Seu povo próprio**” (Deuteronômio 14:2).

“Ser-me-eis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo e **separei-vos** dos povos, para serdes meus” (Levítico 20:26).

“**Ninguém pode servir a dois senhores**; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24).

“Não permitais que vossos esforços sejam no sentido de seguir os modos do mundo, mas as maneiras de Deus. (...) Os que, em seu trabalho para Deus, confiam em **planos mundanos** para obter êxito, hão de **fracassar**. O Senhor requer uma mudança em vossa maneira de trabalhar” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 148).

O problema com essa mistura é que estamos trazendo “fogo estranho” ao altar do Senhor. Quando decidimos rebaixar nossas normas para sermos simpáticos ao mundo e amigos deste, automaticamente tomamos uma decisão contra Cristo.

“Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tiago 4:4).

“Deus pronunciou uma **maldição** sobre aqueles que se afastam de Seus mandamentos e não fazem **diferença** entre as coisas **comuns** e as coisas **santas**. Ele não aceita obediência parcial. É seu propósito ensinar ao povo que devem aproximar-se com reverência e temor e da maneira indicada por Ele. Deus requer hoje de Seu povo uma **distinção** tão grande do mundo, nos costumes, hábitos e princípios [e na música], como exigia

de Israel antigamente” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, pp. 373, 484).

“Irmãos, retirai vossas mãos da obra, a menos que possais distinguir o fogo sagrado do comum” (Ellen G. White, Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos, p. 260).

“A associação com as coisas do mundo no setor musical é considerado inofensivo por alguns observadores do sábadó. Tais pessoas estão, porém, em terreno perigoso. É assim que Satanás procura desviar homens e mulheres, e dessa maneira **tem ganho o controle de almas**. Tão suave, tão plausível é o trabalho do inimigo que não se suspeita dos seus ardis, e muitos membros de igreja tornam-se mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 332).

“Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (I Reis 18:21).

“Ele [Satanás] levará o maior número possível a (...) se tornar no procedimento, **semelhante ao mundo, imitando-lhe** os costumes” (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, p. 84).

“A religião pura e sem mácula, para com nosso Deus e Pai, é esta: (...) a si mesmo guardar-se **incontaminado** do mundo” (Tiago 1:27).

“O qual a Si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para Si mesmo,

um povo **exclusivamente Seu**, zeloso de boas obras” (Tito 2:14).

Jesus Cristo morreu para nos remir, para nos purificar, para retirar de nós toda a sujeira do pecado e nos separar para sermos somente dEle. Agora queremos trazer toda a sujeira de volta e dividirmos nosso coração, nosso templo e nosso culto entre Cristo e o mundo? Mas que união pode haver entre a luz e as trevas?

“Porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” (II Coríntios 6:14).

Como casar a mensagem de Deus com o veículo de Satanás? Queremos oferecer às pessoas o que elas gostam, não o que precisam. O apóstolo Paulo jamais concordaria com isso. Vejamos o que ele diz a respeito:

“Assim falamos, não para que agrademos a homens e sim **a Deus**, que prova os nossos corações” (I Tessalonicenses 2:4).

Quando buscamos intensamente agradar somente a Deus e trabalhar da forma como Ele nos pede, atraímos os descrentes que se converterão ao Senhor e os verdadeiros cristãos serão mantidos no Senhor.

Em entrevista a uma rede de TV, um líder musical da Igreja Adventista do Sétimo Dia fez a seguinte declaração que expressa muito bem a importância de resgatarmos nossa identidade própria:

“Deus tem nos chamado para sempre fazer a diferença. Deus não nos chamou para sermos iguais aos outros, mas para sermos **diferentes**. Existe uma corrente que diz que, para trazer a pessoa lá de fora, eu preciso me tornar igual a ela. Mas eu questiono isso. Eu creio que muitas pessoas virão **justamente porque você é diferente**. Precisamos rejeitar essa tendência de nos tornarmos mais parecidos com o mundo que Deus nos chamou para mudar” (Programa Perfil Musical. Disponível em <<http://blip.tv/perfil-musical/wanderson-paiva-5443934>>).

Infelizmente muitos perderam o respeito que deveriam ter pela santidade. Deus é considerado aquilo que nós queremos que Ele seja. Neste novo estilo de cristianismo, Deus está dentro de cada pessoa. Isto é o resultado de um trabalho muito bem planejado por Satanás, misturando o sagrado com o profano, misturando a filosofia de “Deus em mim” com o foco carnal e sensorial do Rock para preparar a chegada do anticristo. Para isto, ele precisa de um novo sistema de louvor como cunho do seu tipo de cristianismo. Deus escolheu para Seu culto o ser adorado em **espírito** e em **verdade**, ou seja, um culto racional. Satanás quer ser adorado na **carne**. Seus adoradores vão para suas igrejas pensando que estão adorando a Cristo, mas estão adorando a Satanás. Em vez de cantarem/tocarem com a razão, com o entendimento, estão cantando/tocando predominantemente com os sentimentos, aplausos, gritos, choros e danças. É uma verdadeira festa onde as pessoas querem sentir e não compreender e obedecer. É um

carnaval. O problema é que carnaval significa festa da carne e não do espírito.

“O Espírito Santo **nunca** Se revela por tais métodos, em tal **balbúrdia** [algazarra] de ruídos. Isto é uma invenção de Satanás para encobrir seus engenhosos métodos para **anular** o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. (...) a verdade para este tempo não necessita nada dessa espécie em sua obra de converter almas. Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças das instrumentalidades satânicas misturam-se com o alarido e o barulho, para se ter um **carnaval**, e isto será chamado de operação do Espírito Santo” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 37).

A Bíblia diz:

“O Senhor está no Seu santo templo. **Cale-se** diante dEle toda a Terra” (Habacuque 2:20).

Deus disse a Moisés:

“Não te chegues para cá; **tira os sapatos de teus pés**; porque o lugar em que tu estás é terra **santa**” (Êxodo 3:5).

E aquele local era apenas o deserto, mas a presença de Deus o tornou santo. Imagine então o que Deus tem a dizer à igreja em relação às suas ações. O templo não é lugar para esse tipo de festa. Pessoas que assim procedem, transformando a casa de culto em casa de

shows, não gostam de cristianismo. Então elas têm que “temperá-lo”. Elas não gostam de uma vida santificada, não gostam de abandonar seus maus hábitos, de mudar a sua alimentação, de mudar o seu vestuário, de mudar a sua música e seus entretenimentos. Então elas pegam todas essas coisas de que gostam e “temperam” o cristianismo com elas. É o que muitos de nós temos feito. Não gostamos dos hinos do hinário e por isso colocamos uma bateria para “modernizá-los”. Muitos jovens evangélicos batem no peito, orgulhosos por terem se “convertido”, porque antes frequentavam baladas, mas agora fazem baladas para Jesus. Isto é conversão?

“Como importante parte do que pensam ser solução contra a mornidão, os cultos da mocidade **aposentam os hinários tradicionais** e começam a adotar instrumentos e músicas **dançasíveis**. (...) O diagnóstico da tepidez foi certo, mas o remédio é errado. (...) Os resultados serão enganosos, meramente exteriores e satisfatórios **à carne** (sim, à carne, sob o **disfarce** da religiosidade)” (Hilton Robson – A Bateria e o Transe nos Rituais Xamânicos, <http://restaumaesperanca.blogspot.com.br/2009/02/bateria-e-o-transe-nos-rituais.html>).

“Ao folhear atentamente uma revista cristã, David Wilkerson, um autor cristão, descreveu em seu livro seu estado de horror e choque quando viu um quadro de um grupo de Heavy Metal que se autodenominava cristão, vestido com o mesmo estilo de couro preto, cintos cravados de ferro, braceletes, correntes e cabelo estilo ‘punk’ como os doze sadomasoquistas que o abordaram de perto nas ruas de São Francisco. Como pode ser isso? Como poderia um grupo ‘cristão’ se parecer e se vestir

como sadomasoquistas, tocar seu tipo de música e ainda se autodenominar embaixadores de Cristo?" (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, p. 17).

Esse tipo de comportamento transmite a ideia de que não é preciso abandonar o que está errado, não é preciso deixar o passado pecaminoso, não é preciso contrariar o gosto pessoal, mas apenas mudar as palavras. Mudar a letra de uma música não muda o seu efeito. Fazemos uma verdadeira festa dentro da igreja, transformando-a em uma casa de entretenimentos e diversão, e não é só com a música, como veremos mais adiante.

"Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mateus 24:24).

Para que um falso cristo chegue, um falso sistema religioso, um falso sistema de adoração, um falso reavivamento e um falso cristianismo devem ser criados para recebê-lo. Este é o grande engano que, se possível, enganaria até os escolhidos, um sistema de culto muito semelhante ao cristianismo, que opera milagres, prodígios, fala "em nome de Jesus", mas que não passa de uma contrafação, uma cópia barata do verdadeiro cristianismo criado pelo verdadeiro Deus. Precisamos, com urgência, rever nossos conceitos. Mais do que isto, precisamos rever nossos princípios e retornar ao ponto em que nos desviamos do curso que Deus determinou para Sua Igreja.

Qual seria a visão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre este assunto?

“Toda melodia que pertença à categoria do ‘**Jazz**’, ‘**Rock**’ ou formas **correlatas**, e toda expressão de linguagem que se refira a sentimentos tolos ou triviais, serão evitadas” (Manual da IASD, edição 2010, p. 151).

Oficialmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia não aprova nenhum estilo de música nascido nas bases do Jazz, do Rock e em **todas as formas correlatas**. A Igreja nunca mudou. Quem mudou fomos nós que decidimos trazer nossos gostos pessoais pervertidos e misturá-los às doutrinas santas e perfeitas da igreja.

Muitos dizem que isto é apenas uma adaptação cultural, uma adequação da igreja à modernidade. Mas no documento registrado em uma das conferências da Associação Geral da IASD, intitulado “Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música”, lemos:

“Os hábitos e a **cultura** não são guias suficientes na escolha da música” (Documento votado no dia 13/10/2004).

Se a cultura não é guia suficiente, significa que devemos atentar também para outros guias. A Igreja não mudou. Nós é que devemos voltar aos marcos antigos dos quais nos desviamos.

Não será uma coincidência que essa “adaptação cultural” surja e se fortaleça justamente quando vivemos os últimos dias deste mundo? Atualmente quase não mais

existe Música Sacra nas igrejas. As novas gerações não mais usam esta expressão e talvez nem a conheçam. Mesmo que a conhecessem, possivelmente não compreenderiam o seu significado. Hoje a moda é Música Gospel. Mas o que é isto? Qual a origem dessa Música Gospel?

9. A MÚSICA GOSPEL

O Gospel é uma estrutura musical de origem africana que surgiu no final do século dezenove nas igrejas evangélicas do sul dos Estados Unidos da América. Esta música, geralmente, era cantada por um solista e acompanhada de um “back vocal” ou instrumental. Cantores famosos da música norte-americana começaram como cantores de Gospel nas igrejas. A música Gospel ajudou a moldar a música popular na América do Norte, **como Blues e Jazz**, e também influenciou e foi influenciada por outros estilos; ou seja, a música Gospel é o resultado de uma **mescla de estilos**.

Os quartetos Gospel, surgidos após a Segunda Guerra Mundial, apresentavam **músicas “gritadas”, danças** e roupas **extravagantes**. O Rock dos anos 50 bebeu dessa fonte com Bill Halley and His Comets, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley.

Comercialmente o estilo Gospel fez sucesso nos Estados Unidos a partir da década de 70, e **o Rock** passou a ser o seu “**carro-chefe**”. Em seguida, o **Funk** e o **Reggae** foram também **incorporados** ao estilo. Bandas “heavy metal” como a Stryper, de Los Angeles,

apresentavam música Gospel e grandes espetáculos foram organizados por todo o país com cada vez mais emissoras de rádio transmitindo programações Gospel.

Na atualidade o prêmio Grammy, considerado o Oscar da música, inclui a categoria Gospel e há grupos musicais que cobram quantias milionárias por cada apresentação.

No Brasil, além do Rock, a música Gospel **assimilou outros ritmos** como Samba e Pagode. Hoje a música Gospel nacional já ganhou destaque na televisão aberta e em eventos como a Festa do Peão em Barretos.

De acordo com seus gêneros musicais variados, o Gospel oferece aos grupos religiosos cristãos uma música com **características populares**, sendo usada por diversos motivos que incluem o **entretenimento**.

É possível, neste momento, tirar algumas conclusões relacionadas à música Gospel: tornou-se uma forma alternativa para o povo cristão ouvir e praticar música popular como entretenimento e ainda obter lucros comerciais, por que é uma música intimamente relacionada com Rock, Blues, Jazz e com todos os estilos que deles derivam.

“Thomas A. Dorsey é considerado por muitos como o pai da Música Gospel. No início de sua carreira ele era um importante pianista do **Blues**, conhecido como Georgia Tom. Ele começou a escrever Gospel depois que ouviu Charles A. Tindley numa convenção de músicos na Filadélfia, e depois, abandonando as letras mais agressivas de outras canções, **não abandonou,**

contudo, o ritmo de Jazz tão parecido com o de Tindley. A Igreja inicialmente não gostou do estilo de Dorsey e **não achou apropriado para o santuário**, na época. Em 1994, após o seu falecimento, a revista Norte-americana Score publicou um artigo com o título: The Father of Gospel Music (em português, 'O Pai da Música Gospel'); nesse artigo a revista declara que quando Dorsey percebeu, no início de sua carreira com o Gospel, que muita gente estava brigando contra a música Gospel, ele estava 'determinado a carregar a bandeira' a favor do Gospel. Assim ele fez. Investiu em 500 cópias da canção 'If You See My Saviour' (em português, 'Se você vir meu salvador') e enviou para diversas igrejas do país. Levou quase três anos para ele conseguir mais pedidos da música e ele quase retornou a tocar o **Blues**. Mas Dorsey não desistiu e com a ajuda de outros músicos foi em frente. (...) escreveu centenas de músicas Gospel e testemunhou a sua música subir no púlpito das igrejas – **onde, uma vez, recusaram-na de subir**" (Phil Petrie, The History of Gospel Music, Online, em Inglês. Disponível <<http://afgen.com/gospel1.html>>).

"Ainda que o termo 'Música Gospel' possa abranger um campo da Música muito vasto, seus estilos, embora com nomes variados, possuem todos uma mesma essência e raiz — a música cristã negra nos Estados Unidos da América, que fluiu da igreja Afro-americana e inspirou corais modernos, artistas do mercado **Rhythm & Blues**, e o atual Gospel, além de outros estilos musicais do gênero. Alimentado pela gigantesca indústria multibilionária de gravação musical nos EUA, o 'pequeno infante' da música Gospel pulou do seu berço humilde e **cristão** e atravessou as muralhas da igreja para um mercado bem diferente do mundo atual. E o Gospel continua a crescer. De acordo com a revista Norte-americana 'Gospel Today', entre 2003 e 2008 sete gravadoras criaram divisões especiais somente

para lidar com artistas Gospel; as estatísticas da mesma publicação indicaram que os selos independentes cresceram 50%, e o rendimento das vendas só de música Gospel chegou a triplicar nas últimas décadas, de US\$ 180 milhões em 1980 a US\$ 500 milhões em 1990” (Phil Petrie, *The History of Gospel Music*, Online, em Inglês. Disponível <<http://afgen.com/gospel1.html>>).

Elvis Presley e o Gospel

Sem dúvida Elvis Presley foi um dos maiores divulgadores deste estilo musical durante todo o século vinte. Elvis apreciava interpretar também música Country e algumas músicas de estilo erudito, incluindo-as em seus álbuns desde a década de 50. Elvis lançou quatro álbuns Gospel e ganhou três prêmios Grammy (1967, 1972 e 1974) por suas interpretações. Em 2001 ele entrou para o “hall da fama” do Gospel, deixando para sempre marcado o seu nome nesse estilo musical.

Gospel no Brasil

Na década de 60 a música Gospel era pouco conhecida. A estética predominante na música cristã nas igrejas de denominações protestantes era a **Música Sacra** apresentada em hinários e sendo interpretada, em seus cultos, por corais e pelas congregações.

Neste período iniciou-se o processo de **mudança de conceitos** na música cristã e, com as primeiras gravações do estilo Gospel, um novo padrão de louvor e uma nova forma de adoração foram sendo instauradas no culto

cristão que, aos poucos, alteraria a configuração musical da Igreja Evangélica em nosso país.

Na década de 70 a música Gospel entra na fase de formação e qualificação técnica de músicos e de equipes de apoio. Surgem os cursos de capacitação ministerial que revelam as primeiras gerações de cantores e bandas Gospel. Essa década é um período de afirmação da **música popular cristã** em todo ocidente. A efervescência dos movimentos de contracultura, como o Tropicalismo no Brasil e os Híppies nos Estados Unidos, promovem a explosão de **ritmos populares**. Inseridas neste contexto surgiram, então, as primeiras bandas **“Rock Cristão”**.

Na década de 80, com um staff de técnicos treinados e músicos qualificados, os produtores de música Gospel começam a organizar os meios de produção com a criação de estúdios de gravação exclusivamente evangélicos e a profissionalização de equipes de sonoplastia. A partir daí aparecem os primeiros engenheiros de som e produtores musicais voltados para a música Gospel. Novos intérpretes (cantores e instrumentistas) e novos ministérios surgiram em todo o país. Passo a passo os evangélicos conquistaram um suporte financeiro que possibilitou que assumissem o controle da cadeia de produção e instituíssem um mercado fonográfico segmentado alicerçado na música Gospel. As **mudanças** na Igreja Evangélica relativas à **adoração**, ao **comportamento** e ao **consumo sustentaram** a importação da Música Cristã Contemporânea (Contemporary Christian Music – CCM) dos Estados Unidos. Assim, o estilo Gospel foi

importado para o Brasil e patenteados. Uma das consequências dessa importação foi o surgimento da primeira gravadora especializada em **"Rock Cristão"**. Músicos e missionários ligados ao **Pentecostalismo** multiplicaram-se imensamente.

Na década de 90 aconteceu o "boom" do Neopentecostalismo com suas produções musicais Gospel patrocinadas por Comunidades Evangélicas (CEs). Foram desse período os primeiros sucessos internacionais da música Gospel brasileira, as primeiras inserções na mídia secular e os grandes eventos populares chamados de "adoração". O **Pentecostalismo** e o **Neopentecostalismo** mostraram sua cara a públicos nunca antes imaginados por meio da gravação de CDs "ao vivo" e do registro de ministrações com o "dom de línguas". As turnês internacionais de cantores e ministérios se tornaram frequentes, ou seja, tanto os brasileiros iam ao exterior como os estrangeiros vinham ao Brasil. Os CDs do Gospel brasileiro passaram a ter tiragens em inglês e espanhol para atender a demanda do novo mercado consumidor. Neste momento começam a surgir as bandas de **"Metal Cristão"** ("heavy metal"). A música Gospel caminhava a passos largos em seu processo de industrialização, criando premiações para "os melhores" talentos deste estilo musical, criando a organização oficial de um staff de músicos cristãos, obtendo concessões de estações de rádio e de canais de televisão para grandes grupos evangélicos e conseguindo a edição da Lei 9.612/98 (Rádios Comunitárias), que

multiplicou a quantidade de estações de rádio evangélicas em todo o país.

Na década 2000, houve o crescimento de solistas cantores e instrumentistas, **rompendo com os padrões** anteriores. Nas igrejas evangélicas a “**dança** profética” passou a ser aceita como um das formas de adoração nas congregações.

Foram realizados muitos cursos de formação de Ministros de Louvor e foi criada a ExpoCristã, que foi um veículo de divulgação usado pelos meios de produção da música Gospel para tornar este estilo ainda mais **popular**. Em consequência aconteceram grandes eventos que propiciaram não só maior conhecimento artístico e religioso deste estilo, mas também propiciou a expansão do poder econômico deste segmento do mercado fonográfico. A tecnologia ofereceu aos produtores Gospel a possibilidade de um comportamento interativo com o público e isto fomentou o surgimento das ligas de blogueiros evangélicos, das comunidades virtuais e dos sites especializados neste estilo musical.

Perspectivas da Música Gospel

“Recentemente, a Associação Brasileira de Produtores de Disco (ABPD), formada pelas maiores gravadoras e distribuidoras do mercado fonográfico brasileiro, chegou a afirmar que a música Gospel – no tocante às três esferas de música religiosa, Música Cristã Contemporânea (CCM), Música Católica Popular e Música evangélica – é o segundo gênero mais vendido no Brasil,

perdendo apenas para o Pop Rock” (Música Cristã Contemporânea. Disponível <http://pt.wikipedia.org/wiki/Música_cristã_contemporânea>).

Na verdade, a música Gospel é o único segmento que tem crescido em todo o mercado fonográfico. De acordo com estimativas especializadas, o mercado evangélico cresceu 30% em 2009 (Diário do Nordeste / Revista Enfoque, ed. 53). Ultimamente, a indústria fonográfica secular tem encolhido 20% ao ano, ao passo que o Gospel cresce 30% ao ano (Relatório ABPD. Estatísticas e dados de mercado. Disponível <<http://www.abpd.org.br>>). Será que Deus tem se tornado cada vez mais popular? Ou o que é popular tem se tornado um deus?

Outro fenômeno ligado ao mercado fonográfico da música Gospel é o **fã-clube**. Apesar de ser um tema controverso para cristãos, que envolve idolatria e fanatismo, não limita a criação do que o público tem chamado de “Clube de Admiradores” e “Rede de Amigos”. As palavras “Admiradores” (“Admiradores da Artista X”) e “Amigos” (“Amigos do Ministério Y”) têm sido muito utilizadas nessas agremiações temáticas em relação aos artistas e ministérios.

Existe na Revista Veja uma seção chamada “Veja Recomenda” em que são recomendados filmes, DVDs, CDs, livros, etc. Quanto aos CDs, a revista apresenta descrições que falam por si sobre quais são as músicas

componentes do Gospel. Leiamos e depois reflitamos se o Gospel realmente serve para adorar a Deus.

CD, SONNY, PLEASE, Sonny Rollins (Universal) – O saxofonista de 78 anos é uma das últimas lendas vivas do Jazz. Rollins participou de discos importantes do trompetista Miles Davis e do pianista Thelonious Monk e lançou pelo menos dois clássicos irretocáveis – Saxophone Colossus e Tenor Madness, ambos de 1956. É também um dos ícones do Hard Bop, vertente do Jazz que adicionou ao gênero elementos do Blues e do **Gospel**. ... A banda que acompanha Rollins é de alto calibre – os destaques são o baterista e produtor Steve Jordan e o trombonista Clifton Anderson, sobrinho de Rollins (VEJA Recomenda – 27/08/2008).

CD, Lifeline, Ben Harper & the Innocent Criminals (EMI) – No início de carreira, o cantor e guitarrista parecia um cruzamento de Jimi Hendrix com Bob Marley. Do primeiro, Harper herdou o virtuosismo e o Blues. A contribuição de Marley estava na linguagem do Reggae (aquela batida que fez de Harper o cantor predileto entre os surfistas) e nos refrãos pegajosos. Em Lifeline, o cantor amplia seu leque de referências musicais. O Blues e o Reggae convivem agora com gêneros como o **Gospel** e a música Country. (Revista VEJA, ed. 2028, 03/10/2007).

CD. Undiscovered, James Morrison (Universal) – A imprensa britânica saudou o cantor de 21 anos como "o novo Otis Redding", e seu disco de estréia foi aclamado como um clássico da música negra. Exageros à parte, a voz de Morrison impressiona, bem como sua biografia. Ele se familiarizou com o Rhythm'n'Blues por meio da coleção de discos de sua mãe, fã de artistas do quilate de Al Green e Stevie

Wonder. Há dois anos, foi descoberto por um olheiro da gravadora Universal, que o colocou em estúdio acompanhado pelos melhores instrumentistas que um artista poderia desejar. Undiscovered mostra um artista de primeira categoria, influenciado não apenas pelo Soul, mas também pela **Música Gospel** americana (VEJA on-line, 28-02-2007).

CD, The Best Of, Blur (EMI) – No início dos anos 90, as bandas Blur e Oasis tentaram imitar o clima de rivalidade que ditou a carreira dos Beatles e dos Rolling Stones na década de 60. As duas atacavam-se mutuamente pela imprensa e lançavam compactos ao mesmo tempo, só para conferir qual era a preferida do público inglês. É certo que boa parte dos duelos foi ganha pelo Oasis, mas o Blur, como mostra esta coletânea, sempre foi mais versátil. A banda tem uma trajetória interessante. Ela atualizou o som psicodélico de conjuntos como Kinks e The Who – ícones do Rock britânico dos anos 60 – e flertou com a androginia (como na faixa Girls & Boys). A melhor fase do grupo, no entanto, ocorreu a partir de 1997, com o lançamento do CD Blur. As fontes musicais do Blur, daí em diante, foram o Rock independente e o **Gospel** americanos (Veja on-line, 08/11/2000).

CD, The Very Best of Ray Charles (WEA) – Para quem não dispõe de nenhum CD de Ray Charles em sua discoteca, essa coletânea vem a calhar. ... Foi ele o responsável pelo surgimento da Soul Music, um dos ritmos mais populares no mundo todo. Isso remonta à década de 50, quando o artista misturou Blues ensandecidos que tocava ao piano com aquele coral típico das igrejas **Gospel** americanas. Esse cruzamento é muito bem ilustrado em faixas como "Hallelujah I Love Her So" e "What'd Say", que tiveram grande repercussão

na época em que foram lançadas. A receita foi aproveitada por cantores de todas as cores, raças e credos (Veja, 26/7/2000).

CD, Moby (EMI) – O músico e DJ americano Richard Melville Hall (ele é descendente do escritor Herman Melville, autor de Moby Dick, daí seu nome artístico) desfruta do mesmo prestígio dos principais artistas da música pop atual. Suas canções são utilizadas em comerciais e 18 foi aguardado com a mesma ansiedade que um disco do U2. Isso se deve ao fato de Moby, que iniciou sua carreira nos clubes de música eletrônica, não se limitar ao bate-estaca. As faixas do novo CD foram criadas sob influência do Blues e da **Música Gospel**, para só depois ganharem um verniz tecno (VEJA on-line, 22/05/2002).

A música Gospel nada mais é do que uma mistura de todos os estilos musicais populares. Ela é, de fato, uma alternativa para os "cristãos" continuarem ouvindo e executando seus estilos preferidos com a doce ilusão e a falsa sensação de estarem imunes ao erro, simplesmente porque as letras de tais músicas possuem conteúdos religiosos, além de estarem com seus nomes devidamente registrados no livro de alguma igreja. Esta é mais uma das contrafações que Satanás utiliza para embotar a consciência dos seres humanos, levando-os a adorá-lo enquanto supõem estar adorando a Deus. O Gospel faz parte de um conjunto de músicas que louva (elogia) quem queria ser Deus, mas nunca o será. Ou será que estamos enganados? Será que esses cantores e seus CDs, com as demais músicas das quais o Gospel é parente, estão de fato, legitimamente, prestando culto a Deus?

Alguém sincero poderia questionar:

"Eu era um roqueiro, vivia no mundanismo. Um dia ouvi um Rock Gospel e a letra me chamou a atenção e despertou meu interesse por Cristo. A partir daí, procurei conhecê-Lo mais e hoje sou um cristão. Estou convertido graças a um Rock Gospel. Deus usou este recurso para me atrair."

Em primeiro lugar, a palavra "conversão" é muito séria, prefiro deixar este ponto com Deus, pois somente Ele conhece o coração. Porém, em relação ao argumento apresentado, vamos criar uma situação hipotética.

Certo dia, um jovem decidiu ir a uma boate onde bebeu, fumou e dançou. Lá pelas 2h da manhã ele ouve uma voz que diz: *"Filho, este não é seu lugar. Saia daí!"* Surpreso com o ocorrido, o jovem sai imediatamente daquele lugar e, a partir desse dia, entrega sua vida completamente a Cristo. Significa que agora, quando quisermos ter uma experiência com Deus, devemos ir a uma boate? Este jovem convidará seus amigos não-cristãos a frequentarem boates para que Deus fale com eles e sejam convertidos? Deus usou aquela "noitada" para converter o rapaz? Sua ida à boate foi a vontade de Deus?

O que precisa ficar muito claro é que Deus pode converter pecadores "**por meio de**" e "**apesar de**". Deus tem uma habilidade especial em transformar maldições em bênçãos. E não temos o direito de traçar o caminho inverso, transformando as bênçãos novamente em maldição. Deus quer apenas nos usar como canais Seus e

deseja que utilizemos os recursos proporcionados por Ele a nós **da maneira como Ele estabelece**, e não como nós achamos que deva ser ou que satisfaça nosso gosto.

10. A MÚSICA QUE OFENDE A DEUS

A música é muito útil no louvor e desempenha um papel importante na adoração individual e na adoração coletiva. Porém, existem elementos na música que, uma vez nela presentes, tornam-na inaceitável pela divindade. A seguir abordaremos quatro desses elementos.

Emocionalismo

Músicas são compostas, e interpretadas, destituídas de significado. Essas músicas apresentam mensagens vazias e com vãs repetições. A música deve ser usada com **entendimento** e deve apresentar aquilo em que acreditamos, deixando explícito “para que” e “para quem” ela está direcionada. Hoje observamos que o interesse das pessoas está na música em si mesma e nas emoções provocadas por ela. A mensagem não importa mais. Não afirmamos que os compositores, e os intérpretes, fazem música com más intenções; esclarecemos que não mais é dado o mesmo valor às mensagens como antes acontecia. Anteriormente as mensagens objetivavam o crescimento espiritual, preocupando-se com o ensino de princípios e doutrinas. Na atualidade as composições musicais valorizam mais a estética, a técnica e, principalmente,

objetivam agradar o gosto das multidões com vistas ao sucesso comercial.

“Percebo que o estilo de música neopentecostal está invadindo nossas igrejas. A **emoção** está tomando conta da **adoração**” (Pr. Otimar Gonçalves, Revista do Ancião, abril/junho de 2009).

Será que o estilo de música que tem entrado e sido aceito pelas igrejas não estaria intimamente ligado ao tipo de cristãos que existem em nossos dias? Cristãos descomprometidos, mornos, espiritualmente apáticos, indiferentes e sem o devido entusiasmo para estudar mais profundamente a Palavra de Deus?

Descrevendo um movimento chamado “Celebracionista”, derivado do carismatismo, que estava tentando infiltrar-se na igreja na década de 80, o Pastor José Silvio Ferreira evidenciou algumas de suas características, para as quais deveríamos atentar:

“**Despreza** as doutrinas características de nossa Igreja; (...) **desconhece** os princípios de liturgia enunciados pela Bíblia e Espírito de Profecia, introduzindo elementos do culto pentecostal; (...) limita a pregação Adventista a três aspectos apenas: perdão, aceitação e amor; (...) elabora apenas sobre **manipulação de emoções** (...)” (Celebracionismo, Pentecostismos, Adoração, Associação Ministerial UEB, 1998, pp. 2-3).

“O **emocionalismo** e o **exibicionismo** estavam invadindo os cultos de adoração; o apóstolo Paulo, sentindo a necessidade de organização e sistematização no culto ao Deus verdadeiro, disse de forma consistente

e lacônica: 'Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.' É interessante frisar que a palavra 'decência', no original grego 'euschemonos' quer dizer 'apropriadamente' e 'decentemente'; já a palavra 'ordem', que no grego é 'taxis', significa 'justa', 'correta', 'ordenada' e 'condição ordenada' (...) O que percebemos é que a maioria das igrejas evangélicas, em especial as do ramo neopentecostal que fazem o uso contínuo da **bateria/tambores**, tem como resultado as seguintes atitudes físicas na hora da adoração musical: começam cantando de olhos fechados, em seguida elevam as mãos, dependendo do ritmo da música começam a bater palmas, logo em seguida vêm pequenos gestos de danças e o último resultado – a iniciação do falar em línguas estranhas. Perceba que a **percussão** vem acompanhada de um 'pacote' de atitudes gestuais na hora da adoração a Deus no momento da música, tornando assim, a nossa adoração, digamos, muito inclinada para o antropocentrismo [o homem é o centro de tudo]. (...) O ato de levantar as mãos é uma atitude bíblica de busca e de contrição espiritual; o que nós não podemos é cantar sempre com as mãos levantadas e muito menos induzir as pessoas a levantarem as mãos se elas não se sentem à vontade para praticar tal atitude. A perfeita adoração a Deus tem que ser natural e sem constrangimentos" (Otimar Gonçalves, As Preocupantes Implicações do Uso dos Tambores/Bateria na Adoração a Deus. Disponível <<http://www.ucb.org.br/portal/wp-content/uploads/downloads/2011/03/Tambores.pdf>>).

"Se trabalharmos para criar **excitação do sentimento**, teremos tudo quanto queremos, e mais do que possivelmente podemos saber como manejar. **Calma e claramente** 'prega a Palavra'. Importa não considerar nossa obra **criar excitação**. Unicamente o Espírito de Deus pode criar um entusiasmo sã. Deixai que Deus opere, e ande o instrumento humano

silenciosamente diante dEle, vigiando, esperando, orando, olhando a Jesus a todo momento, conduzido e controlado pelo precioso Espírito que é luz e vida” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pp. 16-17).

“Precisamos ir ao povo com **a sólida Palavra de Deus**; e quando eles receberem essa Palavra o Espírito Santo poderá vir, mas Ele vem sempre, como declarei antes, por uma maneira que se recomenda ao **discernimento** das pessoas. Em nosso falar, nosso **canto**, e em todos os nossos cultos espirituais, devemos revelar a **calma** e a **dignidade** e o piedoso temor que atua em todo verdadeiro filho de Deus” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 43).

“Cantai louvores a Deus, cantai louvores; cantai louvores ao nosso Rei, cantai louvores. Pois Deus é o Rei de toda a Terra; cantai louvores com **inteligência**” (Salmos 47:6 e 7).

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto **racional**” (Romanos 12:1).

Como diferenciar o culto racional do culto emocional? Quando cultuamos com a capacidade de raciocinar e vivemos este cultuar em nossa prática habitual, isto é culto racional. E, ainda, é impossível reconhecer a grandiosidade de nosso Criador, que é Amor, sem se emocionar com isso; mas será uma emoção resultante da mente inteligente, da reflexão, do raciocínio. Um exemplo claro disto é quando cantamos os hinos “O Senhor Está Aqui” e “Silêncio”. Quando cantamos

meramente com a emoção, não vivemos, ou seja, não nos comportamos com reverência diante da presença de Deus. Quando cantamos com a razão, podemos até nos emocionar com a grandiosidade de Deus e Sua presença entre pecadores, mas certamente viveremos o que estamos cantando por meio da reverência.

“Há mais um importante ingrediente para introduzir falsidades na igreja atualmente. É introduzir coisas que **atraiam** multidões. Nada de Espírito Santo, mas daquilo que o mundo **gosta**. Já que deu certo a gradativa introdução de falsidades, num certo momento chega a hora de trazer **do mundo** atrativos típicos de fora para dentro da igreja, lotando-as de pessoas **sedentas de mundanismo**, mas pouco interessadas na salvação. Com fortes provocações de **sensações físicas**, de **emoções** intensas, aqueles que têm pouco embasamento bíblico ficam extasiados, pensando estarem sob a ação do Espírito Santo. Aí está feito o sucesso. E as pessoas caem direitinho, pois confundem facilmente **êxtase** emocional com o poder do Espírito Santo” (Sikberto Marks, comentário da Lição da Escola Sabatina, quarta-feira, 05/10/2011).

Egocentrismo

Tanto na postura musical quanto na postura pessoal alguém pode demonstrar o egocentrismo (que é a natureza humana), ou seja, demonstrar a preocupação em tornar-se conhecido, famoso e ser adorado. Este é um grave erro, em especial quando alguém se propõe a exercer a função de Ministro de Música em uma igreja. É preciso estar consciente de que esta é uma função de

servo com a responsabilidade de servir a Deus e à igreja (membros), assim como Jesus Cristo serviu e não foi servido.

Certo dia, após a realização de um grande evento musical da igreja, observou-se uma cena lamentável pelo fato de se tratar de alguém que afirma estar na função de ministro de Deus. Após cantar em um palco especialmente montado para a programação, o cantor se dirigiu ao seu carro e, enquanto saía do local, várias meninas acompanhavam o veículo batendo no vidro e gritando, num verdadeiro estado de histeria, enquanto ele acenava e sorria, como se fosse um famoso artista da música pop.

O Espírito de Profecia nos declara:

“Fazia-se com que a música servisse a um **santo** propósito, a fim de erguer os pensamentos àquilo que é puro, nobre e edificante, e despertar na alma devoção e **gratidão para com Deus**. Que contraste entre o antigo costume e os usos a que muitas vezes é a música hoje dedicada! Quantos empregam esse dom para exaltar o ‘eu’, em vez de usá-lo para glorificar a Deus” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 594).

“O mesmo mal que agora existe em nossas igrejas tem existido há anos. Formalidade, **orgulho** e **amor à ostentação** têm ocupado o lugar de verdadeira piedade e humilde devoção” (Ellen G. White, Fundamentos da Educação Cristã, p. 253).

Há uma grande diferença entre o espírito que impulsiona músicos a fazer um “show” e o espírito que impulsiona músicos missionários a agir com

simplicidade, abnegação, **sacrifício**, amor e simpatia, em asilos, hospitais, presídios, pequenas igrejas, ou nas casas para não-conversos e membros afastados. Aqueles que amam a ostentação, o conforto e o espetáculo nunca terão como motivo principal de sua atividade musical ir a esses lugares onde há uns poucos para ouvi-los.

Em uma carta dirigida a um diretor de música, Ellen White afirmou:

“O **amor ao louvor** tem sido o principal incentivo de sua vida. Esta é uma pobre motivação para um cristão. Você gosta de ser mimado e **louvado** como uma criança. Precisa lutar muito contra a sua própria natureza” (Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 336).

“Nosso objetivo ao trabalhar para o Mestre deve ser que **Seu nome** seja glorificado na conversão de pecadores. Os que labutam para obter aplausos não são aprovados por Deus. O Senhor espera que Seus servos trabalhem impelidos por um motivo diferente” (Ellen G. White, Meditações Matinais, Este Dia Com Deus, 06/08/1980, p. 225).

“Muitos recebem aplausos por virtudes que não possuem. O Perscrutador dos corações pesa os motivos, e muitas vezes ações altamente louvadas por homens são por Ele registradas como partindo de **egoísmo** e baixa **hipocrisia**. Cada ato de nossa vida, seja excelente e digno de louvor ou merecedor de censura, é julgado pelo Perscrutador dos corações segundo os motivos que o determinaram” (Ellen G. White, Beneficência Social, p. 315).

“Jesus era um silencioso e abnegado obreiro. Não buscava **fama**, riquezas, ou **aplausos**; nem consultava a própria comodidade e prazer” (Ellen G. White, Meditações Matinais, O Cuidado de Deus, 12/05/1995, p. 146).

“Entrai nas casas dos ricos **e dos pobres**, e, quando se vos ofereça ocasião, perguntai: ‘Acaso os senhores gostariam de ouvir cantar alguns hinos de louvor a Deus?’ Então, quando os corações se acham sensibilizados, talvez se abra caminho para proferirdes algumas palavras de oração pedindo as bênçãos de Deus. Não serão muitos os que se recusam a ouvir. Tal ministério é genuína obra missionária” (Ellen G. White, Conselhos aos Professores Pais e Estudantes, pp. 547-548).

“Aprendeí a cantar os cânticos mais **simples**. Eles vos ajudarão no trabalho de casa em casa, e os corações serão tocados pela influência do Espírito Santo” (Ellen G. White, Beneficência Social, p. 93).

Louvor Comercial

É triste verificarmos alguns fatos referentes aos músicos religiosos atuais. Em diversos casos há condições impostas por eles para que aceitem o convite de “ministrar” em determinada igreja. Por exemplo: o pagamento de uma quantia de dinheiro, a venda antecipada de uma quantidade mínima de CDs, a hospedagem paga para toda a equipe, a garantia de auditório com quantidade mínima de ouvintes.

Os fãs que adoram esses “ídolos” desejam fazer da casa de Deus, do templo, uma casa de “shows” e de entretenimento, pagando por tudo com ilusória alegria. Esses fãs aceitam todas as condições e até mesmo sacrificam verbas da igreja para pagar os espetáculos.

“O fato é que muitos gostariam de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças. Se nos encontramos incapazes de frear essa enxurrada, podemos, ao menos, prevenir os homens quanto à sua existência e suplicar que **fujam** dela. Quando a antiga fé desaparece e o entusiasmo pelo evangelho é **extinto**, não é surpresa que as pessoas busquem outras coisas que lhes tragam **satisfação**. Na falta de pão, se alimentam com cinzas; rejeitando o caminho do Senhor, seguem avidamente pelo caminho da tolice” (Charles Haddon Spurgeon, Another Word Concerning the Down-Grade, The Sword and the Trowel, Agosto de 1887, p. 398).

Pedro já havia advertido a respeito destes, dizendo:

“Também, movidos por avareza, farão **comércio** de vós, com palavras fictícias” (II Pedro 2:3).

Não estamos fazendo nenhum favor a Deus ao irmos aos lugares para louvar o Seu nome através da música. Deus é que nos dá esse privilégio. Como é que se ousa cobrar a ação de transmitir a mensagem do Evangelho, fazendo disto um comércio? Não nos referimos a pessoas que vivem do ministério – pastores, colportores, músicos que são profissionais de música – e outros obreiros que vivem exclusivamente para uma organização religiosa.

Referimo-nos àqueles que fazem disto um “business”, uma forma de ganhar dinheiro e de obter fama. Não existe problema na venda de CDs e DVDs; o problema é impor este procedimento como condição para se apresentar em determinada igreja. Trata-se de uma atitude incompatível com os valores cristãos. E cobrar uma quantia de dinheiro para se apresentar no santo sábado, é uma atitude ainda mais preocupante.

É justo que uma ajuda de custo seja solicitada à igreja quando os músicos se deslocam para uma região mais distante, a partir do fato de que não disponham de condições financeiras para custear seus próprios meios de transporte. No entanto, há músicos que cobram um preço até exorbitante para se apresentarem em uma igreja localizada no mesmo bairro onde residem. Isto é uma incoerência, isto é inadequado para quem está na função de ministro de música.

Igrejas mais pobres têm uma dificuldade imensa em trazer pessoas para ministrar uma programação de música e, na maioria das vezes, isto se torna impossível devido às exigências e às condições impostas pelos músicos que estão além das possibilidades dessas igrejas.

Jesus Cristo doou-Se, e a instituição igreja não é empresa comercial. Jesus Cristo serviu a Deus e ao próximo, por isso devemos atuar de maneira voluntária, sem dependência financeira, na pregação do Evangelho através da música.

“Falarei agora de coração a coração.
Particularmente eu gostaria de ver os nossos cantores

ouvindo mais os sermões em vez de ficarem no camarim, ou atrás do palco tirando fotos e dando autógrafos, gostaria de vê-los mais com a **Bíblia** na mão perscrutando o texto bíblico na hora da mensagem falada, gostaria também de vê-los **orando** um pouco mais, antes, durante e depois de suas apresentações, (...) ainda gostaria também de ver um pouco mais de **discrição** quando o assunto for dar autógrafos e tirar fotos, sejam discretíssimos nesse particular; eu também não concordo com a ideia secular de fã clube; até entendo que um site ou um blog bem feito e bem diagramado pode ajudar, e muito, aqueles que fazem da música um ministério sacro” (Otimar Gonçalves, Vigília Jovem. Disponível <http://www.ucb.org.br/portal/wp-content/uploads/downloads/2011/03/Vigilia_Jovem.pdf>).

O Jornal do Brasil de 1º de março de 1991 destacou:

“Eles vendem milhares de CDs. São **adorados** por uma legião de fidelíssimos fãs, que comparecem aos montes às suas apresentações, consumindo-os com dedicada voracidade”.

Se você parar por aqui, vai imaginar que se trata de um show de música pop de algum cantor ou grupo famoso. Mas o artigo conclui:

“Em todas as músicas um tema comum: Cristo.”

“Satanás desenvolveu numerosas contrafações para nos iludir a adorá-lo, especialmente a juventude. (...) A **música** é uma de suas ferramentas mais eficientes. As indústrias de música e de gravações (...) capitalizaram sobre a oportunidade de lucrarem milhões de dólares unindo sons populares com palavras

religiosas” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, p. 9).

Um artigo escrito por Richard Harrington, correspondente do Washington Post, e citado por Eurydice Osterman, diz que a indústria de gravações religiosas reconhece os “auditórios não cativos”, ou seja, a serem conquistados pela “música positivamente pop”, e procura *“capitalizar a oportunidade de fazer grandes vendas pela fusão de sons populares atuais com palavras religiosas”* (O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, xii).

“Quantos compositores da igreja, especialmente de setores **diretivos** em influenciar as massas, estão mergulhados exatamente no tipo mais deficiente de música, vibrando com o sucesso barato entre as indefesas vítimas da falta de cultura, explorando-as em vez de educá-las” (Dario Pires de Araújo, Música, Adventismo e Eternidade, p. 66).

Em vez de refinar o gosto de seus membros em direção àquilo que é elevado e santo, muitos líderes da igreja têm colaborado para rebaixar o nível musical destes com o objetivo de obter, de imediato, sucesso, prestígio e, em muitos casos, retorno financeiro. Para tanto despejam sobre as pessoas algo que as agrada, algo de fácil compreensão, de fácil aceitação e de fácil satisfação. Os líderes deveriam estar qualificados para levar as pessoas a um nível de reflexão mais elevado. Mas, provavelmente, isto não é feito por ser mais trabalhoso, mais complicado e mais desgastante, tanto para os membros das igrejas quanto para os seus líderes. Sabemos para onde o

caminho mais fácil nos conduz e para onde o caminho mais largo nos direciona. Mesmo assim, de forma assustadora, estamos percorrendo o caminho mais fácil e ainda convidamos outros a fazer o mesmo.

No ambiente cristão formou-se a cultura da idolatria.

“Há gravadoras, agências de prestação de serviços (...) promotores de shows (...) que vivem da música (...) Em lugar dessa subcultura se alicerçar nos padrões cristãos (...) tem se tornado, na verdade sub-cristão (...) Alguns dos músicos cristãos vivem excessivamente preocupados com a **fama**, com sua imagem. Algumas gravadoras parecem ter a filosofia de visar **lucro**” (John Blanchard, Rock In Igreja?!: Editora Fiel, 1987, p. 86).

Para que qualquer produto seja lançado no mercado consumidor com a perspectiva de sucesso de venda, a primeira coisa a ser analisada é o público-alvo. O produto tem que proporcionar satisfação a este público, caso contrário, ficará nas prateleiras. Aquilo que essas pessoas mais gostam e aquilo que elas consideram que melhor atende seus interesses, este é o critério que norteia a qualidade e o estilo das músicas de muitos músicos e de muitos produtores musicais, tanto no mundo da indústria fonográfica quanto nas igrejas.

“Deus não quer ‘cultos-show’; Ele quer cultos espirituais” (Hilton Robson, A Bateria e o Transe nos Rituais Xamânicos. Disponível <<http://restaumaesperanca.blogspot.com.br>>).

“Exibição não é religião nem santificação” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 510).

O Espírito de Profecia nos dá um conselho importante:

“Ide a caminhos e valados. Empenhai-vos para alcançar tanto as classes mais ricas **como as mais pobres**. Entrai nos lares de ricos e **humildes**. (...) empregar o talento que Deus lhes deu, levando melodia e claridade a muito lugar solitário e entenebrecido pelo pecado e a dor e aflição, cantando para aqueles que raramente têm os privilégios da igreja” (Ellen G. White, Evangelismo, pp. 502 e 504).

Temos seguido esta orientação? Nos unimos alegremente para percorrer lugares solitários e entenebrecidos pelo pecado, levando a mensagem aos lares ricos e pobres? Ou nos preocupamos apenas em levá-la a grandes igrejas, de preferência lotadas; ou a luxuosos auditórios para os quais cobramos ingressos? Quantos músicos de nossa igreja atualmente dispõem de tempo e de motivação para realizar programações em asilos, hospitais ou qualquer outro lugar onde existam pessoas impedidas de participar de tais momentos na igreja? Quantos músicos da igreja, acostumados a grandes apresentações em grandes auditórios, participariam como voluntários, e com o mesmo entusiasmo mostrado nos auditórios lotados de fãs, de programações em pequenas igrejas, em pequenos grupos, em cidades pequenas e distantes, diante de pessoas intelectualmente simples?

“Grupos musicais e cantores devem buscar maneiras de atuar diretamente, e de forma sistemática, nas campanhas missionárias e evangelísticas da igreja, ou desenvolver seus próprios projetos para cumprir a missão” (Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música. Documento votado em 13/10/2004 pela Associação Geral da IASD).

Quantos músicos na IASD estão inseridos em projetos evangelísticos ou possuem seus próprios projetos para levar a mensagem a **todas** as pessoas? São questionamentos que cada músico, em particular, precisa responder a si mesmo. Não pretendemos nem julgar nem fazer inferências. Cada pessoa sabe de sua responsabilidade e precisa refletir se a está cumprindo.

Predominância de Ritmo e Barulho

“Aquele que nos tem concedido todos os dons que nos capacitam a ser coobreiros com Deus, espera que Seus servos cultivem suas vozes, a fim de que possam falar e cantar de modo que todos compreendam. **Não é necessário um cântico ruidoso**, mas entoação clara, pronúncia correta e expressão vocal distinta. Que haja tempo para o cultivo da voz de modo que o louvor a Deus possa ser entoado com tons **claros** e **suaves**, não com aspereza e estridência que ofendem o ouvido” (Ellen G. White, Testemonies, vol.9, pp. 143-144).

“[Antes da terminação da graça], **demonstrar-se-á** tudo quanto é estranho. **Haverá gritos com tambores**, música e **dança**. Os sentidos dos seres racionais ficarão tão confundidos que não se pode confiar

neles quanto a decisões retas. E isto **será** chamado operação do Espírito Santo. O Espírito Santo **nunca** Se revela por tais métodos, em tal **balbúrdia de ruído**. Isso é uma invenção de **Satanás** para encobrir seus engenhosos métodos para **anular** o efeito da pura, sincera, elevadora, enobrecedora e santificante verdade para este tempo. (...) A verdade para este tempo não necessita nada dessa espécie em sua obra de converter almas. Uma balbúrdia de barulho choca os sentidos e perverte aquilo que, se devidamente dirigido, seria uma bênção. As forças das instrumentalidades satânicas misturam-se com o alarido e **barulho**, para ter um **carnaval**, e isto é chamado de operação do Espírito Santo. (...) Nenhuma animação deve ser dada a tal espécie de culto. (...) O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e **multidão de sons** (...). Satanás opera entre a algazarra e a confusão de tal música, a qual, devidamente dirigida, seria um louvor e glória para Deus. Ele torna seu efeito qual venenoso agulhão da serpente” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pp. 36-38, citando carta à S. N. Haskell, 10/10/1900).

Muitos afirmam que tais advertências de Ellen G. White foram dadas em relação a um evento específico ocorrido no passado e que, portanto, não seriam válidas para nosso contexto atual. Porém, a conjugação dos verbos utilizados pela serva do Senhor (“demonstrar-se-á”, “haverá”, “ficarão”, “será”) não nos deixa nenhuma dúvida de que, assim como tais eventos tiveram lugar no meio adventista daquela época, Deus a instruiu de que isto aconteceria novamente no futuro, próximo à terminação da graça. Não o temos presenciado em nossos

dias? Mais adiante Ellen G. White diz que a “alegria não veio da fonte certa”.

A citação refere-se ao evento ocorrido em 1900 na cidade de Indiana (EUA), chamado “Movimento da Carne Santa”. Tal Movimento Religioso alegava que Jesus, após passar pela angústia no Getsêmani, adquiriu “carne santa” assim como foi com Adão no Éden antes do pecado. Essa doutrina afirmava que os seguidores de Jesus precisavam atingir o mesmo estado de inocência física, valendo como preparo essencial para a transladação. Nas reuniões desse Movimento as pessoas **gritavam** e **dançavam** ao som de **tambores** até ficarem num estado de extrema excitação emocional, caindo exaustos e inconscientes no chão. Em seguida, uma dúzia de pessoas se colocava ao redor do corpo prostrado, formando um círculo. Após recobrar a consciência, aquela pessoa era contada entre aqueles que haviam passado pela experiência do Getsêmani; ou seja, que havia obtido “carne santa” e tinha fé para a transladação. A partir deste ponto, afirmavam que essa pessoa não mais pecaria e não mais morreria. Tudo isso acontecia sob a influência de um tipo de música que dominava os sentidos, embotando a racionalidade.

“Fui instruída a dizer que, nessas demonstrações, acham-se presentes **demônios** em forma de homens, trabalhando com todo o engenho que Satanás pode empregar para tornar a verdade desagradável às pessoas sensatas. (...) O Espírito Santo nada tem que ver com tal confusão de ruído e **multidão de sons** como me foram apresentadas em janeiro último” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pp. 31-39).

“Mero **ruído** e **gritos** não são sinal de santificação, ou da descida do Espírito Santo. Vossas **desenfreadas** demonstrações só criam desagrado no espírito dos incrédulos. (...) O Senhor deseja manter em Seu serviço **ordem** e **disciplina**, não agitação e confusão. (...) A agitação não é favorável ao crescimento na graça, à genuína pureza e santificação do espírito. (...) Quando os crentes falam a verdade tal como é em Jesus, revelam uma **calma** santa e judiciosa, não uma tempestade de confusão” (Ellen G. White, General Conference Bulletin, 23 de abril de 1901).

Interessante notar o que diz a Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música:

“Deve haver um **cuidado especial** para não utilizar músicas que apenas agradem os **sentidos**, tenham ligação com o **carismatismo** ou tenham **predominância de ritmo**” (Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música. Documento votado em 13/10/2004 pela Associação Geral da IASD).

Esta é a posição oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela nunca mudou.

No início deste trabalho, estudamos algumas das características da música que é praticada no Céu. Dos três elementos básicos – melodia, harmonia e ritmo –, que definem o que é um som musical, observamos ênfase na **melodia** e na **harmonia**. Com isto, podemos concluir que a música do Céu não enfatiza o **ritmo**, visto que este elemento não é citado. A música de Deus não tem predominância de ritmo. Falaremos mais sobre isto

quando tratarmos da questão da bateria. Será que há algum mal na predominância do elemento ritmo?

Antes do término do período da graça será o tempo exato em que o Espírito Santo agirá com mais intensidade. Portanto, Satanás confundirá a mente de muitas pessoas usando o mesmo método aplicado em Indiana no passado. Muitos pensarão que é ação do Espírito Santo, mas Sua verdadeira voz será abafada.

Satanás tem tido êxito em introduzir certos tipos de música e certos instrumentos nas igrejas, sendo que os tambores (em teclados, em playbacks, em baterias eletrônicas ou convencionais, em "cajons") já estão presentes em diversas programações nos templos. Parece que para igualar a situação de hoje com a situação em Indiana faltam somente danças e gritos. Mas vindo a sacudidura, acontecerá o momento do profetizado verdadeiro reavivamento no qual a primitiva santidade cristã será restaurada. Aquelas pessoas não consagradas e amantes dos prazeres carnavais deixarão nossas fileiras e se unirão ao ecumenismo, onde tais práticas estarão bem mais desenvolvidas.

11. OUTROS CONSELHOS SOBRE A MÚSICA

É nossa crença ter Ellen G. White sido inspirada por Deus. O dom profético é parte da essência doutrinária da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Por isso, é importante atentarmos para mais alguns conselhos sobre música e adoração que nos foram deixados em seus escritos:

“Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e **reverência**, como se fôra feito na presença pessoal de Deus mesmo” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol.2, p. 195).

Será que a música que praticamos em nossas igrejas, em nossos cultos, seriam executadas na presença de Deus? Os anjos que entoam um louvor perfeito ao seu Criador cobrem os rostos e os pés ao simplesmente proferirem Seu nome, tamanha é a reverência que dedicam a Ele. E nós, criaturas humanas, com nosso louvor que está muito longe de qualquer perfeição, temos demonstrado a mesma reverência e o mesmo respeito por Aquele que nos concedeu os dons?

“Os alunos que aprendem a cantar com **melodia** e **clareza**, suaves hinos evangélicos, podem muito bem agir como cantores evangelistas” (Ellen G. White, Serviço Cristão, p. 66).

Quanto a este conselho de Ellen G. White, registramos o comentário que segue:

“Gostaria de destacar neste texto as palavras ‘melodia’ e ‘clareza’. Muitos hoje cantam de tal forma que quase não se entende as palavras do texto musical. Às vezes também tantos ornamentos, **melismas**, ‘voltinhas’ e sons estranhos são incluídos, que a melodia ou a letra ficam prejudicadas em sua compreensão. Também têm sido procurados tipos especiais de voz ou de interpretação (rouquidão, vogais muito abertas ou fechadas, voz estridente, etc) que podem ser chamadas de tudo, menos de melodiosas” (Elias Tavares, Adoração

e Louvor. Disponível
<<http://musicaeadoracao.com.br/29184>>).

“(...) Mas às vezes é mais difícil disciplinar os cantores e mantê-los em forma ordeira, do que desenvolver hábitos de oração e exortação. Muitos querem fazer as coisas **à sua maneira**. Não concordam com deliberações, e são **impacientes sob a liderança** de alguém” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 505).

“**Não contrateis musicistas descrentes**, se isto for possível evitar. Reuni cantores que cantem com o espírito e com o entendimento. A exibição extraordinária que às vezes fazeis, aumenta **despesas desnecessárias** que não podemos exigir sejam pagas pelos irmãos. (...) Tenho que vos dizer que o Senhor não apóia estes métodos” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 127).

Certamente não temos necessidade de contratar musicistas descrentes, visto que nossa igreja possui uma quantidade enorme de talentos musicais em todas as áreas. Ou será que Deus não nos concederia os dons realmente **necessários** à Sua obra? Deus ensinou ao povo do antigo Israel, através do profeta Ezequiel, um princípio que nos serve de advertência ainda hoje:

“Não cumpristes as prescrições a respeito das minhas coisas sagradas; antes, constituístes em vosso lugar **estrangeiros** para executarem o serviço no meu santuário” (Ezequiel 44:8).

Outros conselhos:

“Dinheiro, porém, não deve ser usado para **contratar cantores**. Muitas vezes o canto de hinos simples pela congregação tem um encanto não possuído pelo canto de um coro, por mais hábil que seja. Carta 49, 1902” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 509).

“Muitos, porém, que se deleitam na música não sabem coisa alguma sobre produzir melodia ao Senhor, em seu coração. Estes foram **'após seus ídolos'**. Carta 198, 1899” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 512).

“O ato de cantar é tanto uma adoração a Deus como o ato de pregar” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 332).

“Voam anjos em torno de uma habitação além. Jovens estão ali reunidos; ouvem-se sons de música em canto e instrumentos. **Cristãos** acham-se reunidos nessa casa; mas que é que ouvis? Um cântico, uma frívola canção, própria para o salão de baile. Vede, os puros anjos recolhem para si a luz, e os que se acham naquela habitação são envolvidos pelas trevas. Os anjos afastam-se da cena. Têm a tristeza no semblante. **Vede como choram!** Isso vi eu **repetidamente** pelas fileiras dos **observadores do sábado**” (Ellen G. White, Mensagens aos Jovens, p. 295).

“O canto não deve ser sempre feito por uns poucos (...) **una-se toda a congregação**” (Ellen G. White, Testimonies, vol. 9, p. 144).

“**A movimentação física no cantar é de pouco proveito**. Tudo que de algum modo está ligado com o culto religioso deve ser elevado, solene e impressionante. Deus não Se agrada quando pastores que professam ser

representantes de Cristo, O representam mal quando movimentam o corpo em certas atitudes, fazendo gestos indignos e rudes. Tudo isso diverte, e estimula a curiosidade daqueles que desejam ver coisas estranhas, grotescas e curiosas, mas essas coisas não elevarão a mente e o coração daqueles que as presenciam. (...) Notas **ásperas** e **gesticulações exageradas** não são exibidas entre os componentes do coro angelical" (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 333).

O que dizer a respeito das músicas dançantes que sutil e gradativamente invadem nossas igrejas? Textos bíblicos são usados como justificativa para determinadas práticas que delas derivam (danças, bater palmas, uso de tambores). A Bíblia aprova tais procedimentos?

12. DANÇAS, TAMBORES E PALMAS NA BÍBLIA

Vamos agora apresentar alguns textos bíblicos muito utilizados pelos defensores da "modernidade" musical na igreja e analisar o contexto nos quais se encaixam. Cabe ressaltar que são apenas alguns de muitos outros textos que têm sido utilizados de maneira descontextualizada como justificativa para diversos caprichos pessoais.

Usando textos bíblicos fora de seus contextos, é possível comprovar qualquer coisa, inclusive que Deus não existe. Em Salmos 14:1 encontramos:

"Não há Deus."

Mas antes diz assim:

“Disse o néscio no seu coração.”

Em Eclesiastes 11:9 lemos:

“Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos.”

Se pararmos por aqui, podemos afirmar que a Bíblia orienta os jovens a que façam o que bem entenderem de suas vidas. Porém, o texto continua dizendo que prestaremos contas a Deus de tudo quanto fizermos. Também podemos citar Isaías 1:13:

“O incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua nova, os sábados, (...)”

Muitos diriam que o dia de Sábado passou a ser abominável para Deus. Mas, além de referir-se aos sábados cerimoniais, o texto continua dizendo que Deus não suporta iniquidade associada ao ajuntamento solene; em outras palavras, que Deus não aceita as cerimônias quando aqueles que nelas participam continuam vivendo em pecado identificado. Essa minha vida pecaminosa torna o meu cultuar a Deus um ato abominável a Ele. Se apenas uma parte do texto for considerada fora do seu contexto, poderemos provar tudo o que quisermos. É preciso que se faça uma análise contextual, a fim de se alcançar o conhecimento de toda a ideia.

“É plano de Deus dar suficiente evidência do caráter divino de Sua obra para convencer a todos quantos desejam sinceramente conhecer a verdade. Mas Ele nunca remove toda a oportunidade de dúvida. Todos quantos desejam pôr em dúvida e cavilar encontrarão ensejo” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 1, p. 72).

Alguns usam a história de Raabe (Josué 2:3 a 6) e das parteiras do tempo de Moisés (Êxodo 1:17 a 19) para justificar que Deus aprova uma mentira se for para o bem; outros utilizam as ordens dadas por Deus a muitos dos juízes e reis de Israel para matar homens, mulheres e crianças e afirmam que Deus aprova o assassinato; outros ainda usam a parábola do rico e de Lázaro (Lucas 16:19 a 31) para justificar que existe vida após a morte. Muitas religiões, utilizando diversas passagens bíblicas, até hoje praticam a poligamia. Ainda há os que usam a ordem de Deus a Pedro para matar e comer animais imundos para afirmar que o consumo de tais animais é permitido (Atos 10:11 a 16), quando se pode verificar a breve explicação sobre isto dada pelo apóstolo mais adiante, em Atos 10:28.

Poderíamos citar várias outras passagens que são utilizadas para justificar muitas das mentiras de Satanás. No entanto, as passagens bíblicas citadas em seguida serão suficientes para aqueles que desejam encontrar a verdade sobre o uso de tambores, palmas e danças nas igrejas.

- 1) “Então Miriã, a profetiza, a irmã de Arão, tomou o **tamboril** na sua mão, e todas as mulheres saíram

atrás dela com **tamboris** e com **danças**” (Êxodo 15:20).

Este é um texto descritivo, e não prescritivo, que apenas relata um acontecimento. Este texto não está nos dando nem orientações nem ordens. A dança de Miriam para celebrar a vitória divina sobre os egípcios é descrita com a palavra “mechôlah” original do hebraico. O problema é que este termo é utilizado também para referir-se à dança em volta do bezerro de ouro no Sinai. Assim como Miriam dançou para Deus, os israelitas dançaram para o bezerro de ouro. Mas como Deus aceitou a dança de Miriam e rejeitou a dança em torno do bezerro? Quando o adorador não tem luz sobre o assunto, a sinceridade do coração é importante para Ele. O povo vinha de 400 anos de escravidão e, como veremos mais adiante, não tinha nenhum conhecimento sobre adoração. Miriam era uma escrava, ignorante a respeito de diversos assuntos, inclusive da adoração verdadeira. Deus aceitou sua sinceridade, pois sabia que ela não tinha luz sobre o assunto.

O julgamento divino quanto às danças mudou depois das orientações dadas ao povo e, a partir disso, nenhuma outra manifestação semelhante àquela foi aceita.

- 2) “E sucedeu que, chegando a arca do concerto do Senhor à cidade de Davi, Mical, a filha de Saul, olhou dum janela, e, vendo a Davi **dançar** e tocar, o desprezou no seu coração” (I Crônicas 15:29).

Note que a palavra hebraica “râqad”, traduzida como “dança”, pode não significar a dança como conhecemos hoje. Esta mesma palavra no livro de Isaías foi traduzida como “pulos”.

“Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de horríveis animais; e ali habitarão os avestruzes, e os sátiros **pularão** ali” (Isaías 13:21).

Apresentando o mesmo evento, a Bíblia relata:

“E Davi **saltava** com todas as suas forças diante do SENHOR; e estava Davi cingido de um éfode de linho” (II Samuel 6:14).

É importante ressaltarmos que Davi não se encontrava no templo e esta manifestação não foi uma atitude de adoração, mas de humilhação. O próprio texto bíblico apresenta o fato de que a esposa de Davi desaprovou sua atitude, conforme ela mesma diz:

“E, voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, a filha de Saul, saiu a encontrar-se com Davi, e disse: Quão honrado foi o rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas de seus servos, como sem pejo se descobre qualquer dos **vadios**” (II Samuel 6:20).

Em resposta, Davi deixa claro o objetivo de seu comportamento:

“Disse, porém, Davi a Mical: Perante o Senhor, que me escolheu preferindo-me a teu pai, e a toda a sua

casa, mandando-me que fosse soberano sobre o povo do Senhor, sobre Israel, perante o Senhor tenho me alegrado. E ainda mais do que isto me **envilecerei**, e me **humilharei** aos meus olhos” (II Samuel 6:20-22).

No contexto percebemos que Davi estava extasiado de alegria, por isso dava saltos, como uma criança. Além disso, seu comportamento foi um ato de profunda humilhação diante de Deus, conforme ele mesmo afirmou, não um ato de adoração ou culto.

“E Davi **saltava** (...) diante do Senhor, acompanhando em sua alegria o ritmo do cântico. A dança de Davi em júbilo reverente, perante Deus, tem sido citada pelos amantes dos prazeres para justificarem as danças modernas da moda; mas não há base para tal argumento. Em nosso tempo a dança está associada com a extravagância e as orgias noturnas. A saúde e a moral são sacrificadas ao prazer. Para os que frequentam os bailes, Deus não é objeto de meditação e reverência” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 707).

Ainda referindo-se àqueles que desejam implantar a dança no templo, a escritora Ellen G. White exorta:

“A **movimentação física** no cantar é de pouco proveito. Tudo que de algum modo está ligado com o culto religioso deve ser elevado, **solene** e impressionante. (...) **Gesticulações exageradas** não são exibidas entre os componentes do coro angelical” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 333).

Se a movimentação física é de pouco proveito, qual seria a utilidade das danças e coreografias?

“Os profetas de Baal caracterizavam-se por **danças** nos seus cultos (I Reis 18:26); os adoradores do bezerro de ouro também (Êxodo 32:19); todas as religiões animistas africanas (inclusive dos canibais) batem ritmadas palmas e dançam nos seus cultos; os cultos das religiões afro-brasileiras (xangô, umbanda, quimbanda, candomblé, catimbó, etc), das religiões afro-americanas (vodu haitiano) e dos índios (inclusive canibais) também se caracterizam fortemente por **palmas** e por **danças**; e assim por diante, até os modernos satanistas com seus sacrifícios humanos” (Hélio de Menezes Silva, 12 razões para repudiarmos palmas, ritmos, danças e etc. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20119>>).

Diante de tudo isso, quais destes elementos poderiam ser aproveitados para o louvor a Deus? Onde estaria, então, o louvor santo, separado, diferente?

- 3) “Batei palmas, todos os povos; aclamai a Deus com voz de triunfo. Porque o Senhor Altíssimo é tremendo, e Rei grande sobre toda a terra” (Salmos 47:1).

A atitude de bater palmas só aparece no Antigo Testamento, mas nunca relacionada com a marcação do ritmo de uma música ou com a adoração a Deus. Vamos analisar os textos bíblicos que citam este tipo de manifestação:

“Então a ira de Balaque se acendeu contra Balaão, e **bateu ele as suas palmas**; e Balaque disse a Balaão: Para amaldiçoar os meus inimigos te tenho chamado;

porém agora já três vezes os abençoaste inteiramente” (Números 24:10).

“Então Joiada fez sair o filho do rei, e lhe pôs a coroa, e lhe deu o testemunho; e o fizeram rei, e o ungiram, e **bateram as palmas**, e disseram: Viva o rei!” (II Reis 11:12).

“E Deus lançará isto sobre ele, e não lhe poupará; irá fugindo da sua mão. Cada um **baterá palmas** contra ele e assobiará tirando-o do seu lugar” (Jó 27:22-23).

“Pai meu! Provado seja Jó até ao fim, pelas suas respostas próprias de homens malignos. Porque ao seu pecado acrescenta a transgressão; entre nós **bate palmas**, e multiplica contra Deus as suas palavras” (Jó 34:36-37).

“Os rios **batam as palmas**; regozijem-se também as montanhas” (Salmos 98:8).

“Porque com alegria saireis, e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cântico diante de vós, e todas as árvores do campo **baterão palmas**” (Isaías 55:12).

“Todos os que passam pelo caminho **batem palmas**, assobiam e meneiam as suas cabeças sobre a filha de Jerusalém, dizendo: É esta a cidade que denominavam: perfeita em formosura, gozo de toda a terra?” (Lamentações 2:15).

“Assim diz o Senhor DEUS: **Bate com a mão**, e bate com o teu pé, e dize: Ah! Por todas as grandes

abominações da casa de Israel! Porque cairão à espada, e de fome, e de peste” (Ezequiel 6:11).

“Tu, pois, ó filho do homem, profetiza e **bate com as mãos uma na outra**; e dobre-se a espada até a terceira vez, a espada dos mortos; ela é a espada para a grande matança, que os traspassará até o seu interior” (Ezequiel 21:14).

“E também eu **baterei com as minhas mãos uma na outra**, e farei descansar a minha indignação; eu, o SENHOR, o disse” (Ezequiel 21:17).

“E eis que **bati as mãos** contra a avareza que cometeste, e por causa do sangue que houve no meio de ti” (Ezequiel 22:13).

“Porque assim diz o Senhor DEUS: Porquanto **bateste com as mãos**, e pateaste com os pés, e com todo o desprezo do teu coração te alegraste contra a terra de Israel” (Ezequiel 25:6).

“Não há cura para a tua ferida, a tua chaga é dolorosa. Todos os que ouvirem a tua fama **baterão as palmas** sobre ti; porque, sobre quem não passou continuamente a tua malícia?” (Naum 3:19).

Analisando os textos percebe-se que o “bater palmas” era uma manifestação utilizada de maneira diferente de como a pretendemos hoje. O ato de “bater palmas” na Bíblia, de acordo com seu significado, poderia ser agrupado da seguinte forma:

- **Surpresa, espanto;**

- **Reprovação, repreensão, rejeição, desprezo;**
- **Afirmção, concordância;**
- **Celebração, reconhecimento;**

Existem apenas dois textos que estão ligados a uma atitude de celebração e reconhecimento (II Reis 11:12 e Salmo 47:1). Porém, nenhum deles refere-se a um comportamento dentro do templo ou à atitude de adoração a Deus.

O contexto do Salmo 47 nos apresenta uma ordem a que todos os povos batam palmas, não se refere especificamente ao povo de Deus. O texto continua ordenando que tais nações aclamem, ou seja, reconheçam a Deus com voz de triunfo (verso 1). E triunfo nada mais é do que a vitória sobre os povos subjugados debaixo dos pés do povo de Deus (verso 3). Podemos concluir que as ordens dadas no Salmo 47 referem-se a uma atitude de humilhação de todos os povos diante do Deus que os venceu.

Humilhar-se diante de Deus representa **necessariamente** uma atitude de adoração? Sabemos que humilhar-se diante de Deus é um requisito para a verdadeira adoração. Mas qualquer atitude de humilhação representa adoração?

O Espírito de Profecia nos apresenta um momento nos eventos finais da história deste mundo no qual Satanás se curvará diante de Deus admitindo a justiça de sua sentença. Essa atitude de humilhação por parte de Satanás representa um ato de adoração?

“Apesar de ter sido Satanás constringido a **reconhecer** a justiça de Deus e a **curvar-se** à supremacia de Cristo, **seu caráter permanece sem mudança**. O **espírito de rebelião**, qual poderosa torrente, explode de novo. Cheio de frenesi, decide-se a não capitular no grande conflito. Chegado é o tempo para uma última e desesperada luta conta o Rei do Céu. Arremessa-se para o meio de seus súditos e esforça-se por inspirá-los com sua fúria, **incitando-os a uma batalha imediata**” (Ellen G. White, O Grande Conflito, pp. 671-672).

Por meio desta citação, podemos concluir com plena convicção que humilhar-se diante do Deus vencedor não representa necessariamente uma atitude de adoração, mas pode representar o mero reconhecimento de uma derrota inevitável.

“O contexto do Salmo 47 indica que não era o povo de Israel que estava sendo chamado a bater palmas, mas sim **as nações que haviam sido subjugadas**. Ora, será que os povos pagãos, que não conheciam a Deus de forma plena nem O amavam, e que foram subjugados em Seu nome, estariam dispostos a adorá-Lo? Estariam dispostos a saudar o Deus do povo que os dominara? Provavelmente não e, neste caso, não podemos, de forma alguma, chamar isso de adoração. Portanto, sendo Salmos 47:1-2 o único texto que poderia ser utilizado para defender esta prática como parte da adoração, podemos dizer com segurança que não há justificativa escriturística para fazer uso desta expressão no contexto da adoração a Deus na igreja. Se fosse esta a intenção do Salmo, ou se houvesse uma justificativa coerente para isto, esta prática teria sido introduzida no Templo. Porém o relato bíblico nega esta possibilidade, já

que não há nenhuma indicação aqui ou qualquer outro lugar da Bíblia de que bater palmas fosse uma característica usual na adoração. Além disso, diferentemente da prática que se quer adotar atualmente em algumas igrejas (inclusive com o apoio de alguns pastores), notamos que somente Deus é o receptor desta expressão exuberante de alegria relatada no Salmo 47, e não um cantor, pregador, ou qualquer outra pessoa que se apresenta à frente. Da mesma forma, este 'bater palmas' não é um acompanhamento rítmico à música que está sendo cantada. (...) Não podemos dizer com certeza que o aplauso tenha entrado na Igreja Adventista do Sétimo Dia como o resultado de uma pesquisa com oração, na Bíblia e nos escritos da Sra. White. Veio, como tantas outras coisas vieram, mais pelo 'desejo de moldar-se segundo outras igrejas' – Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 18" (Levi de Paula Tavares, O Uso de Palmas e Aplausos no Culto. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20258>>).

Além das palmas rítmicas, o que dizer dos aplausos dirigidos a seres humanos? Em alguns casos esta atitude é acintosa e declarada, louvando as habilidades técnica e interpretativa de uma pessoa. Em outros casos, afirma-se que as palmas estão sendo dirigidas a Deus. Se de fato as palmas são direcionadas exclusivamente para Deus, qual é o motivo de aplaudir algumas pessoas e não aplaudir outras, já que supostamente todas elas estariam sendo usadas pelo mesmo Deus? Por que aplaudimos um músico e não aplaudimos um sermão? Qual o fundamento bíblico que sustenta este tipo de manifestação como forma de cultuar a Deus?

“Infelizmente, temos que concluir que a aceitação de palmas nos momentos de adoração, uma prática que não encontra base bíblica para justificar-se, não passa de relativismo, puro e barato! Dentro da visão e dos valores do Pós-Modernismo, a verdade é relativa à cosmovisão reinante. Portanto, ela só existe dentro de uma comunidade que compartilha da mesma cosmovisão, não em âmbito universal. Assim, a verdade seria aquilo em que a comunidade decide acreditar. Nós somos Adventistas do Sétimo Dia, povo remanescente, levantado por Deus com uma mensagem específica para o tempo do fim, ou cristãos pós-modernistas? Qual é o nosso conjunto de valores? A vontade de Deus, expressa através da Bíblia e de Sua mensageira para este povo, ou as práticas reinantes nos povos e denominações ao nosso redor?” (Levi de Paula Tavares, O Uso de Palmas e Aplausos no Culto. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20258>>).

Precisamos apresentar ao mundo a nossa identidade e não apresentar à nossa identidade os costumes do mundo. Deus nos chamou para sermos um povo diferente, para despertarmos a atenção e o interesse dos que estão ao nosso redor exatamente por sermos diferentes. Deus nos chamou para mudarmos o mundo e não para nos moldarmos segundo o mundo, mantendo práticas que sejam agradáveis ao mundo.

- 4) “Então chegarás ao outeiro de Deus, onde está a guarnição dos filisteus; e há de ser que, entrando ali na cidade, encontrarás um grupo de profetas que descem do alto, e trazem diante de si saltérios, e **tambores**, e flautas, e harpas; e eles estarão profetizando. E o Espírito do Senhor se apoderará de

ti, e profetizarás com eles, e tornar-te-ás um outro homem” (I Samuel 10:5 e 6).

É difícil avaliar determinadas situações onde Deus exerce Seu juízo. Os valores musicais foram definidos claramente no santuário. Porém, temos que ter em mente que Deus não exerce juízo em casos de ignorância. Por exemplo, Deus concedeu o livramento quando o povo saiu do Egito, o que está evidente com a abertura do Mar Vermelho. Esse milagre aconteceu para benefício e auxílio de um povo escravizado que, sob a influência egípcia, vivia na poligamia e realizava cultos desnudos; porque este era o entendimento que aquele povo tinha naquele tempo de sua história.

A partir do momento em que o povo israelita recebeu mais informações, mais luz, pouco a pouco seu procedimento foi mudando. Então, passaram a ser avaliados e julgados de acordo com o novo conhecimento fornecido.

Relembrando o episódio de Saul registrado no texto bíblico anterior, fica evidente que o povo israelita não mais tinha nenhum esclarecimento de como deveria ser a música, os ritos e os instrumentos musicais adequados para a adoração. Essa orientação foi-lhes dada posteriormente e, a partir desse momento, não houve mais lugar para esse tipo de manifestação.

- 5) “Louvai-o com o **tamborim** e a **dança**, louvai-o com instrumentos de cordas e com órgãos. Louvai-o com os címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes” (Salmos 150:4 e 5).

“Em diversas discussões acerca da música cristã utilizada para a adoração a Deus, notadamente aquelas que tratam do uso ou não de instrumentos de **percussão** no culto, surge a questão acerca do Salmo 150, o qual, aparentemente, não apenas admite, mas ordena a utilização deste instrumento e das **danças** no louvor ao Senhor em Seu Santuário. Comumente, este salmo tem sido utilizado como evidência para inserir, dentro do contexto da adoração contemporânea, as danças e os tambores (que em nossos dias se apresentam na forma de grupos de dança coreográfica e diversos instrumentos de percussão, inclusive a bateria, típica dos conjuntos de rock). Em demanda desta discussão é que se torna justificável uma avaliação mais criteriosa da estrutura e conteúdo supostamente dogmático do Salmo em questão contrastando-o com os períodos bíblicos e seus costumes subjacentes. Desta forma, além de resolver a questão em pauta, poderemos desferir os valores de implicação para os dias atuais absorvendo princípios que sejam relevantes para uma adoração efetiva que seja conivente com a verdade de um Deus sublime, grandioso, puro e santo” (Gilberto Theiss, Danças e Tambores no Salmo 150, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 94).

É importante atentarmos para algumas questões relacionadas a este salmo.

“Um dos argumentos utilizados para contrapor a ideia de utilizar o Salmo 150 como base para inserir danças e tambores no culto de hoje é, entre outros, o fato de que este salmo não está tratando da adoração no templo e que, além disso, provavelmente, tenha sido escrito em um momento histórico da vida de Israel onde **não havia ainda uma clara instrução divina** acerca

da forma apropriada para a adoração litúrgica” (Gilberto Theiss, Danças e Tambores no Salmo 150, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 95).

Durante os quatrocentos anos em que foram escravos do Egito, os antigos israelitas receberam uma forte influência de costumes pagãos, incluindo aqueles utilizados como forma de culto aos deuses. O próprio Moisés, escolhido por Deus para ser o libertador de Seu povo, também sofreu tais influências.

“Moisés estivera a aprender muito que tinha de **desaprender**. As influências que o haviam cercado no Egito – o amor de sua mãe adotiva, sua própria posição elevada como o neto do rei, a dissipação de todos os lados, o requinte, a subtileza e o **misticismo** de uma religião falsa, o esplendor de um **culto idólatra**, a solene grandiosidade da arquitetura e escultura – tudo deixara profundas impressões em sua mente em desenvolvimento, e modelara, até certo ponto, seus hábitos e caráter” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 248).

Moisés precisou permanecer quarenta anos no deserto em contato com Deus para que a cultura egípcia fosse removida de seu coração.

O povo de Israel assimilara esta cultura em seu meio, motivo pelo qual, após o êxodo, Deus precisou orientar o povo em todos os aspectos, inclusive os de culto.

“Os costumes pagãos que vão além de meros tambores e danças corromperam Israel fazendo-os

perder de vista a sublimidade dos preceitos, **princípios** e grandeza de Deus. A **cultura pagã**, a imoralidade, idolatria e a **religiosidade mística** egípcia foram tão eficazes em cauterizar a mente do povo que, ao se depararem com algumas dificuldades no deserto, por várias vezes, se rebelavam e desejavam retornar àquela nação que por tanto tempo os escravizara. (...) Ao longo da história de Israel, embora ainda houvesse resquícios de idolatria e poligamia, percebemos que uma **reforma progressiva** foi se tornando realidade. Na medida em que o tempo avançava, muitos costumes foram sendo descartados e abandonados. Além das questões morais, é possível perceber uma reforma, também, no âmbito da **liturgia** de adoração de Israel para com Deus. E esta transformação ou reavivamento e reforma pode ser visto especialmente, em seu clímax, na preparação da inauguração do santuário de Salomão e de uma nova liturgia **dissociada dos costumes pagãos egípcios**" (Gilberto Theiss, Danças e Tambores no Salmo 150, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 99)

Em que período o Salmo 150 foi escrito? No período de ignorância de Israel ou após as claras instruções de Deus a respeito da adoração? Dois períodos distintos foram vivenciados pelos israelitas:

"PERÍODO A: A liturgia e sua estrutura, praticada pelo povo de Israel quando deixaram o Egito, passando pelo tempo de Davi e antes da preparação do novo templo no período de Salomão. Ainda faziam uso de alguns costumes (Egípcios) como danças e tambores (Êx 15:20,21; 32:5,6,19,22; Jz 11:34; I Sm 18:6)." (Gilberto Theiss, Danças e Tambores no Salmo 150, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 99).

“PERÍODO B: Anos mais tarde, a partir do momento em que Israel recebe as instruções de Deus através do profeta Natan de como deveria ser a adoração. Não há mais menção de **danças** e os **tambores** ficam fora da lista de instrumentos permitidos no Santuário (I Cr 16:5; 23:1-5; 25:1-7; II Cr 5:12,13; 7:6; 29:25,26; Ed 3:10; Is 38:20; Ne 12:27,36)” (Gilberto Theiss, *Danças e Tambores no Salmo 150*, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 99).

Não conhecemos o momento exato em que o Salmo 150 foi escrito, mas podemos encaixá-lo em um destes dois períodos.

“Desde a saída do povo de Israel do Egito, sua cultura religiosa e seus costumes que refletiam a adoração foram **maculados** pela religião mística daquela nação. No entanto, (...) Deus **tolerou** esses costumes, mas usou o tempo em um estágio **progressivo**, para erradicar de suas vidas os costumes religiosos pagãos do Egito amalgamados com a verdadeira adoração. O sincretismo foi gradativamente desarraigado e o culto oferecido a Deus mais desvinculado dos costumes mundanos. O ponto mais alto desta transformação foi sem dúvida alguma o Santuário de Salomão. Deus interveio e fez algumas exigências para que a verdadeira adoração não fosse enodada com costumes de **entretenimentos** ou **mundanos** da época. Tendo em vista a progressiva mudança (...) e tendo compreendido as diferenças entre o uso de dança e de tambores nos períodos pré e pós Santuário de Salomão, precisamos então inserir o Salmo 150 exatamente em algum período pré-Santuário, já que a partir do Santuário de Salomão **os tambores não entraram na lista de instrumentos que seriam utilizados pelos músicos** (II Cr 29:25 e 26; Ed 3:10). Esta é uma realidade

sustentada pelo histórico narrativo dos textos bíblicos e pelas diferenças de louvor e adoração realizadas nos dois períodos que se ligam por um intervalo vasto de tempo. A tentativa de inserir o Salmo 150 num contexto **pós-Santuário**, além de abusiva, é incoerente e não é capaz de sustentar-se por sua própria base de argumentação uma vez que este salmo reflete um comportamento litúrgico inexistente no templo a partir de Salomão. Este insistente esforço parece indicar preconceção e investida objetiva de bonificar o uso das danças e dos tambores na adoração contemporânea. Essa alternativa, mesmo sem apoio exegético, não passará de uma interpretação reducionista e carente de respaldo dialético e exegético” (Gilberto Theiss, Danças e Tambores no Salmo 150, Revista Práxis Teológica, Cachoeira, v.2, 2002, p. 101).

Precisamos ressaltar que, neste salmo, o autor expressa a compreensão de adoração que tinha no momento em que o compôs. Esta compreensão, influenciada pela cultura egípcia que foi assimilada nos quatrocentos anos de cativo, incluía tambores e danças. Quando Deus deu as orientações concernentes à música de adoração, tambores e danças não foram mais tolerados. Portanto, a orientação de louvar com tambores e danças foi dada num período de ignorância, quando a adoração ainda estava sendo moldada por Deus.

A questão central a ser respondida é: a menção de um costume praticado pelos servos de Deus no passado é suficiente para autorizar o mesmo costume para todos os tempos e lugares? A resposta é “não”. Os servos de Deus no passado, sob a influência da cultura egípcia enraizada em Israel, usaram bebida forte, tiveram mais de uma

mulher, mantiveram escravos, entre outras coisas. Eles não conheciam outra forma de cultuar a divindade, pois viviam em condições que não eram comuns a uma civilização. Isto explicaria a maneira de agir de Miriam ao tocar os tamboris e dançar depois de atravessarem o Mar Vermelho. Era a única forma conhecida de demonstrar alegria em uma geração nascida em cativeiro. Não é racional, como detentores do conhecimento bíblico, justificar determinadas práticas nas igrejas de hoje com base no comportamento de pessoas culturalmente marginalizadas pela escravidão no passado.

“Às vezes pensamos no povo de Israel saindo do Egito, como o ‘povo de Deus’, todos gente ‘fina’, asseada e educada. Puro engano! Eram imensa massa humana, heterogênea, **ignorante**, sem cultura, práticos em fazer tijolos e lidar com barro, grosseiros, sujos e sem higiene, a ponto de Deus ter de estabelecer por lei para eles o que os gatos fazem por instinto ao enterrarem suas próprias fezes (Deuteronômio 23:13). **Moisés tinha que ensinar praticamente tudo** a estes que vinham de longa escravidão” (Dario Pires de Araújo, Música, Advento e Eternidade, p. 34).

Este era o povo de Isarel. Muitos afirmam que as manifestações de culto com a utilização de tambores, palmas e danças eram aceitas por Deus por se tratar da cultura do povo. Porém, de acordo com as análises feitas até aqui, concluímos que estas manifestações não faziam parte da cultura do povo de Israel, mas da cultura **do povo egípcio**. E o povo israelita aderiu a tais costumes. Estudemos a vida de Abraão, Isaque, Jacó e José.

Perceberemos que jamais houve qualquer tipo de manifestação de culto com danças, tambores e palmas na vida dessas pessoas. Tais atitudes surgem na Bíblia após o êxodo, o que prova que não faziam parte da cultura israelita, mas **egípcia**.

A partir do momento que Deus concedeu mais luz ao povo israelita, as práticas culturais egípcias não mais foram toleradas. A utilização de tambores/tamboris aparece unicamente no Antigo Testamento, quando a adoração estava sendo moldada por Deus.

Assim como a revelação posterior, corroborada por estudo e reflexão, iluminou esses fatos que, aos poucos, foram sendo eliminados, a questão da música também deve ser objeto de estudo para compreensão e juízo adequados.

- 6) "Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus **tambores** e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados" (Ezequiel 28:13).

Este é outro texto muito usado para justificar a utilização dos tambores no templo. Algumas pessoas concluíram que Lúcifer, quando ainda estava no Céu, usava tambores, os quais foram criados para ele pelo próprio Deus. Portanto, seu uso no culto de adoração não seria apenas legítimo, mas altamente recomendável. Porém, analisemos o texto à luz do Comentário Bíblico Adventista:

“Tambores: Plural de ‘tof’, pelo geral um tamborzinho de mão. Alguns pensam que ‘tof’ se refere aqui ao lugar em onde era **engastada a gema**.

Flautas: Heb. ‘néqeb’, palavra obscura que talvez signifique ‘passagem subterrânea’ ou ‘mina’. Há quem pense que esta palavra faz alusão à **cavidade na qual se engastava a pedra**. Se isto fosse assim, a passagem estaria falando da formosa cobertura na qual estavam engastadas as pedras preciosas. A Bíblia de Jerusalém traduz: ‘Em ouro estavam lavrados os brincos e pinjantes que levava’, mas admite que se trata de uma ‘tradução duvidosa.’”

O termo “tof” não está totalmente definido como tambores. O Comentário Bíblico Adventista coloca outra opção e não a desqualifica. Nós sabemos que em todas as línguas existem palavras com grafias iguais, mas com significados diferentes, chamadas de homônimos. Portanto, para não haver problemas de interpretação, deve-se levar em consideração todo o contexto. Isto é coerência.

Quanto ao termo “néqeb”, ele não está definido como pífaros. Pelo contrário, existem no mínimo três diferentes significados: 1) passagem subterrânea, 2) cavidade onde se colocava a pedra e 3) instrumento musical.

Levando em conta a coerência no texto, seria mais razoável a interpretação de que “tof” e “néqeb” se referem aos locais onde eram presas as pedras preciosas na vestimenta de Lúcifer, pedras estas às quais todo o

verso se refere. E a Bíblia Almeida Revista e **Atualizada**, 2ª edição, traz a seguinte versão para Ezequiel 28:13:

“Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobriam: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os **engastes** e os **ornamentos**; no dia em que foste criado, foram eles preparados.”

Eclesiastes 7:27 nos aconselha:

“Vedes aqui, isto achei, diz o pregador, conferindo uma coisa com a outra para achar a razão delas”.

E Isaías 28:10 confirma:

“Porque é mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali.”

Não existe confirmação em nenhuma outra parte das Escrituras que corrobore essa ideia da aceitação de Deus em relação aos tambores.

O que Deus estabeleceu que fosse utilizado no templo? Lembremos que o louvor é para Ele e Ele diz aquilo que quer, pois Ele é o Criador e nós somos Suas criaturas. Ele dá as ordens e nós obedecemos.

“E pôs os levitas na casa do Senhor com címbalos, com alaúdes, e com harpas, conforme ao mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã:

porque este mandado veio do Senhor, por mão de seus profetas” (II Crônicas 29:25).

Davi era músico e por que Deus o teria orientado nesta questão? Pelo mesmo motivo que Ele não permitiu que Moisés escrevesse os dez mandamentos. Os mandamentos são santos, solenes e representam o Seu caráter. A música deveria ser tratada com a mesma solenidade. Se Deus deixasse Davi escolher, ele colocaria tambores, como fez em outras circunstâncias.

Perceba como os tambores eram abundantemente utilizados pelo povo de Israel. Eles não perdiam nenhuma oportunidade, onde houvesse música e festa lá estavam os tambores. Disto podemos compreender que os tambores lhes eram muito familiares. Então, se o povo estava tão familiarizado com este instrumento, por que Deus não permitiu que entrasse no templo?

Como tocamos no assunto dos tambores, vamos analisar mais de perto um instrumento que deles deriva, como se deu esse processo e se este instrumento é aceitável no louvor a Deus. Nosso intento é apenas trazer informações e não convencer as pessoas à nossa maneira de pensar e agir. Como afirmamos inicialmente, cada um deve buscar o conhecimento **por si mesmo** e tirar suas conclusões, pedindo a direção de Deus.

13. BATERIA: POR QUE NÃO?

O uso da bateria na adoração tem sido um assunto muito polêmico entre nós, principalmente a partir da

década de 1990. Encontramos pessoas contra, pessoas a favor e pessoas em terreno neutro. Porém, mesmo em se tratando de um tema polêmico, não podemos nos omitir, não podemos simplesmente ignorar o fato de que se trata de um instrumento que gera divisões na igreja, que cria dificuldades quanto ao exercício da unidade entre os membros. Precisamos conhecer as implicações físicas, mentais e espirituais da utilização deste tipo de instrumento. O que realmente incomoda não são as opiniões divergentes, mas a falta de iniciativa daqueles que detém tais opiniões de fundamentá-las de maneira sólida, muito além da mera aceitação de uma opinião pessoal ou afirmação de pessoas influentes que desconhecemos com clareza os motivos de suas ideias.

Nosso objetivo neste trabalho, como de costume, é fornecer ao leitor informações que sejam úteis para decisões individuais. Por isso, insistimos em apelar para que cada pessoa busque o conhecimento mais amplo dos diversos aspectos que envolvem e influenciam nossa adoração. Alertamos para o pensamento de que se a vida espiritual de um povo, ao qual foi concedida abundante luz, não estiver construída sobre esta luz, a espiritualidade ruirá.

“A maioria das pessoas não presta muita atenção às leis da música e ignora o **impacto** que a música tem sobre a sua **saúde** física, social e mental [e **espiritual**]”
(Samuele Bacchiocchi, O Cristão e a Música Rock, p. 237).

Ninguém tem dúvidas de que a bateria nada mais é do que um conjunto de tambores. Falando a respeito destes, a Enciclopédia Britannica do Brasil descreve:

“Os tambores figuram entre os instrumentos musicais de uso mais generalizado, seja com funções civis, de comunicação ou **religiosas**. A tradição africana de acompanhar com tambores as cerimônias religiosas é mantida no **candomblé** e em cultos congêneres praticados no Brasil. Usados na Idade Média para fins militares e civis, integraram as orquestras no século XVIII como instrumentos puramente musicais. No século XX, figuraram em grupos orquestrais, militares, de **Jazz, Rock**, etc. **Nesses últimos gêneros surgiram as baterias**, que consistem num grupo de tambores, pratos e outros meios de percussão, tocados simultaneamente por uma só pessoa. Nos cultos afro-brasileiros, os ritmos dos atabaques (nome genérico dos tambores percutidos com as mãos, sem o uso de baquetas) variam para cada invocação e para cada orixá. Os tambores empregados nos rituais, no Brasil, em Cuba e no Haiti, são consagrados, e a eles **sacrificam-se animais**, cujo sangue é derramado sobre os instrumentos.”

Os tambores sempre tiveram uma função extra-musical, como a de transmitir mensagens à distância e, principalmente, uma função religiosa. Eles têm sido creditados com poderes mágicos e eram tidos como objetos sagrados. Ainda hoje, em algumas sociedades, a confecção de um tambor continua a envolver certo ritual.

A bateria é um conjunto de tambores de diversos tamanhos e timbres, e de pratos metálicos, colocados de forma conveniente, para que todos juntos sejam tocados

por um único músico. Este conjunto de instrumentos foi amplamente utilizado e **desenvolvido** nos estilos musicais **Jazz, Hip-hop, Rock**, entre outros, sendo componente **essencial** da música contemporânea.

O primeiro modelo prático de bateria foi construído por William F. Ludwig em 1910. Ele nasceu na Alemanha em 1879. Aos oito anos de idade mudou com sua família para os Estados Unidos. Após observar, num desfile militar, os percussionistas do Primeiro Regimento da Guarda Nacional de Illinois, desejou ser um deles. A princípio, não obteve apoio de seu pai, que considerava a bateria como algo que não deveria ser levado a sério. Ao constatar que o filho não progredia em instrumentos melódicos, comprou um kit de percussão para ele. O garoto obteve sucesso imediato com os tambores e isto lhe rendeu o lugar de baterista em algumas bandas amadoras; e ele progrediu tão rapidamente que passou a tocar em bandas como profissional.

William, porém, começou a ter dificuldades com o pedal do bumbo. O pedal de madeira que usava era pesado e não atendia às necessidades dos novos ritmos sincopados do Jazz e do Ragtime. Como não encontrava nenhum que lhe fosse satisfatório, criou seu próprio pedal com design que lhe permitia tocar mais rápido e sem perder força. Este foi o primeiro pedal de bumbo funcional. O sucesso foi tão grande que em 1910 William e seu irmão fundaram a Ludwig & Ludwig. No início dos anos sessenta eles produziram as baterias mais desejadas do mundo.

Até 1920 os bateristas de Jazz nos EUA não se destacavam muito, limitando-se apenas a marcar o tempo da música. Aos poucos alguns músicos foram se destacando devido à técnica e à forma de apresentação, como por exemplo, Jo Jones e Gene Krupa.

A partir do início dos anos sessenta outro baterista que popularizou ainda mais este instrumento em todo o mundo foi **Ringo Star**, um dos componentes da famosa banda de Rock "The Beatles". Devido à sua enorme popularidade, somada a de outros bateristas, Ringo deu à bateria um lugar de destaque cada vez maior.

A criação da bateria está intimamente ligada ao surgimento do Jazz, bem como o seu desenvolvimento está ligado à história e ao crescimento do Jazz e do Rock, respectivamente na primeira e segunda metade do século vinte.

"A bateria foi inventada para o único propósito de **fortalecer** a música **Jazz, Blues, Rhythm and Blues** e todas as variedades de **Rock-n-Roll**. Por isso, não pode ser separada da origem da música Rock e Jazz" (Karl Tsatalbasidis. Drums, Rock and Worship, Modern Music in Today's Church: Editora Amazing Facts, 2003).

No Brasil, a influência norte-americana sempre existiu no que diz respeito à bateria, seja pelo cinema, pelas gravações e shows de Jazz, pelos equipamentos, ou pelos primeiros livros e métodos de bateria.

Com a influência das bandas de Jazz, surgem no Rio de Janeiro diversos grupos e orquestras com arranjos

diferenciados para a música brasileira. É então que começa a aparecer um maior número de bateristas. Os músicos paulistanos, nas décadas de cinquenta e sessenta, se encontravam para trocar informações e nessas ocasiões apareciam com frequência bateristas norte-americanos que vinham ao Brasil acompanhando famosos artistas de Jazz.

Paralelamente a isto, os bateristas brasileiros foram desenvolvendo maneiras particulares de tocar o instrumento, incorporando os elementos de percussão e as ideias musicais provenientes da enorme riqueza cultural brasileira. É o caso, por exemplo, de Luciano Perrone, um dos primeiros bateristas brasileiros. Ele criou uma maneira própria de tocar Samba na bateria. Perrone é considerado o inventor da bateria brasileira.

Muitas pessoas entendem a polêmica do uso da bateria no culto a partir da história da utilização de outros instrumentos por parte dos cristãos. Piano, violão e órgão tiveram um período de rejeição e mais tarde terminaram por ser aceitos como adequados à liturgia. O acompanhamento instrumental em si já foi considerado impróprio para a música litúrgica cristã, quando muitos consideravam que o único instrumento adequado à adoração era a voz humana. Da mesma forma, afirmam, a bateria estaria hoje nesse período de questionamento que terminará com sua aceitação irrestrita dentro da igreja. Mas será que os motivos da polêmica quanto ao uso da bateria são os mesmos dos demais instrumentos? Todos os instrumentos são iguais quanto ao seu potencial no louvor e na influência que exercem sobre a mente?

Paremos para refletir um pouco: alguém já se perguntou por que os tambores são tão utilizados e essenciais nas religiões africanas, indígenas e outras que levam seus membros a momentos de êxtase intenso e consequente transe?

O antropólogo Francisco Sparta, em seu livro "A Dança dos Orixás" (São Paulo: Harder, 1970) discute amplamente a relação entre dança, tambor e transe. Ele diz:

"O **transe** religioso é provocado pela preparação, pela reclusão, pelas mortificações, pelos banhos, pela dança, pelos **tambores**" (p. 50). (...) as mulheres dançam, saltam e se agitam" e "os **tambores** acompanham excitando" a cerimônia e os corpos (p. 35)."

Num simpósio de psiquiatria, realizado em 1968 na Bahia e no Recife, o pesquisador William Sargent argumentou a favor da relação entre **tambor** e **transe**. Falou da "lavagem do cérebro", como efeito da música **percussiva** dos rituais de transe. Mostrou "cenas de possessão filmadas em diferentes regiões da África e da América Latina" e insistiu que o transe "é provocado pela **cadência das batidas de tambores**". Como ilustração citou o caso "de mulheres, na Inglaterra, que haviam entrado em transe apenas escutando algumas gravações feitas por ele". Concluindo sua apresentação, Sargent afirmou:

“**Derivado** do culto negro é o **Rock and Roll**, que provoca um efeito semelhante ao transe” (citado por Sparta, pp. 56-57).

Várias pesquisas evidenciam as raízes místicas e profanas dos tambores e sua relação com os cultos espiritualistas. Veja alguns exemplos:

“A música e a dança são os principais fatores dos fenômenos de **possessão** que se observam nos cultos mágicos” (Francisco Sparta, A Dança dos Orixás, São Paulo: Harder, 1970, p 57).

“Os xamãs preparam seu transe cantando e tocando **tambor**” (Mircea Eliade, História das Crenças e das Ideias Religiosas, Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 106).

“Na maioria das tradições xamânicas, a dança e o canto com **tambor** são os meios mais utilizados para se atingir o transe” (Mircea Eliade, O xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase, São Paulo: Martins Editora, 1998).

“O ritmo violento dos **tambores** e a **repetição** intérmina dos cantos, produzem fadiga e amortecimento consequente da **consciência**, levando os iniciados a um verdadeiro estado de hipnose” (Francisco Sparta, A Dança dos Orixás, São Paulo: Harder, 1970, p. 57).

“O **tambor** não é um simples instrumento de ritmo quanto à sua mais antiga tradição ligada às danças sagradas. Ele é, por sua vez, um instrumento de correspondência, isto é, de comunicação entre o homem

e os seres misteriosos que governam a natureza” (Aguiar Bastos, Os Cultos Mágico-Religiosos no Brasil, São Paulo: Hucitec, 1979, p. 99).

“Ritmo é o elemento mais ativo na experiência do transe. O ritmo marcado com a **percussão** é ainda mais eficaz em desencadear a experiência de possessão. (...) A **percussão** é o som por excelência do transe. Se há um instrumento capaz de quebrar os nossos nervos, esse é o **tambor**. Além disso, esse é o instrumento mais importante do ritmo, e por consequência da dança” (Gilbert Rouget, Música e Transe, Chicago: The University of Chicago Press, 1985).

Ao jornal Folha de São Paulo, caderno Folha Ilustrada, de 17/06/2000, uma “filha-de-santo” de um terreiro de Salvador (Bahia) afirmou :

“Que gostoso é o candomblé! Mesmo se você não tem nada a ver com religião, quando escuta os **tambores** não tem jeito: começa a balançar os ombros.”

Jimi Hendrix, famoso músico do *Rock*, declarou numa entrevista:

“Você pode **hipnotizar** as pessoas com a música e quando elas chegarem ao seu ponto mais fraco você pode pregar para os seus subconscientes o que você quiser dizer” (Entrevista à Revista Life em 03/10/1969, p. 4).

Muitos acreditam que a bateria é um instrumento inofensivo e até mesmo essencial para a adoração a Deus. Porém, a bateria foi criada com um objetivo único:

marcar e **ênfatizar** o ritmo. Diversas músicas são tocadas em compassos e em andamentos diferentes; e neste contexto a única utilidade da bateria é marcar/ênfatizar o compasso, sendo incapaz de produzir melodia e harmonia. Sua função é produzir ruído para ênfatar o ritmo de uma música. Há algo de mal nisto?

O ritmo da música tem a capacidade de influenciar os **ritmos do corpo**. Por isso, é o elemento que exerce influência nos mais variados locais do nosso organismo. Entre tantos podemos citar os efeitos sobre a liberação dos **hormônios** nas glândulas, a liberação de neurotransmissores nos núcleos do sistema nervoso central, a pressão arterial, as ondas cerebrais e os **movimentos corporais** (Laurence O'Donnell. Disponível <<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/musica>>). Toda música executada com **ritmo repetitivo**, independente do instrumento que produza este ritmo, estoca energia nos músculos e faz com que eles se contraíam e relaxem ritmicamente a fim de liberar a energia armazenada, ou seja, produz **movimentos físicos**.

“Assim, os ritmos co-selecionados ajudam a regular o passo, o tempo e a cadência dos movimentos” (Revista Isto É, 28/01/2009, p. 68).

Agora é possível entender o motivo de nossos pés e de nossas mãos se movimentarem; e também é possível entender o motivo do desejo de dançar quando ouvimos uma música com ritmo acentuado. Este movimento físico é quase involuntário. É uma questão fisiológica.

“Além de estimular os músculos a produzir movimentos físicos, as descargas de impulsos nervosos produzidas por ritmos que **marcam** ou **acentuam** os tempos fracos e os contratempos estimulam, também, vários centros nervosos no Tronco Cerebral como o Lócus Cerúleus, responsável pela liberação do neurotransmissor Noradrenalina e os Núcleos da Rafe, que liberam Serotonina. Os neurotransmissores, e/ou metabólitos gerados a partir deles, quando liberados em altos níveis ou durante um tempo maior que o normal, pelos núcleos do tronco cerebral, possuem ações as quais são imitadas pelas **drogas psicoativas** (cocaína, nicotina, anfetaminas, etc.) no sistema nervoso central e podem produzir **euforia**, convulsões, **transe**, hipnose, tolerância e **vício** – Roger Liebi, Rock Music! The Expression of Youth in a Dying Era, Zurich, 1989” (Vanderlei Dorneles, Cristãos em Busca do Êxtase, Eng. Coelho: Unaspress, 2006, p. 25).

Este é o motivo básico para o uso de tambores nas experiências de transe em algumas religiões.

O pesquisador David A. Noebel diz o seguinte a respeito de alguns ritmos musicais:

“[Criam] uma secreção anormalmente alta de **hormônios sexuais** e **adrenalina** podendo causar alterações nos níveis de açúcar no sangue e a quantidade de cálcio no corpo. Uma vez que o cérebro recebe sua nutrição do açúcar no sangue, sua função diminui quando este açúcar é dirigido a outras partes do corpo para estabilizar o equilíbrio hormonal. No ponto em que uma quantidade insuficiente de açúcar do sangue alcança o cérebro, **o julgamento moral é muito reduzido** ou **completamente destruído**. (...) Na

música Rock e formas **semelhantes**, o padrão da acentuação é invertido, de forma que as batidas dois e quatro são **acentuadas**, em vez das batidas um e três, como representado no compasso que se segue: um, DOIS, três, QUATRO. (...) John Diamond, um médico de Nova Iorque, realizou numerosas experiências sobre os efeitos da música Rock. Em 1977, trabalhou como presidente eleito da Academia Internacional de Medicina Preventiva. Ele descobriu que a música Rock é a forma mais séria de **poluição sonora** nos Estados Unidos. Particularmente prejudicial é a música Rock que emprega uma batida 'anapéstica' (pé de verso grego ou latino formado de três sílabas, as duas primeiras breves e a última longa), onde a última batida é a mais intensa, como 'da da DA'. De acordo com Diamond, este tipo de música pode 'suscitar **estresse** e **ira**, reduzir a produtividade, aumentar a hiperatividade, debilitar a força muscular e poderia desempenhar um papel na delinquência juvenil'. (...) Estas desordens de comportamento ocorrem, de acordo com Diamond, porque a música Rock causa um desarranjo no sincronismo dos dois lados do cérebro, de forma que a simetria entre os dois hemisférios cerebrais seja perdida. Ele conduziu uma experiência numa fábrica em Nova Iorque onde a música Rock era tocada o dia todo. Quando a música foi substituída por outra que não fosse Rock, Diamond descobriu que a produtividade da fábrica aumentou em 15%, enquanto que o número de erros diminuiu na mesma proporção. Ele explica que a batida anapéstica, característica especial da música Rock, é **perturbadora** porque é o oposto das batidas do coração, assim como coloca o ritmo do corpo normal sob **stress**. (...) Pesquisadores russos chegaram a conclusões semelhantes. Eles descobriram que a música Rock tem 'um efeito psíquico **tremendamente prejudicial**'. (...) Even Ruud explica como a música Rock alta e **rítmica** cria uma necessidade por reações

musculares e **movimentos corporais** (...) Se o stress na pulsação continua, como num concerto de Rock, prolongado com música intensa e monótona, é produzida uma quantidade excessiva de adrenalina, a qual as enzimas do corpo não são capazes de metabolizar. O resultado é que uma parte da adrenalina se transforma em outra substância química chamada **adrenocromo** (C9H903N). Esta é de fato uma **droga psicodélica** semelhante ao LSD, mescalina, STP, e psilocibina. Adrenocromo é um composto um pouco mais fraco que as outras, mas os testes mostraram que ele **cria uma dependência** semelhante às outras drogas” (Samuele Bacchiocchi, O Cristão e a Música Rock, pp. 243-247).

“O **ritmo repetitivo** sincopado e **marcado**, semelhantemente às drogas psicoativas, aumenta os níveis de Neurotransmissores (Noradrenalina, Serotonina e Dopamina) e de Adrenalina no Sistema Nervoso Central e, por isso, acentua o prazer produzido pelo estímulo cerebral sobre o Centro de Recompensa. Esta sensação de prazer tende a ser repetida e, se não for repetida, o sistema nervoso central sente necessidade dela gerando, assim, a **dependência**. Além disso, à medida que esta sensação de prazer é repetida, um nível cada vez maior de estímulo é requerido para produzir o mesmo efeito anterior levando à **tolerância** (H. P. Range e col., Farmacologia, 5. ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2004). A tolerância reforça a dependência e, superando o controle voluntário do córtex pré-frontal, gera o **vício**. Portanto, a música ativa alguns dos mesmos sistemas de recompensa estimulados por comida, sexo e drogas” (Norman M. Weinberger, Revista Mente e Cérebro, Edição Especial: Segredos dos Sentidos, 2008, p. 53).

“Uma das mais poderosas liberações de **adrenalina**, na reação de fuga ou luta, acontece na

música com volume forte, **ritmo e acordes discordantes**. Os músicos descobriram que a música que não segue as regras matemáticas exatas da harmonia e do ritmo corporal (fraseado), faz com que o ouvinte experimente um **clímax** viciante. Assim como as anfetaminas causam dependência, os músicos utilizam o **ritmo discordante** ou sincopado para causar dependência e tolerância e assim vender bem. A mesma música que no passado criava uma sensação agradável de excitação, agora não satisfaz mais. Ela precisa se tornar mais estridente, mais intensa e mais discordante” (Verle Bell, How the Rock Beat creates an addiction em How to conquer the Addiction to Rock Music, Oakbrook, IL, 1993).

Então o leitor poderia questionar:

“Quer dizer que, ao ouvir ou executar uma música ritmada, ficarei como que ‘drogado’, entrarei em transe, ficarei em estado hipnótico?”

Isto pode acontecer, mas depende da intensidade do ritmo e do tempo em que a pessoa fica exposta a esta intensidade. Satanás não precisa levar-nos a um estado de êxtase intenso, mas apenas de um momento conveniente a fim de que fiquemos sob sua sutil manipulação. Vamos entender agora o que para ele é suficiente.

“Níveis aumentados de Noradrenalina e Adrenalina **inibem as funções do córtex pré-frontal** (razão, discernimento)” (Robert Lent. Cem Bilhões de Neurônios, São Paulo: Atheneu, 2004). “Além disso, a Adrenalina estimula os corpos amigdalóides cerebrais, supostamente o **centro**

do comando emocional” (Musica Research Notes, vol. 4, ed. 2, Outono de 1997: Norman M. Weinberger. The Musical Hormone. Disponível <<http://www.musica.uci.edu/mrn/V4I2F97.html>>). “ISSO pode levar à **predominância das emoções sobre a razão**. Quando isso ocorre, a mente não consegue mais **utilizar os conceitos do que é certo ou errado**, ou mesmo utilizar o comando voluntário para **controlar suas ações**” (Vanderlei Dorneles, Cristãos em Busca do Êxtase, Eng. Coelho: Unaspress, 2006, p. 161).

Este é o ponto em que Satanás quer chegar. Não é necessário que entremos em estado de transe. O objetivo dele é muito mais simples do que isto; o objetivo é bloquear nosso raciocínio e estimular nossas emoções. Conseguindo isto, ficamos cada vez menos sensíveis à ação do Espírito Santo. O nosso culto racional ficará debilitado, tornando impossível a verdadeira adoração ao nosso Criador. Movidos pelo excesso de hormônios seremos conduzidos a acreditar que estamos sendo tocados pelo Espírito Santo e, dessa forma, ofereceremos uma adoração vã. Satanás, assim, consegue impedir que Deus seja adorado.

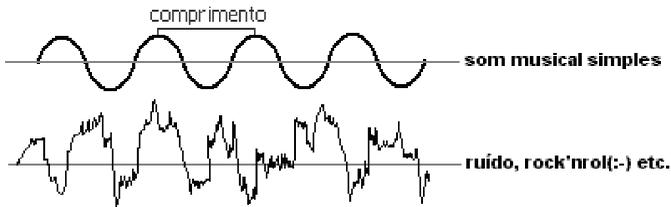
O pianista Tore Sognefest, músico profissional, durante os anos oitenta teve a sua própria banda de Rock que ficou famosa na Noruega. Ele recebeu o grau de Mestre em música pela Academia de Música em Bergen, onde lecionou durante vários anos. Sognefest é autor do livro “The Power of Music”. Ele é um conferencista convidado por diferentes denominações para realizar seminários de música. Atualmente está trabalhando como Diretor de uma Escola Secundária Adventista do Sétimo Dia na Noruega. Ele comenta:

“A exposição à música com **ritmos harmônicos** reforça os ciclos rítmicos do corpo humano, sincronizando mensagens nervosas, melhorando a coordenação, e harmonizando humores e emoções. Por contraste, a exposição à música com **ritmos desarmônicos** – quer seja a ‘tensão’ causada pela **dissonância** ou ‘barulho’ ou os balanços antinaturais de acentos rítmicos deslocados, síncope, e polirritmos, ou tempo impróprio – podem resultar em uma variedade de mudanças incluindo: uma frequência cardíaca alterada com sua correspondente alteração na pressão sanguínea; uma estimulação excessiva de hormônios (especialmente os opióides ou endorfinas) causando uma alteração no estado da **consciência**, desde mera estimulação num extremo do espectro até a **inconsciência** no outro extremo; e digestão inadequada” (Carol and Louis Torres, Notes on Music, New York, 1990, p. 19).

Em suma, existem muitos prejuízos espirituais quando da utilização de um instrumento que gera efeitos semelhantes aos das drogas, inibindo nossa razão (onde Deus fala), destruindo nosso discernimento e nos bombardeando de hormônios, entre eles os sexuais. É possível adorar a Deus em tais condições? A bateria agora lhe parece realmente um instrumento inofensivo? Analisemos agora em relação ao ruído produzido pela bateria.

“As ondas produzidas por uma fonte sonora podem ter ou não comprimento definido (frequência determinada). Uma onda sonora com comprimento definido é transformada, no ouvido, em impulsos nervosos os quais são traduzidos pelo córtex (camada cinzenta mais externa do cérebro) auditivo como um

tom. A música melodiosa e harmoniosa é formada por tons que possuem altura e duração fixas. Estas proporcionam ao cérebro condições de descobrir relações e proporções entre si e, assim, ir compondo um edifício musical” (Robert Jourdain, *Música, Cérebro e Êxtase*: como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998, p. 94).



Quando uma fonte sonora envia ondas sem comprimento definido (frequência indeterminada) nosso cérebro, indistintamente, traduz essa informação como **ruído** (barulho). Este tipo de som é compreendido como uma **agressão** e, por isso, nosso organismo se prepara para enfrentá-la na forma de uma **reação de estresse**. Um ruído faz com que a membrana basilar da cóclea seja estimulada de forma desigual e desproporcional. Isto não é considerado normal e nem benéfico para o meio interno do organismo humano, desencadeando uma reação de estresse. A nossa autopreservação envolve os sistemas nervoso e endócrino; e os mecanismos corporais utilizados para isso são fisiologicamente tão potentes que eles são usados apenas por uns poucos minutos. Caso contrário, estes mecanismos se tornam mais prejudiciais do que benéficos ao nosso corpo.

“Semelhantermente a qualquer situação de estresse, ocorre um aumento marcante na liberação dos hormônios Cortisol e **Adrenalina** a fim de preparar nosso corpo para a fuga ou para enfrentar à agressão (luta). Esses hormônios liberam glicose dos locais de armazenamento, diminuem a utilização de glicose nos tecidos fazendo com que seu nível sanguíneo aumente; proporcionam maior fluxo de sangue para os músculos; aumentam a pressão arterial, e **deprimem o sistema imunológico** (diminuem a capacidade de combater doenças)” (Musica Research Notes, vol. 4, ed. 2, Outono de 1997: Norman M. Weinberger. The Musical Hormone. Disponível <<http://www.musica.uci.edu/mrn/V4I2F97.html>>; R. A. Rhoades e G. A. Tanner, Fisiologia Médica, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2aed. 2005). “O estresse é produto do hemisfério esquerdo do cérebro. Se esse lado for predominante e se não soubermos vivenciar as situações de tensão, poderemos ficar mais vulneráveis a problemas graves, como infarto ou derrame” (Adriana Toledo. Saúde é Vital, ed. Abril, São Paulo, julho de 2008, p. 80).

Como vimos anteriormente, quantidades excessivas de adrenalina que não podem ser metabolizadas transformam-se em adrenocromo, uma substância tóxica com efeitos semelhantes aos das drogas, criando semelhantemente a **dependência**.

Para que o sistema nervoso humano possa interpretar a melodia e a harmonia de uma música, é preciso que as ondas sonoras que chegam ao sistema auditivo sejam tons, ou seja, tenham comprimento definido e frequência determinada.

“Existem vários instrumentos que produzem tons: piano, flauta, violino, trompete, clarinete, etc., mas

outros instrumentos, porém, não produzem tons e sim ruído: castanholas, chocalhos, pratos, vários tipos de tambores (caixa, bumbo, pandeiros, bateria, etc.). Por isso, o que a maioria dos tambores fazem é exatamente uma explosão de barulho” (Robert Jourdain, Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998, p. 65).

Instrumentos musicais que não produzem tons, mas sim ruídos, aumentam os níveis dos hormônios do estresse nas pessoas, e são usados unicamente para **acentuar o ritmo**. Isto se deve ao fato de que esses instrumentos não produzem nem melodia nem harmonia.

O antigo povo de Israel usou tambores e dançou em eventos festivos celebrados com muita agitação. Na condução da arca de Quiriate-Jearim até a casa de Obede-Edom, por exemplo, houve música com **tamborins** e Davi dançou e se alegrou. **Davi não consultou ao Senhor**, mas aos seus comandantes.

“E Davi **tomou conselho com os capitães** dos milhares, e das centenas, e com todos os líderes” (I Crônicas 13:1).

Nessa viagem tudo deu errado. Os bois tropeçaram, a arca quase caiu e Uzá morreu ferido pelo Senhor.

“E Davi e todo o Israel, alegraram-se perante Deus com todas as suas forças; com cânticos, e com harpas, e com saltérios, e com **tamborins**, e com címbalos, e com trombetas. E, chegando à eira de Quidom, estendeu Uzá a sua mão, para segurar a arca, porque os bois tropeçavam. Então se acendeu a ira do Senhor contra

Uzá, e o feriu, por ter estendido a sua mão à arca; e **morreu** ali perante Deus. E Davi se encheu de tristeza porque o Senhor havia aberto brecha em Uzá; pelo que chamou aquele lugar Perez-Uzá, até ao dia de hoje” (I Crônicas 13:8-11).

Muitos afirmam que a morte de Uzá foi uma injustiça, diante de sua preocupação com a integridade da arca. Porém, assim nos diz a Inspiração:

“Uzá ficou irado com os bois, porque tropeçaram. Demonstrou uma manifesta **desconfiança de Deus**, como se Aquele que tinha trazido a arca da terra dos filisteus não pudesse tomar conta dela. Os anjos que atendiam à arca feriram Uzá por sua **impaciente presunção** de colocar a mão sobre a arca de Deus” (Ellen G. White, História da Redenção, p. 192).

“Em Uzá recaía a maior culpa de **arrogância**. A transgressão à lei de Deus diminuía a intuição que ele tinha da santidade da mesma, e, tendo sobre si pecados não confessados, atrevera-se em face da proibição divina a tocar no símbolo da presença de Deus. Deus não pode aceitar uma obediência parcial, uma maneira frouxa de tratar os Seus mandamentos” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 706).

Diante do trágico episódio, Davi ficou preocupado e perguntou:

“E aquele dia temeu Davi a Deus, dizendo: Como trarei a mim a arca de Deus?” (I Crônicas 13:12).

Três meses depois, Davi reuniu o povo para buscar a arca da casa de Obede-Edom. Desta vez Davi decidiu que somente os levitas conduziram a arca.

“Então disse Davi: Ninguém pode levar a arca de Deus, senão os levitas; porque o Senhor os escolheu, para levar a arca de Deus, e para o servirem eternamente” (I Crônicas 15:2).

Houve alegria e nesta vez não houve **tambores**, mas sim harpas, alaúdes e címbalos.

“E disse Davi aos chefes dos levitas que constituíssem, de seus irmãos, cantores, para que com instrumentos musicais, com alaúdes, harpas e címbalos, se fizessem ouvir, levantando a voz com alegria” (I Crônicas 15:16).

Tudo deu certo. Teria sido apenas coincidência?

Os instrumentos que foram usados no transporte da arca até Jerusalém, sem uso de tambores, foram chamados de *“instrumentos de música de Deus”* (I Crônicas 16:42), enquanto que aqueles instrumentos que deram o ritmo propício à dança, e não foram usados na nova tentativa, não receberam essa qualificação (I Crônicas 13:8).

“Se Davi tivesse entendido que seu erro consistia em ter colocado a arca num carro e permitido que não-sacerdotes a transportassem, na segunda festa ele alteraria esse ponto e todo o restante faria igual, especialmente a música. Mas não foi isso que aconteceu”

(Vanderlei Dorneles, O Canto do Senhor. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20143>>).

Será mera coincidência o fato de que, na primeira viagem, tendo consultado seus capitães, Davi incluiu tamborins na música e, na segunda viagem, tendo consultado a Deus, os tamborins foram excluídos? É possível identificar uma distinção entre a vontade humana e a vontade de Deus neste aspecto.

Davi quis fazer um templo para Deus, mas não lhe foi permitido. Mesmo o rei sendo um especialista em música, Deus foi quem deu orientações a ele para que tomasse todas as providências para o templo que Salomão, seu filho, edificaria. Entre essas orientações, Deus determinou os instrumentos que deveriam fazer parte da música do templo.

“E pôs os levitas na casa do Senhor com címbalos, com saltérios, e com harpas, conforme ao mandado de Davi e de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã; porque **este mandado veio do Senhor**, por mão de seus profetas” (II Crônicas 29:25).

Em relação aos instrumentos ordenados por Deus a Davi para que fizessem parte da música do templo, é significativo o texto de II Crônicas 7:6, que diz:

“E os sacerdotes, serviam em seus ofícios; como também os levitas com os **instrumentos musicais do Senhor**, que o rei Davi tinha feito, para louvarem ao Senhor.”

O artigo plural definido "os" indica um grupo específico de instrumentos, que são qualificados como instrumentos musicais do Senhor. Estes são os que Davi fez por ordem de Deus: címbalos, alaúdes e harpas. A lista desses instrumentos aparece em diversas ocasiões, sempre sem inclusão do tambor ou adufe (ver I Crônicas 16:5; 25:1 e 6). Os únicos instrumentos que aparecem na lista dos usados no templo, além dos que foram confeccionados por Davi, são as trombetas (II Crônicas 5:12-13 e 29:27).

Dois séculos e meio mais tarde, quando o Templo foi reconstruído sob a liderança de Esdras e Neemias, a mesma restrição foi aplicada novamente. Nenhum instrumento de percussão melódica foi permitido para acompanhar o coro levítico ou tocar com a orquestra no Templo.

"Quando, pois, os edificadores lançaram os alicerces do templo do Senhor, então apresentaram-se os sacerdotes, já vestidos e com **trombetas**, e os levitas, filhos de Asafe, com **címbalos**, para louvarem ao Senhor conforme à **instituição de Davi**, rei de Israel" (Esdras 3:10).

"E na dedicação dos muros de Jerusalém buscaram os levitas de todos os seus lugares, para trazê-los, a fim de fazerem a dedicação com alegria, com louvores e com **canto, saltérios, címbalos** e com **harpas**. (...) E seus irmãos, Semaías, e Azareel, Milalai, Gilalai, Maai, Natanael, Judá e Hanani, com os **instrumentos musicais de Davi**, homem de Deus; e Esdras, o escriba, ia adiante deles" (Neemias 12:27 e 36).

Isto confirma que a regra ainda era válida. O canto e a música instrumental no templo continuavam diferindo do canto e da música instrumental existentes na vida social do povo israelita.

Muitas pessoas argumentam sobre o uso de címbalos, que são instrumentos de percussão, na liturgia do santuário israelita. Porém, Curt Sachs, no livro "Rhythm and Temp" (1953, p. 79), explica:

"A música no templo incluía **címbalos**, e o leitor moderno poderia concluir que a presença de instrumentos de percussão indicaria ritmos precisos. Mas há pouca dúvida de que os címbalos, como em qualquer outro lugar, marcavam o fim de uma linha e não o ritmo dentro de um verso" (Curt Sachs, Rhythm and Tempo, New York: Norton, 1953, p. 79).

"Apesar de os **címbalos** serem, verdadeiramente, instrumentos de percussão, não é apropriado afirmar que estes instrumentos fossem utilizados como utilizamos os instrumentos de percussão atualmente, ou seja, para **marcação rítmica**. A sua função era de **sinalização**, assim como as trombetas; com a diferença que as trombetas sinalizavam para o povo e os címbalos eram utilizados como sinalização para os cantores e instrumentistas, quase da mesma forma que um regente faz sinais corporais para os músicos de uma orquestra na atualidade, indicando as entradas dos diversos instrumentos" (Levi de Paula Tavares, O Uso da Percussão na Adoração à Luz da Bíblia. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20267>>).

Vanderlei Dorneles, em seu livro "Cristãos em Busca do Êxtase", p. 193, afirma que a exclusão do tambor no

templo pode indicar que Deus não quis o instrumento na música de adoração por causa de sua relação direta com o misticismo e por sua influência no sentido de estimular as danças que enfraqueciam a consciência e o discernimento. O ritmo repetitivo marcado pelo tambor induzia as pessoas à dança e por este motivo este instrumento não deveria estar incluído na liturgia do culto, pois cultuar a Deus requer mente lúcida para a clara compreensão de Sua vontade. Além disso, uma vez que o templo era uma representação do trono de Deus, a música a ser usada ali deveria **distinguir-se** daquela usada nas celebrações profanas.

O tambor, já naquela época, tinha uma relação muito forte com a música mundana e mística. Em nossos dias é diferente? Além de continuar sendo um instrumento básico do ocultismo, ainda é o principal ingrediente da música popular. Se este foi um dos argumentos para que Deus tivesse deixado de fora este instrumento, para diferenciar Sua música da música do mundo, este mesmo argumento serve para nossos dias. Se a bateria é a marca registrada e principal ingrediente da música mundana, por que devemos usá-la em uma música que se propõe ser diferente daquela do mundo? Haveria então diferença entre a igreja e o mundo?

Samuele Bacchiocchi, teólogo e professor na Universidade Andrews (Michigan – USA), afirma:

“O estudo da música e da liturgia do templo de Jerusalém, bem como do Santuário Celestial, foi muito instrutivo. Vimos que por respeito pela presença de

Deus, instrumentos de **percussão** e **música de entretenimento** que estimula as pessoas **fisicamente** não eram permitidos nos serviços do templo e nem são usados na liturgia do santuário celestial. Para a mesma razão, **instrumentos rítmicos e música que estimula as pessoas fisicamente** em vez de elevá-las espiritualmente está fora de lugar na igreja hoje. A adoração nos dois templos, terrestre e celestial, também nos ensina que Deus deve ser adorado com grande **reverência** e respeito. Música na igreja não pode tratar Deus com frivolidade e irreverência. Deveria ajudar a **aquietar** as nossas almas e a responder a Ele em **reverência**” (Música, Teologia do Louvor e Adoração a Deus. Material Produzido editado pela União Este Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001 p. 22).

“Uma possível explicação para não usar bateria pode ser que, por sua natureza, **não é um instrumento melódico**. Em toda a Bíblia há numerosas referências para cantar e fazer melodia ao Senhor. Como a bateria não é capaz de fazer melodia, as Sagradas Escrituras não a apresentam como sendo usada no Santuário. Dos 3 elementos principais da música, o ritmo é o que oferece satisfação imediata e não requer o grau de reflexão e contemplação que a melodia e a harmonia requerem. O aspecto característico da bateria e de outros instrumentos de percussão da música de hoje é o de **acentuar a batida** suplantando a melodia e todos os outros elementos” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, p. 72).

Falando sobre o uso da bateria na igreja, o Dr. Wolfgang H. M. Stefani, escritor e músico australiano, em entrevista para a Revista Adventista, afirmou o seguinte:

“Da mesma forma que a música em si não é neutra, tanto no significado como na estrutura estilística, os instrumentos também não são neutros. Diferentes instrumentos foram feitos e aperfeiçoados para propósitos específicos. Quando as pessoas me perguntam sobre o uso de bateria na igreja, primeiramente sugiro: ‘Por que não usar um tímpano? É um tipo de percussão. Se tambores são neutros, então o tímpano deveria ser tão bom quanto o tambor de uma bateria’. Eles olham para mim perplexos e dizem: ‘Bem, não era esse o tipo de tambor que eu tinha em mente. Eu quero a bateria que é usada numa banda de música popular’. É claro que a razão pela qual querem esse tipo de tambor é o fato de desejarem tocar determinado tipo de música. (...) Há razões pelas quais determinados instrumentos são mais apropriados para certos propósitos. A bateria foi desenvolvida para produzir um som **agressivo, fortemente rítmico**, a fim de ser cultivado na música popular. Mas, pela mesma razão que as pessoas normalmente não querem órgãos de tubo em bandas de Rock, uma bateria não é apropriada para a igreja, especialmente quando sentimentos como reverência e contemplação estão em jogo. O som percussivo ‘pesado’ produzido por esses instrumentos, não se harmoniza com o tipo de música que deveria ser enfatizada na adoração de Jeová (ver Isaías 6:1-8), onde reverência, paz, alegria, arrependimento e compromisso formam a essência das emoções apropriadas” (Revista Adventista, Março de 2002, pp. 5-7).

“Pode-se concluir, também, que instrumentos que não produzem harmonia nem melodia, mas apenas ruídos (bateria, chocalhos, pratos, triângulos, etc.), servem unicamente para **acentuar o ritmo**, causando um desequilíbrio nos elementos que compõe a música. Este desequilíbrio ocorre em detrimento da melodia e da harmonia, introduzido assim um elemento profano na

música, visto que acentua os efeitos físicos e atenua os elementos que apelam à mente. Portanto, são próprios para a música profana e não para a música sacra” (Karl Tsatalbasidis. *Drums, Rock and Worship, Modern Music in Today’s Church*: Editora Amazing Facts, 2003).

Como dissemos anteriormente, muitos há que defendem a utilização da bateria baseados em que outros instrumentos, como o violão, o piano e a flauta, também descendem de uma origem pagã e foram rejeitados por algum tempo, mas hoje são aceitos e amplamente utilizados. Para tais pessoas faz-se necessário um estudo mais profundo para constatarem a veracidade de tais informações, visto que, segundo a História, estes instrumentos foram concebidos em ambientes sem nenhuma ligação com práticas ocultistas. Porém, supondo verdadeiras tais afirmações, deveríamos então justificar um erro com outro? Se o piano, por exemplo, tem origem e objetivos pagãos, tanto quanto a bateria, deveríamos então aprovar ambos, justificar o uso de um por conta da utilização do outro? Se todos os instrumentos têm origem profana, deveríamos então, por falta de opções, utilizar todos indiscriminadamente? Não seria a voz humana suficiente para o louvor a Deus?

Alguns dos reformadores da Igreja acreditavam, de forma sincera, que os instrumentos musicais eram inapropriados no louvor a Deus e que a voz humana era o único instrumento aceitável. Diante dessa crença, quais eram os conselhos destas pessoas à igreja?

“O órgão na adoração é a insígnia de Baal. (...) Os Católicos Romanos o tomaram emprestado dos judeus” (Martinho Lutero, McClintock & Strong's Encyclopedia, Vol. 6, p. 762).

“Não tenho nenhuma objeção ao uso de instrumentos de música em nossa adoração, uma vez que eles não sejam vistos nem ouvidos” (João Wesley, citado em Adam Clarke's Commentary, Vol. 4, p. 685).

“Instrumentos musicais celebrando os louvores a Deus seriam não mais adequados do que o queimar de incenso, o acender de candeeiros, e a restauração de outras sombras da Lei. Os Papistas, portanto, têm imbecilmente tomado isto emprestado, como também muitas outras coisas, dos judeus” (João Calvino, Commentary on Psalms 33).

A visão destes reformadores era: se **todos** os instrumentos são profanos, **todos** devem ser evitados. O mesmo se dá em relação à frequência ao cinema. Muitos argumentam: *"se assistimos em casa de qualquer forma, então não há problemas em irmos ao cinema"*. Na verdade, ambos os hábitos são destrutivos, tanto em casa quanto na sala de cinema, e devem ser evitados. Não devemos justificar um erro com outro. Quem nos dera se todos os membros de nossas igrejas analisassem melhor todas as coisas que têm entrado em nosso culto e em nossos lares, e retirassem o que há de profano! O problema é que continuamos numa incessante busca por respostas com o mero objetivo de **justificar** nossos gostos, ao invés de nos dispormos a ajustá-los à vontade divina.

Sabemos que Deus nunca foi contra a utilização de instrumentos musicais no louvor, tanto que deu orientações claras ao rei Davi na elaboração do projeto para a construção do Templo, indicando instrumentos a serem ali utilizados. Além disso, há citações encontradas no Espírito de Profecia que corroboram tal utilização. É importante ressaltarmos também que, conforme vimos anteriormente, a bateria é um instrumento cuja utilidade única é a geração de ruído, servindo apenas para destacar o ritmo, enquanto que os outros instrumentos que outrora foram rejeitados são melódicos e harmônicos, o que os diferencia enormemente.

Se o assunto da bateria não está totalmente claro para você, sugiro uma pesquisa mais profunda. Se as dúvidas persistirem, sugiro que, na dúvida, não faça uso dela. Permita-me propor-lhe um acordo: fico com 50% de possibilidade de estar certo de que a bateria não deve ser usada no louvor a Deus. Você pode ficar com 50% de possibilidade de estar certo de que a bateria é aceitável. É uma divisão justa, não? Quando Jesus voltar, se você estiver certo, você será salvo e eu também. Afinal, não perdi nada e não desonrei a Deus por não utilizar a bateria. Porém, se quando Jesus voltar eu estiver certo, eu serei salvo e você estará perdido para sempre por ter desonrado a Deus em seu louvor. Significa que deixar de usar a bateria não nos faz perder absolutamente nada; mas utilizar a bateria nos dá uma possibilidade de perdermos a salvação.

“É impressionante como a bateria/tambores está para a música Rock, como o mar está para peixes. Por

quê? É para tornar as massas **dançantes**, agitadas, **pouco reflexivas**, normalmente a música Rock tem uma mensagem para passar para os jovens, o que também pode ser chamado de produto para 'vender'. O Rock induz a juventude a comprar esse 'produto', dentro de contexto musical. Conversando sobre a bateria, com um amigo meu aqui de Brasília que é músico, ele me dizia: 'Quem tem a bateria domina', 'a bateria vende a mensagem' e por último ele me disse: 'A bateria coloca o 'adorador' a mercê da 'banda'. Evidentemente que há outros instrumentos que também têm essa capacidade indutiva, entre eles a guitarra, por exemplo, porém, a bateria seria o instrumento indutor número um" (Pr. Otimar Gonçalves, As Preocupantes Implicações do Uso dos Tambores/Bateria na Adoração a Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20189>>).

Precisamos também entender uma coisa muito séria: como os irmãos reagiriam se chegassem à igreja em determinado dia de culto e lá na plataforma vissem uma bateria ao vivo? Ficariam escandalizados? Por incrível que pareça, ainda ficaríamos espantados com isto. Porém, se permitirmos que a bateria entre numa caixa de som através do playback ou num teclado ou usar um cajon é a mesma coisa que tê-la ao vivo; o efeito é o mesmo, ou seja, não há estímulo à espiritualidade e ainda causa enfraquecimento da razão e do discernimento. Proibir uma coisa e deixar outra é um contra-senso. Sob disfarces estamos progressivamente permitindo, quase de forma imperceptível, aquilo que de outro modo impediríamos de acontecer (e é para ser impedido), o acesso da bateria em nossos templos.

“Na realidade a grande estratégia de Satanás não é apenas colocar o instrumento físico dentro das nossas igrejas ou não. O grande engano do diabo é causar confusão na nossa adoração e como resultado perdermos a Jesus e a Sua poderosa mensagem de vista. Satanás quer que nós tenhamos uma adoração completamente vazia do ‘Assim diz o Senhor’ e cheia de **emocionalismo**. E quando isso acontece? Quando contrariamos o que está escrito em I Coríntios 14:15, última parte: ‘Cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente’” (Pr. Otmar Gonçalves, As Preocupantes Implicações do Uso dos Tambores/Bateria na Adoração a Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20189>>).

Por que usar a bateria em nossas igrejas, se ela é motivo de divisão entre as pessoas? O cristianismo ensina a unidade ou a facção? Será que não é possível fazer música de boa qualidade sem o uso da bateria? Se a bateria e os tambores estão associados ao Rock, aos transes, às danças, aos gritos que confundem os nossos sentidos, pergunta-se: por que usá-la?

“Deus não lançará mão de instrumentos desenvolvidos pelo inimigo para transformar mentes e corações para seres capazes de louvá-Lo pela eternidade no Céu com **música ritmada** para distrair a mente e ativar os músculos” (Sikberto Marks, A Música na Igreja. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/20238>>).

Em relação àqueles que afirmam ser a bateria aceitável quando usada com equilíbrio, temos breves considerações. Em primeiro lugar, quando uma música é tocada com a utilização de bateria, ninguém entrará em

transe ou ficar á possesso necessariamente. Os efeitos causados no organismo variam a depender da intensidade e da cadência dos ritmos. Porém, com maior ou menor intensidade, estamos bombardeando nosso corpo, originalmente criado para ser o templo do Espírito Santo, com substâncias tóxicas e com estímulos nada espirituais. Nosso Criador deixa claro na Bíblia que não aceita uma "obediência" parcial.

Em segundo lugar, cada pessoa tem o seu próprio conceito de equilíbrio. Uma música altamente percussiva pode ser agradável a uns e desagradável a outros. Pergunto: o equilíbrio de quem devemos seguir? O único equilíbrio a seguir, como imitadores de Jesus Cristo, é aquele ensinado por Ele.

14. PIMENTA MUSICAL

A revolução musical ocorrida na história da humanidade está diretamente relacionada à ênfase dos ritmos musicais, e já analisamos as consequências físicas, mentais e espirituais desse contexto.

Se mostrássemos uma música Rock atual para uma pessoa na década de sessenta, essa música não agradaria aquele ouvinte. Com o passar dos anos, foi sendo colocada cada vez mais "pimenta" na música, a fim de que aos poucos as pessoas se habituassem ao gosto "apimentado". E quanto mais "pimenta" é adicionada, mais "pimenta" é consumida; e assim se desenvolve o processo de vício.

Como vimos anteriormente, a música tem o poder de desencadear em nosso organismo reações semelhantes às aquelas causadas pelo uso de drogas e, por consequência, gera a dependência e a necessidade de algo cada vez mais forte para satisfazer o desejo de consumo.

“Mais alguns ingredientes para enganar as pessoas (nunca faça isto). **É a mistura de bastante verdade com alguma mentira.** Isso sempre é **gradativo**. Nas primeiras vezes, colocam mais de 90 % de verdade, e só uma dose de algo falso, de modo que, ou não se torne perceptível ou seja a diferença percebida não digna de protesto. Assim fizeram, por exemplo, com o CD das músicas jovens, para a aceitação da barulhenta bateria na igreja, e das letras sensacionalistas que apontam para existencialismo, para o eu, para o aqui e agora. Visa a conquista, primeiro dos jovens e dos pastores, depois de todos os outros membros da igreja, embora muitos deles jamais se renderam ao que Ellen G. White havia tão bem alertado, que aconteceria no final dos tempos. Nos primeiros CDs que mudaram, havia em algumas faixas, um leve toque da bateria e alguns corinhos com letra de mensagem fraca, repetitiva e exigia pouco raciocínio. Com o tempo, isso foi aumentando, e quase **imperceptivelmente**, passou para um som de rua, barulhento, de péssimo gosto, e tudo ficou como algo oficial da igreja, mas muito bem arquitetado por Satanás para derrubar a juventude, e a igreja toda” (Sikberto Marks, comentário da Lição da Escola Sabatina de quarta-feira, dia 5 de outubro de 2011. Disponível <<http://apocalipse18-4.blogspot.com.br/2011/10/comentario-da-licao-prof-sikberto.html>>).

Há alguns anos foi anunciado pela mídia virtual um software chamado I-Doser. Trata-se de um programa de

computador que produz “doses” de ondas sonoras que procuram interferir nas ondas cerebrais do usuário, simulando o efeito de várias drogas reais em seres humanos. Foi desenvolvido através de uma técnica conhecida como ondas binaurais, que emite sons que alteram a frequência do cérebro. No primeiro momento, o som emitido tende a incomodar até surtir o efeito esperado. Cada “dose” varia de 5 a 60 minutos para que o usuário possa, de fato, atingir a dose desejada. Os efeitos variam de cada dose. Para que não haja interferência, é necessário escutar em um ambiente calmo e com pouca iluminação, sob o uso de fones de ouvido stereo. Ou seja, existe a possibilidade de substituir as drogas por músicas que causam efeitos semelhantes. E muitas destas músicas têm sido introduzidas em nossa igreja sem a menor reflexão.

“Quando esta música é tocada e/ou cantada, a igreja se divide em dois grupos: um grupo de ouvintes sente desconforto, irritação, ansiedade e estresse enquanto outro grupo sentirá prazer. O que ocorre é que o primeiro grupo tem seu paladar auditivo aguçado e livre de influências populares, mas o segundo grupo já está dependente (viciado) e desejará ouvir e executar música com ritmos mais sincopados, mais discordantes e num volume mais alto” (Karl Tsatalbasidis. Drums, Rock and Worship, Modern Music in Today’s Church: Editora Amazing Facts, 2003).

Quanto mais música apimentada e ritmada consumimos, mais necessidade temos de que ela tenha mais pimenta e mais ritmo, como as pesquisas

comprovaram. Todos os dias estamos sendo bombardeados de músicas que enfraquecem o nosso lóbulo frontal, ao mesmo tempo em que bombardeiam nosso corpo com estímulos que produzem hormônios. Esta é a estratégia de Satanás, atrofiar o lóbulo frontal e hiperestimular as secreções de hormônios, incluindo os sexuais, e o aspecto emocional, que pode anular o racional. Quanto mais a pessoa se habitua a isto, mais viciada se torna neste estímulo. É idêntico ao que acontece com uma pessoa que consome drogas, ela tem necessidade de consumir sempre mais, e sempre algo mais pesado. E quanto mais "batida" uma pessoa ouve, mais necessidade ela tem de mais "batida", chegando ao ponto de ela só se sentir entusiasmada e interessada em alguma música se tiver essa "pimenta".

Precisamos entender o que está nos atrapalhando. Não adianta orarmos a Deus pedindo forças para vencer se nós mesmos estamos diariamente minando tais forças através de nossos hábitos. Por que nós queremos fazer a vontade de Deus, mas não conseguimos? Porque, muitas vezes, as coisas que nos rodeiam atrofiam nosso poder de decisão e hiperestimulam nosso lado carnal. A carne é mais alimentada do que o espírito. Não é possível que um jovem, ou mesmo um adulto, que continue consumindo este estilo de música tenha a mínima chance de vencer nas batalhas que se aproximam, pois nós iremos precisar de toda a força espiritual. E Deus só poderá encher uma mente com Seu poder se ela estiver vazia das coisas do mundo. Caso contrário, não haverá espaço. E tudo isso faz parte do grande engano de Satanás. Ele está

preparando um sistema totalmente emocional, atingindo o ponto em que uma pessoa fica de tal maneira viciada na "pimenta" musical que os hinos do hinário, puros e simples, não lhe proporcionam nenhum prazer.

É impressionante perceber como muitas de nossas igrejas só querem cantar músicas dos CDs Jovens em todas as programações. Será que temos poucas opções? Analise comigo, se nós cantássemos três hinos do Hinário Adventista cada sábado, poderíamos cantá-los por mais de quatro anos sem repetir nenhum. O nosso hinário tem hinos suficientes para mais de quatro anos de louvor aos sábados sem repetir nenhum. E, diga-se de passagem, com mensagens que são verdadeiras pregações.

"Parece-me mais oportuno que em cada culto ou reunião de jovens, reservemos um momento para aprender um hino novo do Hinário" (Pr. Otmar Gonçalves, Revista do Ancião, Abril-Junho de 2009).

Por que os hinos do hinário são usados quase que somente no sábado de manhã? Porque eles não têm "pimenta" e, para os "viciados", são considerados música sem "sabor"; em outras palavras, as pessoas se habituaram com "pimenta" musical e apenas se dispõem a suportar esses hinos nesse horário e "por respeito às tradições da igreja". Apesar de que muitas igrejas hoje nem mesmo aos sábados pela manhã utilizam os hinários. Sem contar que, com a utilização cada vez maior dos CDs (e estou me referindo a igrejas que têm outros recursos, como instrumentos e músicos), a igreja nem canta, mas apenas dubla ou canta mecanicamente. Não estamos

afirmando que todos os hinos dos CDs Jovens são inaceitáveis. Alguns realmente o são, mas muitos deles trazem uma mensagem profunda em seu conteúdo e devem ser cantados em ocasiões específicas. Mas quando estes hinos passam a ser o foco da atenção e a única fonte de louvor de uma igreja, algo está errado e precisamos reavaliar nossos conceitos.

“Aos poucos estamos também perdendo nossa capacidade imaginativa e **reflexiva** na hora da adoração a Deus. Alguns irmãos já não levam mais o Hinário Adventista para a igreja, afinal os hinos serão projetados num lindo telão super colorido e todos poderão cantar fazendo uso da mais avançada multimídia mundial. Isso não é de todo ruim, só que tem que haver equilíbrio no uso da multimídia em nossas igrejas e eventos. O que ocorre na hora do louvor é que estamos olhando, na maioria das vezes, mais as paisagens, as imagens, o lindo colorido do que a própria letra da música que estamos cantando. Assim a música perde um pouco sua eficácia de fixar a verdade em nossa mente” (Pr. Otimar Gonçalves, Revista do Ancião, Abril-Junho de 2009).

“Caso estejamos realmente jornadaando para [o Céu], o espírito do Céu habitará em nosso coração aqui. Mas, se não encontrarmos prazer **agora** na contemplação das coisas celestiais; se não temos qualquer interesse em buscar o conhecimento de Deus, deleite algum em deter os olhos no caráter de Cristo; **se a santidade não exerce a menor atração sobre nós** – podemos estar certos de que é vã nossa esperança do Céu” (Ellen G. White, Visões do Céu, p. 64).

“Se alguém julga que a música sacra é enfadonha e sem vida e necessita ser ‘avivada’ através do profano,

esta é claramente uma indicação da condição espiritual do coração. **O que é sacro não é para ser sensacional**" (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, p. 16).

"Desonram frequentemente a Deus e sua fé por frívolas conversas e a escolha que fazem da música. **A música sacra não está em harmonia com seus gostos**" (Ellen G. White, Mensagens aos Jovens, p. 296).

"Foi-me mostrado que a juventude deve assumir um padrão elevado e fazer da Palavra de Deus seu conselheiro e sua guia. Solenes responsabilidades repousam sobre os jovens, às quais consideram levemente. A apresentação de música em seus lares em vez de conduzir à santidade e espiritualidade tem sido um meio para afastar as mentes da verdade. Canções frívolas e **música popular** do dia parecem **adequadas ao seu gosto**" (Ellen G. White, Testimonies, vol. 1, pp. 496-497).

"Não temos tempo agora para gastar em buscar as coisas que agradam **unicamente aos sentidos**" (Ellen G. White, Evangelismo, p. 510).

"Sua religião parece ser mais da natureza de um **estimulante** do que uma permanente fé em Cristo. Os verdadeiros pastores conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a **simplicidade** nos cultos. Em vez de dar valor ao canto popular, voltam sua atenção principalmente para o estudo da Palavra, e dão de coração louvor a Deus" (Ellen G. White, Evangelismo, p. 502).

A palavra chave, quando o assunto é música sacra, é “equilíbrio”. O que é equilíbrio? Pergunta-se a cem pessoas a noção de equilíbrio e teremos cem respostas diferentes. Qual das cem ideias deve ser adotada como padrão a ser seguido? Se utilizarmos o Funk na igreja, muitas pessoas ficarão escandalizadas, dirão ser muito pesado. Mas é pesado para quem? Existem diversos grupos de Funk Gospel em nosso país. Para eles é um estilo aceitável, até agradável a Deus. Qual padrão que usaremos, o deles ou o daqueles que discordam? Muitas músicas que são cantadas ou tocadas nas igrejas hoje não eram aceitas no passado, escandalizavam os irmãos. Porém, agora são aceitas e até recomendadas. Isto significa que o Funk, que hoje nos escandaliza, será aceito nas igrejas sem contestação? Quem estabelece os parâmetros sobre o que é, e o que não é, equilibrado na música na igreja? **O equilíbrio de Deus é o único que deve ser seguido.** Não há opinião humana, muito menos gostos e desgostos que possam ser o mais correto a se seguir. Devemos andar em linha reta, conforme nos diz o Senhor.

“Se lhes for permitido, [os professos cristãos] trarão música a seu gosto para dentro da igreja sem perceber a **profanação** que levam a efeito. Pode até ser que alguns dos que estão à plataforma, bem como da congregação, no final da apresentação digam ‘amém’, **quando os anjos e a presença de Deus já se foram há muito**” (Dario Pires de Araújo, Música, Adventismo e Eternidade, 50).

Eis alguns dos critérios que podemos tomar como base:

“Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos **espirituais**” (Efésios 5:19).

“Pois Deus é o Rei de toda a terra, cantai louvores com **inteligência**” (Salmos 47:7).

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto **racional**” (Romanos 12:1).

Diante deste contexto, o que faria na música da igreja um instrumento incapaz de produzir melodia, cujo objetivo principal é apenas **ênfatizar o ritmo**, causando uma série de distúrbios orgânicos, com efeitos viciantes e que adormecem o raciocínio e o discernimento? Pode haver um culto inteligente e racional neste ambiente?

“Quando os seres humanos cantam com o **espírito** e com o **entendimento**, os músicos celestiais apanham a harmonia, e unem-se ao cântico de ações de graça” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 357).

A música para Deus tem que ser espiritual e não carnal. Se algo agrada à carne, mesmo que seja só um pouco, como uma “bateriazinha leve”, não pode agradar nada ao Espírito.

“Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto **a inclinação da carne é inimizade contra Deus**, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne **não podem agradar a Deus**” (Romanos 5:5-8).

Você acredita que podemos oferecer a Deus uma música carnal, criada por Satanás e voltada àquilo que **agrada aos homens**, em vez de música espiritual criada por Deus e que O agrada? O objetivo do verdadeiro louvor é agradar a Deus e somente a Ele. Esses estilos de música com ritmo acentuado destroem nossa força espiritual, pois deixam o espírito desprovido de alimento e proteção.

“Esta comichão do desejo de dar origem a algo de novo nunca deu coisa boa em música sacra porque, para os caçadores de novidades, o Espírito Santo já é velho e ultrapassado por ter inspirado alguém há 50, 100 ou 200 anos” (Dario Pires de Araújo, Música, Adventismo e Eternidade, p. 53).

“O resultado ainda mais triste é vermos uma geração se formando acostumada a se conformar com o nível rasante da música pop, sabendo apenas apreciar o vazio dos corinhos, apresentando perante o mundo, através de seus cânticos, atestados de pobreza cultural e espiritual. Como dói!!” (Dario Pires de Araújo, Música, Adventismo e Eternidade, pp. 17-19; 62).

“Como a música de adoração no Céu, a música sacra, com as características já **bem definidas**, é

considerada música **perfeita**, então não precisa nem deve ser modificada, muito menos necessita ser melhorada. Esta é a música mais moderna e a música do futuro, pois será cantada por toda a eternidade pelos santos no Céu e na Nova Terra” (Karl Tsatalbasidis. Drums, Rock and Worship, Modern Music in Today’s Church: Editora Amazing Facts, 2003).

15. A REVERÊNCIA NO TEMPLO

Este é um assunto de extrema importância para o qual não atentamos em nossa vivência cristã. Os resultados de nossa indiferença em relação às coisas de Deus serão eternos. Nenhuma espécie de orientação pode ser mais útil e pertinente do que aquela a nós enviada pelo próprio Deus. Por isso, transcrevemos a seguir um trecho do Espírito de Profecia que trata de forma abrangente a questão da reverência na casa de Deus. É preciso que cada um de nós reflita seriamente nesta mensagem e busque o auxílio do Espírito Santo para respeitar a casa de Deus (templo), cumprindo Suas orientações.

O Comportamento na Casa de Deus

“Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para **preparar** um povo para a assembléia lá do alto, para aquela reunião sublime **à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida**. Da santidade atribuída ao santuário terrestre, os cristãos devem

aprender como considerar o lugar onde o Senhor Se propõe encontrar-Se com Seu povo. Houve uma grande mudança, não para melhor, mas para pior, nos hábitos e costumes do povo com relação ao culto religioso. As coisas sagradas e preciosas, destinadas a prender-nos a Deus, **estão quase perdendo sua influência** sobre nosso espírito e coração, sendo rebaixadas ao nível das coisas comuns. A reverência que o povo antigamente revelava para com o santuário onde se encontrava com Deus, em serviço santo, **quase deixou de existir completamente.** Entretanto, Deus mesmo deu as instruções para Seu culto, elevando-o acima de tudo quanto é terreno. (...) Devem existir aí **regulamentos** quanto ao tempo, lugar e maneira do culto. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino, deve ser tratado com **negligência** ou **indiferença.** Para que os homens possam verdadeiramente glorificar a Deus, importa que em sua associação de ideias façam **distinção entre o que é sagrado e o que é profano**” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 193-194).

Antes do Culto

“Quando os crentes penetram na casa de culto, devem guardar a devida **compostura** e tomar **silenciosamente** seu lugar. (...) Conversas vulgares, **cochichos** e **risos**, não devem ser permitidos na casa de culto, **nem antes nem depois das reuniões.** Uma ardente e profunda piedade deve caracterizar todos os adoradores. Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à **devoção e meditação silenciosa**, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial, operando a convicção e conversão em outras almas. Devem lembrar-se de que estão presentes ali

mensageiros do Céu. **Perdemos geralmente muito da suave comunhão com Deus pela nossa falta de quietude e por não nos darmos à reflexão e oração.** O estado espiritual da alma necessita muitas vezes ser passado em revista, e o espírito e coração serem elevados para o Sol da Justiça. Se os crentes, ao entrarem na casa de oração, o fizessem com a devida reverência, lembrando-se de que se acham ali na presença do Senhor, **seu silêncio redundaria num testemunho eloquente.** Os **cochichos, risos e conversas**, que se poderiam admitir em qualquer outro lugar, **não devem ser sancionados na casa em que Deus é adorado.** Cumpre preparar o espírito para ouvir a Palavra de Deus, a fim de que esta possa exercer impressão e influir sobre a alma” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 194).

Durante o Culto

“O pastor deve entrar na casa de oração com uma **compostura digna e solene.** Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em silenciosa oração e pedir fervorosamente a **assistência** de Deus. Que impressão não fará isto! A solenidade se apoderará de toda congregação. Seu pastor ali está, comunicando-se com Deus, encomendando-se a Ele antes de ousar apresentar-se diante dela. Uma profunda solenidade invade tudo e a todos, e os anjos de Deus são trazidos para bem perto. Cada um dos congregados deve, de cabeça inclinada, associar-se ao pregador em silenciosa oração, e suplicar a Deus que abençoe a reunião pela Sua presença, imprimindo virtude à palavra ministrada por lábios humanos. Ao ser aberta a reunião com oração, cada qual deve ajoelhar-se na presença do Altíssimo e elevar o coração a Deus em silenciosa devoção. As orações dos fiéis serão ouvidas e o ministério da palavra provar-se-á

eficaz. **A atitude indiferente dos crentes na casa de Deus, é um dos grandes motivos por que o ministério não acusa maiores resultados.** A melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e distinto, representa um dos instrumentos divinos na conversão de almas. Todo o serviço deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fora feito na presença pessoal de Deus mesmo. Quando a Palavra é exposta, deveis lembrar-vos, irmãos, de que é a voz de Deus que vos está falando por meio de Seu servo. **Escutai com atenção. Não dormiteis nessa hora;** porque assim fazendo é possível escaparem-se-vos nesse momento justamente as palavras que mais necessitais ouvir - palavras que, atendidas, vos livrariam de enveredar por algum caminho errado. (...) Às vezes é uma criança que desvia de tal modo a atenção dos ouvintes, que a semente preciosa não cai em terreno fértil para produzir fruto. Outras, são os moços e moças que revelam tão pouco respeito pela casa de Deus, que **se entretêm a conversar durante a pregação. Se estes pudessem perceber os anjos que os estão observando e notando o seu procedimento, corariam de vergonha e se aborreceriam a si próprios.** Deus quer ouvintes atentos. Foi enquanto os homens dormiam que Satanás aproveitou para semear o joio" (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 195-196).

Nos momentos sagrados em que nos encontramos na casa de Deus não há mais espaço para cumprimentos, apertos de mão e abraços. Se o desejarmos, devemos chegar mais cedo para fazê-lo fora dos limites do templo e antes de começar o serviço de culto, ou deixar esta questão ao encargo da equipe de recepção à porta. A igreja tem que ser calorosa, mas chegando antes,

colocando os assuntos e os abraços em dia e, ao entrar no lugar santo, nos comportamos com reverência. Agimos da mesma forma ao sairmos. Por isso muitas de nossas igrejas tentam estimular o cântico enquanto os membros saem, mas sem sucesso. O regente transforma-se em solista, sendo nitidamente ignorado enquanto as pessoas conversam e riem. As conversas parecem ser inevitáveis, estamos habituados com tais atitudes. Só porque não vemos a Deus fisicamente, não significa que Ele não está presente do início ao fim do culto.

Depois do Culto

“Ao ser pronunciada a bênção, todos devem conservar-se quietos, **como temendo ficar privados da paz de Cristo**. Saiam então todos sem se atropelar e **evitando falar em voz alta**, portando-se como na presença de Deus e lembrando-se de que Seus olhos repousam sobre todos. Ninguém deve deter-se nos corredores para encontros e tagarelice, impedindo a passagem aos outros que buscam a saída. **Os arredores imediatos da casa de oração** devem caracterizar-se por uma grave solenidade, evitando os crentes o fazer deles lugar de encontro com os amigos, a fim de trocarem frases banais ou tratarem de negócios. Tais coisas não convêm na casa de Deus. Deus e os anjos têm sido desonrados pela maneira irreverente com que os crentes se portam nalgumas igrejas, acordando os ecos com suas **gargalhadas** e fazendo **ruído com os pés**. Pais, exaltai o padrão do cristianismo no espírito de vossos filhos; ajudai-os a entretecer a pessoa de Jesus em sua experiência; **ensinai-os a ter o maior respeito pela casa de Deus** e a compreender que quando entram ali devem fazê-lo com o coração comovido,

ocupando-se com pensamentos como estes: 'Deus está aqui; esta é a Sua casa. Devo alimentar pensamentos puros e guiar-me pelos mais santos propósitos. Não devo conservar em meu coração orgulho, inveja, ciúme, suspeitas, ódio ou engano; porque estou na presença de Deus. Este é o lugar onde Deus vem ter com Seu povo e o abençoa. O Altíssimo e Santo, que habita na eternidade, me vê, esquadrinha meu coração, e lê meus mais secretos pensamentos e atos de minha vida'" (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 196-197).

A Responsabilidade dos pais

Devemos cuidar de nossas crianças, não permitindo que corram ou façam atividades dentro do templo como, por exemplo: alimentar-se, conversar, brincar. Deixando-as agir assim, estamos ensinando-as que o templo é um local igual a qualquer outro. O templo é um local sagrado e requer de cada pessoa uma atitude especialmente reverente.

"Ensina a criança **no** caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele" (Provérbios 2:26).

Quando permitimos que as crianças desrespeitem o templo de Deus, estamos semeando o conceito de banalidade, de profano, na mente delas. Precisamos ensinar a reverência aos nossos filhos desde pequenos, a fim de que aprendam o significado de estar na presença do Senhor; ou seja, aprendam o conceito de santidade.

“Em Sua sabedoria o Senhor determinou que a família seja a maior dentre todos os fatores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida – lições de respeito, obediência, **reverência**, domínio próprio.(...) Se a criança não é instruída corretamente ali, Satanás a educará por meio de fatores de sua escolha. (...) Olhai para o círculo do lar como uma escola, onde estais preparando os filhos para o cumprimento de deveres no lar, na sociedade e na **igreja**” (Ellen G. White, O Lar Adventista, p. 182).

“Irmãos, não seria bom meditardes um pouco sobre este assunto, reparando na maneira por que vos conduzis na casa de Deus e nos esforços que estais fazendo por **preceito e exemplo**, a fim de **cultivar em vossos filhos a reverência**? Atribuíis vastas obrigações ao pregador, responsabilizando-o pela alma de vossos filhos, mas vós mesmos estais esquecidos de vosso dever como pais e instrutores de, como Abraão, ordenar vossa casa, depois de vós, para que guardem o caminho do Senhor. Vossos filhos e filhas se corrompem pelo vosso próprio **exemplo** e vossa **frouxa disciplina**, e, malgrado essa grave falha na educação doméstica, entendeis que o pastor deve poder combater sua influência e realizar o prodígio de educar o coração de vossos filhos na piedade e virtude. Depois de o pastor haver feito pela igreja tudo quanto pôde, admoestando-a fielmente e com bondade, procurando encaminhá-la com paciência e fazendo ardentes preces pelo resgate e salvação de cada alma, e não terem seus esforços alcançado o almejado êxito, os pais não raro o censuram por não verem convertidos os filhos, quando a causa disto está **na sua própria negligência**. A responsabilidade pesa sobre os pais; quererão aceitar a

missão de que Deus os incumbiu e desempenhar-se dela com fidelidade? Querirão ir adiante e esforçar-se num espírito humilde, paciente e perseverante, por atingir o elevado padrão, eles próprios, levando consigo os filhos? **Não admira que nossas igrejas estejam fracas e não reine nelas a reverência profunda que as deveria caracterizar.** Nossos atuais hábitos e costumes, que desonram a Deus e tornam banais as coisas divinas, nos são contrários. Somos depositários de uma verdade sagrada, difícil e santificadora; e se nossos hábitos e práticas não se coadunarem com a mesma, pecamos contra uma grande luz e nossa culpa será correspondente. Mais tolerável do que para nós há de ser para os gentios a justiça retributiva de Deus no dia do juízo. Muito mais do que estamos atualmente fazendo, poderia ser feito a fim de irradiar a luz da verdade. (...) **É um fato deplorável que a reverência pela casa de Deus esteja quase extinta.** As coisas e lugares sagrados já se não discernem; as coisas santas e elevadas não são apreciadas. Não haverá uma causa para essa falta de legítima piedade nas famílias? Não será acaso porque a elevada norma da religião esteja abatida até ao pó? Deus deu a Seu povo na antiguidade regras precisas e exatas sobre ordem. **Porventura terá mudado?** Não será Ele mais o Altíssimo e Todopoderoso que domina sobre o Universo? Não conviria **lermos** as instruções que Deus mesmo Se dignou dar aos antigos hebreus para que nós, que temos a verdade gloriosa irradiando sobre nós, os imitemos em sua reverência para com a casa de Deus? Temos motivos de sobra para alimentar espírito de fervor e devoção no culto divino. Temos mesmo motivos para ser mais ponderados e reverentes em nosso culto do que os judeus. Mas um inimigo tem estado a trabalhar, a fim de **destruir nossa fé na santidade do culto cristão.** A casa dedicada a Deus não deveria servir ao mesmo tempo para negócios. Se as crianças se reúnem para o

culto numa sala em que durante a semana funciona uma escola ou loja, é natural que sua atenção seja desviada por reminiscências dos estudos ou de coisas ocorridas nessa mesma sala em dias precedentes. A mocidade deve ser educada a elevar em seu conceito o caráter das coisas sagradas e a praticar a verdadeira devoção na casa de Deus. Muitos dos que professam ser filhos do celeste Rei **não apreciam devidamente a santidade das coisas eternas**. Quase todos precisam ser **ensinados** como se portar na casa de oração. Os pais devem não só ensinar, como exortar os filhos a entrarem no santuário divino com **seriedade** e **reverência**. O sentimento moral dos que adoram a Deus no Seu santuário tem de ser elevado, apurado e santificado. Eis o que tem sido deploravelmente negligenciado. É assunto que foi **votado ao desprezo** e o resultado disto é a **desordem e irreverência que passaram a imperar** e Deus é desonrado. Se os dirigentes de igrejas, os pastores, o povo, os pais, não têm ideias mais elevadas a este respeito, que poderão esperar de crianças inexperientes? Estas são muitas vezes encontradas em grupos, **afastadas dos pais que deviam tomar conta delas**; e embora se encontrem na presença de Deus, cujos olhos sobre elas repousam, põem-se a **cochichar** e a **rir**, portando-se inconvenientemente, e mostrando-se **desrespeitosas** e **desatentas**. Raras vezes são instruídas que os pastores são embaixadores de Deus, que a mensagem que pregam é o meio por Ele determinado para a salvação de almas e que para todos os que têm o privilégio de ouvir, constitui um cheiro de vida para vida ou de morte para morte” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 197-199).

“Toda criança trazida ao mundo é propriedade de Jesus Cristo, e deve ser educada por **preceito** e **exemplo** para amar e obedecer a Deus; mas decididamente o maior número de pais tem

negligenciado a obra que Deus lhes deu, deixando de educar e preparar os filhos **desde o alvorecer da razão**, para conhecer e amar a Cristo” (Ellen G. White, O Lar Adventista, p. 182).

“O efeito das influências **pré-natais** é olhado por muitos pais como coisa de somenos importância; o Céu, porém, não o considera assim. A mensagem enviada por um anjo de Deus, e duas vezes dada da maneira mais solene, mostra que isto merece nossa mais atenta consideração” (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, p. 142).

“A prevalecente influência no mundo hoje é permitir que a juventude siga o **curso natural** de seu espírito. E se forem muito travessos na adolescência, dizem os pais que eles endireitarão depois de algum tempo, que aos dezesseis ou dezoito anos raciocinarão por si mesmos, deixarão seus maus hábitos e tornar-se-ão afinal homens e mulheres úteis. **Grande erro!** Permitem que durante anos o inimigo semeie no jardim do coração; experimentam **no período do crescimento** princípios errôneos, e em muitos casos todo o trabalho posterior feito nesse solo de nada valerá. Alguns pais têm permitido que seus filhos formem hábitos errôneos, cujas marcas podem ser vistas durante o resto da vida. Sobre eles recai este pecado. Esses filhos podem professar ser cristãos; mas sem uma especial obra de graça no coração e uma completa reforma na vida, seus hábitos passados serão vistos em toda a sua experiência, e exibirão apenas o caráter que os pais lhes permitiram formar. Não se devia permitir aos jovens aprender o bom e o mau **indiscriminadamente**, com a ideia de que com o tempo o bem predominará e o mal perderá sua influência. **O mal aumentará mais depressa que o bem.** É possível que depois de muitos anos o mal que

aprenderam seja erradicado; mas quem se aventurará a isto? O tempo é curto. É mais fácil e muito mais seguro semear a semente pura e boa no coração dos filhos do que arrancar a erva má mais tarde. Impressões feitas no espírito dos jovens são difíceis de apagar. Quão importante, então, que essas impressões sejam da espécie desejável, que as faculdades elásticas da juventude sejam orientadas na direção certa. **Nos primeiros anos da vida da criança** o solo do coração deve ser cuidadosamente preparado para os chuviscos da graça de Deus. Então as sementes da verdade devem ser cuidadosamente semeadas e diligentemente cuidadas. E Deus, que recompensa cada esforço em Seu nome, insuflará vida à semente semeada; e aparecerá primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga” (Ellen G. White, O Lar Adventista, pp. 200-201).

Criticar o Sermão

“O delicado e impressionável espírito da juventude avalia o trabalho dos servos de Deus pelo mesmo padrão pelo qual o aferem os pais. Muitos chefes de família têm por costume criticar em casa o culto, aprovando umas poucas coisas e condenando outras. Deste modo a mensagem de Deus aos homens é criticada e posta em dúvida e tratada levemente. Que impressões são produzidas por essas observações imponderadas e irreverentes, só os livros do Céu o poderão revelar. **Os filhos vêm e compreendem estas coisas muito mais facilmente do que imaginam os pais.** Ao seu senso moral é assim dada uma orientação errada que o tempo nunca conseguirá retificar de todo. Os pais muitas vezes se queixam da dureza de coração dos filhos e da dificuldade que têm em convencê-los de seu dever de atender às exigências divinas. Os livros do Céu registram, entretanto, com toda a precisão a legítima causa. **Os**

pais não estão convertidos. Não estão de acordo com o Céu e a obra de Deus. Suas ideias estreitas e mesquinhas acerca da santidade do ministério e do santuário de Deus foram entretidas na educação dos filhos. É de duvidar que alguém que viveu sob a atmosfera corrupta de tal educação, consiga desenvolver a verdadeira reverência e respeito pelo ministério de Deus e pelos instrumentos por Ele destinados para a salvação de pecadores. Acerca dessas coisas dever-se-ia falar com respeito, em linguagem conveniente e com muito escrúpulo, a fim de mostrar às pessoas que nos ouvem que consideramos a mensagem dos servos do Senhor como a nós enviada pelo próprio Deus. Pais, vede que exemplo e ideias dais a vossos filhos! Sua mente é plástica e as impressões ali se fazem com a maior facilidade. Se durante o culto divino o pregador comete algum erro, **guardai-vos de vos referir a ele.** Falai apenas das coisas boas que fez, das excelentes ideias que apresentou, e que deveis aceitar como vindas de um instrumento de Deus. Pode-se compreender facilmente porque as crianças são tão pouco impressionadas pelo ministério da palavra e porque manifestam tão pouca reverência pela casa de Deus. Sua educação a esse respeito tem sido defeituosa. Os pais carecem da comunhão diária com Deus. Suas próprias ideias necessitam ser elevadas e enobrecidas; seus lábios precisam ser tocados com a brasa viva do altar; então seus hábitos e práticas em casa hão de produzir boa impressão sobre o espírito e caráter dos filhos. A norma religiosa será grandemente elevada. Nestas condições, os pais farão uma grande obra para Deus. Verão desaparecer cada vez mais de seu lar o mundanismo e a sensualidade, e a pureza e a fidelidade aumentarão. Sua vida se revestirá de uma solenidade que mal poderão conceber. Nada do que se refere ao culto divino será considerado comum” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 199-201).

Vestuário e Comportamento Corretos

“Sinto-me muitas vezes penalizada quando entro na casa em que Deus é adorado e noto ali homens e mulheres em trajes desordenados. Se o coração e o caráter se revelassem pelo exterior, nada de divino deveria haver nessas pessoas. Não têm exata compreensão da ordem, da decência e do decoro que Deus exige dos que se chegam à Sua presença a fim de adorá-Lo. Que impressões essas coisas hão de fazer sobre os incrédulos e a mocidade que têm fácil discernimento e está pronta a tirar de tudo suas conclusões? No entender de muitos **não há maior santidade na casa de Deus do que em qualquer outro sítio dos mais comuns**. Muitos penetram na casa de Deus sem tirar o chapéu, e com a roupa suja e em desalinho. Essas pessoas não reconhecem que aí vêm encontrar-se com Deus e os santos anjos. Uma reforma radical a este respeito se faz mister em todas as nossas igrejas. Os próprios pastores precisam ter ideias mais elevadas e revelar maior sensibilidade neste sentido. É um aspecto da obra que tem sido muito negligenciado. Por causa de sua irreverência na atitude, no traje, e comportamento, e sua falta de verdadeiro espírito de devoção, **Deus muitas vezes tem afastado Seu rosto dos que se achavam reunidos para o culto**. Todos deveriam ser **ensinados** a trajar-se com asseio e decência, sem, porém, se esmerarem no adorno exterior que é impróprio da casa de Deus. Cumpre evitar toda ostentação em matéria de roupa, que somente serviria para provocar a irreverência. Não raro a atenção das pessoas é dirigida sobre essa ou aquela peça de roupa e deste modo são sugeridos pensamentos que não deviam ocorrer no coração dos adoradores. Deus é que deve ser o objeto exclusivo de nossos pensamentos e adoração; qualquer coisa tendente a desviar o espírito de Seu culto solene e sagrado constitui uma ofensa a Ele. A exibição

de enfeites, como laços, fitas e penachos, bem como ouro ou prata, é uma espécie de idolatria que não deve estar associada ao culto sagrado de Deus, onde os olhos de cada adorador só devem ter em vista a Sua glória. Deve-se cuidar estritamente de toda a questão do vestuário, seguindo à risca as prescrições bíblicas; a moda é uma deusa que impera no mundo, e não raro se insinua também na igreja. A igreja deve também a este respeito fazer da Bíblia sua norma de vida, e os pais fariam bem em meditar seriamente neste assunto. Se virem os filhos inclinando-se para a moda, devem, como Abraão, ordenar resolutamente a sua casa de acordo com seus princípios. **Em vez de vincular os filhos ao mundo, devem uni-los a Deus.** Que ninguém desonre a casa de Deus com enfeites ostensivos. Deus e os anjos estão ali presentes. O Santo de Israel assim Se manifestou por meio de Seu apóstolo: 'O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.' I Ped. 3:3 e 4" (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 201-202).

Instrução aos Crentes Novos

"Quando uma igreja for suscitada e deixada na ignorância desses pontos, o pastor negligenciou seu dever, **e terá de dar conta a Deus** das impressões que deixou prevalecer. A menos que aos crentes sejam inculcadas ideias precisas acerca do culto verdadeiro e da verdadeira reverência para com Deus, prevalecerá entre eles a tendência para nivelar o sagrado ao comum. Tais pessoas, professando a verdade, serão uma ofensa a Deus e uma lástima para a religião. Com suas ideias destituídas de cultivo jamais poderão apreciar um Céu

puro e santo, e ser preparadas para se associarem aos adoradores de Deus nas cortes celestiais, onde tudo é pureza e perfeição, e onde cada criatura é dominada de profunda reverência para com Deus e Sua santidade. O apóstolo Paulo descreve a obra dos embaixadores de Deus como sendo seu escopo **apresentar todo homem perfeito em Cristo Jesus**. Os que abraçam a verdade de origem divina devem ser **educados, enobrecidos e santificados** por meio dela. Um escrupuloso esforço será preciso a fim de atingir a estatura de homens perfeitos em Cristo. As pedras rudes, crivadas de arestas que se tiram das pedreiras, têm de ser cinzeladas e polidas a fim de fazer desaparecer-lhes as asperezas. Estamos numa época que se distingue pela **superficialidade** do trabalho, **facilidade** dos métodos, **ostentação** de uma santidade diversa daquela que se afere pelo padrão de caráter que Deus estabeleceu. Todos os atalhos, todo abreviamento do caminho, toda doutrina que não estabelecer a lei divina como padrão de caráter cristão, é falsa. O aperfeiçoamento do caráter requer trabalho vitalício, sendo inatingível por parte dos que não estiverem dispostos a prosseguir para ele a passos lentos e penosos, da maneira determinada por Deus. Não devemos permitir-nos nenhum passo errado nesse sentido, mas temos de crescer dia a dia nAquele que é nossa cabeça – Cristo” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, pp. 202-203).

16. A ADORAÇÃO

A adoração é o tema central do grande conflito, por isso Satanás tem feito esforços para distorcer este conceito, de forma que Deus não seja adorado. Pior ainda, de forma que adoremos Satanás supondo que estamos adorando a Deus.

O objetivo de Satanás é ser adorado.

“E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e **serei semelhante ao Altíssimo**” (Isaías 14:13-14)

“Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, **querendo parecer Deus**” (II Tessalonicenses 2:3-4).

Satanás demonstrou seu intento quando tentou a Cristo no deserto.

“Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, **me adorares**” (Mateus 4:8-9).

E a questão da adoração será, finalmente, o divisor entre o povo de Deus e os ímpios.

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo. Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E **adorai** aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu babilônia, aquela

grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição. E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém **adorar** a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. (...) Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" (Apocalipse 14:6-12).

O que é adoração? Cada vez que vamos à igreja nosso suposto objetivo é para adorar o Criador. Será que realmente sabemos o que estamos fazendo? Por que adorar? Como adorar? Qual o verdadeiro motivo de nossa escolha em ir à igreja? Vamos à igreja para cultuar ou para assistir apresentações ou porque ali é apenas um ponto de encontro? Vamos à igreja para assistir ou prestar um culto?

"Um problema realmente sério, e que pode conduzir a uma falsa adoração é o ato de ir à igreja sem uma compreensão correta da adoração, sem saber o que se vai fazer na igreja. Você já parou para se perguntar: 'O que é que eu vou fazer na igreja?' Por que colocamos nossas melhores roupas sociais e nos reunimos todos, assentados durante horas? Por que não ficamos dormindo até mais tarde? Será o costume? Será a vergonha de pensarem que estamos apostatando? Não temos nada melhor para fazer? (...)" (Levi de Paula Tavares, Adoração: o presente do homem para Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

Quando tomarmos consciência da santidade de Deus e do que Ele espera de um verdadeiro adorador, orando e comungando com Ele diariamente para chegarmos a tal compreensão, então seremos capazes de reverter o quadro de completa indiferença e irreverência de nossa parte quando estamos diante de Sua presença na igreja.

“Mas a hora vem, e agora é, em que os **verdadeiros adoradores** adorarão o Pai em **espírito** e em **verdade**; porque o Pai **procura** a tais que assim o adorem” (João 4:23).

O texto acima descreve a divindade que chama Suas criaturas humanas para adorá-Lo, ou seja, para um relacionamento pessoal com Ele. Se Deus está **procurando** pessoas que O adorem em espírito e verdade, significa que existe um sistema de adoração equivocado.

“O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o **Criador**, e que a Ele todos os outros seres devem a existência. E, onde quer que se apresente, na Bíblia, Seu **direito à reverência e adoração**, acima dos deuses dos pagãos, enumeram-se as provas de Seu poder criador. E os seres santos que adoram a Deus nos Céus, declaram porque **Lhe é devida** sua homenagem: 'Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas.' Apocalipse 4:11” (Ellen G. White, O Grande Conflito pp. 436-437).

Sugerimos alguns motivos para adorar o Criador:

1) Deus é santo:

“Exaltai ao Senhor nosso Deus e adorai-o no seu monte santo, pois o Senhor nosso Deus é santo” (Salmos 99:9);

2) Deus é Salvador:

“Vinde, cantemos ao SENHOR; jubilemos à rocha da nossa salvação” (Salmos 95:1);

3) Deus é grande:

“Porque o Senhor é Deus grande, e Rei grande sobre todos os deuses” (Salmos 95:3);

4) Deus é criador:

“Sabei que o Senhor é Deus; foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos; somos povo seu e ovelhas do seu pasto” (Salmos 100:3);

5) Deus é bom e benigno:

“Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração” (Salmos 100:5);

6) Deus é compassivo:

“Exultai, ó céus, e alegra-te, ó terra, e vós, montes, estalai com júbilo, porque o Senhor consolou o seu povo, e dos seus aflitos se compadecerá” (Isaías 49:13).

Existem três tipos básicos de adoração. O primeiro tipo é a adoração verdadeira, aquela que é a vontade de Deus.

“Mas a hora vem, e agora é, em que os **verdadeiros adoradores** adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem” (João 4:23).

O segundo tipo é a falsa adoração, aquela direcionada a ídolos.

“Não terás **outros deuses** diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êxodo 20:3-6).

“Não seguireis **outros deuses**, os deuses dos povos que houver ao redor de vós” (Deuteronômio 6:14).

“Será, porém, que, se de qualquer modo te esqueceres do Senhor teu Deus, e se ouvires **outros deuses**, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu testifico contra vós que certamente perecereis” (Deuteronômio 8:19).

O terceiro tipo é a adoração vã, aquela que é vazia e inútil. Este tipo de adoração é a mais eficaz arma satânica.

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerras, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis a pisar os meus átrios? Não continueis a trazer **ofertas vãs**; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar **iniquidade**, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue” (Isaías 1:11-15).

“Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me exalarão bom cheiro. E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas violas” (Amós 5:21-23).

“E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, **hipócritas**, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu **coração** está longe de mim” (Marcos 7:6).

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a **vontade** de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos **conheci**; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7:21-23).

O ato de adorar é a nossa homenagem, a nossa gratidão e o nosso louvor à divindade voluntariamente; é uma forma de reconhecer que somos seres criados à semelhança do Criador e que graças a Ele existimos, vivemos e nos movemos. Tudo isso é oferecido a Deus como um presente. Mas será que todo presente é bem-vindo?

Quando presenteamos alguém, é recomendável darmos algo que seja do agrado daquela pessoa. Caso contrário, apesar das boas intenções, o presente não será bem-vindo. Há vezes em que são preparadas “performances” fantásticas e oferecidas a Deus como nosso presente. Porém, tal presente foi dado não sob o ponto de vista de Deus, e sim conforme o ponto de vista que nos satisfaz. Um bom exemplo disso foi a oferta de Caim. Não foram oferecidos frutos podres, mas os melhores frutos possíveis. Isto significa que não se trata de oferecer a Deus aquilo que julgamos ser o melhor, mas oferecer o nosso melhor daquilo que a Ele é agradável. Um bom exemplo disso foi a oferta de Abel a Deus, ou seja, a obediência à Sua vontade.

Qual a melhor forma de oferecermos a uma pessoa um presente verdadeiramente do seu agrado e que a deixará feliz e satisfeita? **Conhecendo-a**. Não podemos oferecer uma adoração verdadeira, se não conhecemos a Deus e não sabemos do que Ele gosta.

A palavra "adoração" tem sua origem no Latim "adoratione" que é derivada de "adorare". O significado de "adoração", de acordo com o dicionário, é "culto a uma divindade", "culto", "**reverência**", "veneração". A partir do significado é possível compreender que o ato de adorar envolve reverência, ou seja, não existe adoração sem reverência.

Atualmente compreende-se que nossos conceitos equivocados em relação à música são fruto direto de nossos conceitos equivocados relacionados à adoração. Há pessoas que trazem seus costumes para dentro das igrejas e supõem que estão adorando a Deus. É preciso discernir o que é adoração e o que não é adoração.

Adoração não é Louvor

Segundo o dicionário, a palavra "louvor" significa "elogio", "apologia", "exaltação", "aclamação". O louvor é um elogio mais enfático. Por isso é possível louvar diversas coisas (comida, por exemplo), louvar realizações de pessoas colocadas em destaque pela sociedade, louvar a beleza de um lugar, louvar as virtudes da esposa.

"Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer

a potestade? Faze o bem, e terás **louvor** dela” (Romanos 13:3).

“Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o **louvor**” (I Coríntios 4:5).

“Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum **louvor**, nisso pensai” (Filipenses 4:8).

Com referência à adoração, esta é devida unicamente a Deus.

“E eu lancei-me a seus pés para o **adorar**; mas ele disse-me: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. **Adora a Deus**” (Apocalipse 19:10).

“Talvez este seja o motivo pelo qual hoje, ao referir-se sobre música na igreja, seja colocada tanta ênfase no termo **louvor**, e fale-se tão pouco em **adoração**. (...) O louvor a Deus é importante, é bíblico, mas é somente um dos aspectos da adoração. O nome de Deus deve ser exaltado, glorificado e proclamado, mas quando a Bíblia fala ‘Mas o Senhor está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra’ (Habacuque 2:20), ela claramente não está se referindo ao **louvor**, mas à **adoração reverente**” (Levi de Paula Tavares, Adoração: o presente do homem para Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

Adoração e louvor são conceitos que podem se fundir. Quando o louvor (elogio) está direcionado a Deus, ele faz parte da adoração. Para que isto ocorra são necessários os seguintes requisitos:

1. O **louvor** (elogio) tem que ser dirigido **única e exclusivamente a Deus**.

“**Louvai** ao Senhor, invocai o seu nome, fazei conhecidas as suas obras entre os povos. Cantai-lhe, salmodiai-lhe, atentamente falai de todas as suas maravilhas” (I Crônicas 16:8-11).

“Exultai no Senhor toda a terra; exclamai e alegrai-vos de prazer, e cantai **louvores**. Cantai **louvores** ao Senhor com a harpa; com a harpa e a voz do canto” (Salmos 98:4-6).

“**Louvai** ao Senhor. **Louvai, servos** do Senhor, **louvai** o nome do Senhor” (Salmos 113:1).

“**Louvai** ao Senhor todas as nações, **louvai-o** todos os povos. Porque a sua benignidade é grande para conosco, e a verdade do Senhor dura para sempre. **Louvai** ao Senhor” (Salmos 117:1-2).

“**Louvai** ao Senhor, porque é bom cantar **louvores** ao nosso Deus, porque é agradável; decoroso é o **louvor**” (Salmos 147:1).

“**Louvai** ao Senhor. **Louvai** ao Senhor desde os céus, **louvai-o** nas alturas. **Louvai-o**, todos os seus

anjos; **louvai-o**, todos os seus exércitos” (Salmos 148:1-2).

“**Louvai** ao Senhor. Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu **louvor** na congregação dos santos” (Salmos 149:1).

“**Louvai** ao Senhor. **Louvai** a Deus no seu santuário; **louvai-o** no firmamento do seu poder. **Louvai-o** pelos seus atos poderosos; **louvai-o** conforme a excelência da sua grandeza. (...) Tudo quanto tem fôlego **louve** ao Senhor. **Louvai** ao Senhor” (Salmos 150:1-2;6).

2. Deve ter sua origem em um coração consciente de sua condição imperfeita diante do supremo Deus que é justo, infalível e santo.

“Ainda que o Senhor é excelso, atenta todavia para o **humilde**; mas ao soberbo conhece-o de longe” (Salmos 138:6).

“O Senhor eleva os **humildes**, e abate os ímpios até à terra” (Salmos 147:6).

“Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito; como também com o **contrito** e **abatido de espírito**, para vivificar o espírito dos abatidos, e para vivificar o coração dos contritos” (Isaías 57:15).

“Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim todas elas foram feitas, diz o Senhor; mas para

esse olharei, para o pobre e **abatido de espírito**, e que trema da minha palavra” (Isaías 66:2).

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a fidelidade e andes **humildemente** com o teu Deus?” (Miquéias 6:8).

“Bem-aventurados os **pobres de espírito**, porque deles é o reino dos céus” (Mateus 5:3).

“Portanto, aquele que se tornar **humilde** como este menino, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:4).

“Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a **humildade** e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Efésios 4:1-2).

“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, **humildade**, mansidão, longanimidade” (Colossenses 3:12).

“Semelhantemente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de **humildade**, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos **humildes**. **Humilhai-vos**, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” (I Pedro 5:5-6).

3. Haver **consagração** da arte, da técnica e do gosto humanos para que possam ser apresentados diante de Deus de acordo com Seus parâmetros, porque não existe adoração sem humildade.

“Porque eu sou o Senhor vosso Deus; portanto vós vos santificareis, e sereis **santos**, porque eu sou santo. (...) Porque eu sou o Senhor, que vos fiz subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que sejais **santos**; porque eu sou santo” (Levítico 11:44-45).

“Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: **Santos** sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Levítico 19:2).

“Portanto santificai-vos, e sede **santos**, pois eu sou o Senhor vosso Deus” (Levítico 20:7).

“Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente” (Salmos 24:3-4).

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, **santo** e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos 12:1).

Quando o louvor é voltado para Deus, ele pode fazer parte da adoração e é aí que muitos se confundem. Em cultos de louvor, muitas vezes há aplausos, gritos, assobios e até autógrafos. Neste tipo de ambiente não existe adoração a Deus, porque o louvor está direcionado

a seres humanos. Isto é adoração vã que se caracteriza pela mistura de “falar sobre Jesus” e “louvar o ser humano”.

Para que o louvor nos conduza à adoração, é preciso que venha de um coração que escolheu viver segundo os princípios e os valores de Deus, e não somente conforme o gosto pessoal.

Adoração não é Música

Para adorarmos a Deus não é necessária a utilização da música, não precisamos cantar ou tocar algum instrumento. A música em si é apenas um dos veículos da adoração, tanto quanto o louvor, podendo ser utilizada ou não. A música deve nos conduzir à **adoração** que requer **reverência**, e não nos conduzir à **excitação emocional**. A música pode até ser abominável a Deus, bem como todo o sistema de culto, se a adoração não for verdadeira.

“E farei cessar o ruído das tuas cantigas, e o som das tuas harpas não se ouvirá mais” (Ezequiel 26:13).

“Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus” (Salmos 51:17).

“Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros” (I Samuel 15:22).

O Criador é adorado verdadeiramente através de orações, atitudes, testemunhos e ofertas. Ao povo de Israel foram estabelecidos inúmeros ritos e cerimônias como forma de adoração a Deus. Em determinadas ocasiões, no entanto, mesmo as formas ordenadas por Deus podem perder seu significado devido à **atitude** do adorador.

“Odeio, desprezo as vossas festas, e as vossas assembléias solenes não me exalarão bom cheiro. E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas violas” (Amós 5:21-23).

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis a pisar os meus átrios? **Não continueis a trazer ofertas vãs**; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembléias; não posso suportar **iniquidade**, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; **cessai de fazer mal. Aprendei a fazer o bem**;

procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas” (Isaías 1:11-17).

“A música **só é aceitável a Deus** quando o coração é **consagrado**, e enternecido e santificado. (...) As formas, cerimônias e realizações musicais **não são a força da igreja**. No entanto, estas coisas tomaram o lugar que deveria ser dado a Deus, tal como se deu no culto dos judeus” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 512).

“Aparelhamento faustoso, ótimo canto e **música** instrumental na igreja não convidam o coro angélico a cantar também. À vista de Deus estas coisas são como galhos da figueira infrutífera, que só mostrava folhas pretensiosas. Cristo espera **frutos**, princípios de **bondade, simpatia e amor**. Estes são os princípios do Céu, e quando se revelam na vida de seres humanos, podemos saber que Cristo, a esperança da glória, está formado em nós. Pode uma congregação ser a mais pobre da Terra, **sem música nem ostentação exterior**, mas se ela possuir esses princípios, os membros poderão cantar, pois o gozo de Cristo está em sua alma, e esse canto podem eles oferecer como uma **oblação** a Deus” (Ellen G. White, Evangelismo, pp. 511-512).

Adoração não é um Ritual

Adorar a Deus não é ir à igreja e cumprir um ritual.

“Um dos enganos do inimigo é o de levar-nos a crer que **o ritual em si é o culto**, quando na verdade é somente uma forma de culto” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspres, 2003, p. 45).

Há cristãos que acreditam que ir à igreja fornece-lhes uma experiência de adoração. Somos alertados a não sermos vítimas deste engano.

“Não negligencieis a **oração particular**, pois é a **alma da religião**” (Ellen G. White, Mensagens aos Jovens, p. 268).

Não é o “ir à igreja” a alma da religião, mas a oração particular e a comunhão pessoal permanente com Deus.

O que é adoração?

“Adoração é uma reação ativa a Deus, pela qual declaramos a sua dignidade. A adoração não é **passiva**, mas sim **participativa**. Adoração não é simplesmente um **clima**; é uma **reação**. Adoração não é apenas uma **sensação**; é uma **declaração**” (Ronald Allen e Gordon Borrer, Teologia da Adoração: Vida Nova, 2002, p. 16).

“A palavra hebraica mais frequente, shâjâh, denota a ação de inclinar-se, **prostrar-se** ou render homenagem. A palavra grega equivalente, e a mais importante do Novo Testamento, é ‘proskuneô’. O termo ‘proskuneô’ é combinação de dois radicais: ‘pros’, que significa ‘em relação a’, e ‘kuneo’, que significa ‘beijar’. Quando combinados, eles referem-se à honra e ao respeito demonstrados em relação a um superior, a ponto de beijar-lhe os pés. Vez após vez nos é dito no Apocalipse que os seres celestiais ‘prostraram-se e O adoraram’ (Apocalipse 4:10; 5:14; 7:11; 11:17; 15:4; 19:4)” (Levi de Paula Tavares. Adoração: o presente do

homem para Deus. Disponível
<<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

A palavra "adorar", traduzida do grego, pode ter três significados distintos. O primeiro, "proskuneo", traz a ideia básica de "render-se" no sentido de submeter-se. Frequentemente esta palavra é traduzida por "prostrar-se", que quer dizer curvar-se diante de uma pessoa a quem honramos. O segundo, "sebein", é "reverenciar". O verdadeiro adorador preocupa-se em fazer tudo que agrada a Deus e evita fazer aquilo que agrada a si mesmo ou que agrada outras pessoas.

"Sabemos que Deus não atende a pecadores, mas pelo contrário se alguém teme a Deus [gr. 'theosebes', que tem a mesma raiz de 'sebein'] e pratica sua vontade, a este atende" (João 9:31).

O terceiro significado da palavra "adorar", "latréuô", é "servir". Encontramos isto em Romanos 12:1. A ideia é oferecer a Deus tudo o que somos e tudo o que existe em nossa vida, nossos recursos, nossa inteligência, nossas forças, nosso compromisso e nossa dedicação.

Para uma experiência de verdadeira adoração, encontramos em Isaías 6 os passos básicos:

Versos 1 a 4 – Visão da majestade divina: a verdadeira adoração envolve o senso da presença de Deus. Note, não é o sentimento, mas o senso. Posso não sentir absolutamente nada de sobrenatural, mas o senso da presença de Deus faz com que me comporte de acordo. É o aspecto contemplativo do culto, em que

nossa mente e nosso coração são conduzidos pela leitura da Palavra, cânticos e orações a uma visualização da pessoa de Deus. Reuniões que não produzem esse senso de contato com Deus, tornando-O o foco da atenção, evocando absoluta reverência, podem ser chamadas de qualquer coisa, menos de culto.

Verso 5 – Visão da nossa finitude e nossa pecaminosidade: adorar significa reconhecermos que somos pecadores e carecemos da misericórdia de Deus. O único que nos convence do pecado é o Espírito Santo, e Ele age em nosso discernimento, em nossa mente. Tal atuação será impossível em um culto que não contar com momentos de silêncio, calma e reflexão.

Versos 6 e 7 – Confissão e recebimento do perdão: "No culto Deus age em nosso favor, e ministra a nós conforme a nossa necessidade. Sempre recebemos algo de Deus ao nos prostrarmos diante dele em adoração autêntica. Assim sendo, apesar de enfatizarmos o culto teocêntrico, temos de reconhecer que as necessidades humanas são atendidas, dentro do princípio de Salmos 37:4 e Mateus 6:33: buscando primeiro a Deus, somos abençoados naquilo que precisamos, segundo a sua soberania" (Levi de Paula Tavares. Adoração: o presente do homem para Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

Verso 8 – Consagração – Pode-se dividir este verso em duas partes: a exortação divina e a aceitação por parte do adorador. "A consagração sempre envolverá ação. Quem cultua de verdade, está disposto a ouvir o chamado divino, dispondo-se para **obedecê-Lo** com amor e alegria" (Levi de Paula Tavares. Adoração: o presente do homem para Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

Paulo e Davi explicam um princípio básico nos seguintes textos:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso **culto racional**. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita **vontade de Deus**” (Romanos 12:1-2).

“Cantai louvores a Deus, cantai louvores; cantai louvores ao nosso Rei, cantai louvores. Pois Deus é o Rei de toda a terra, cantai louvores com **inteligência**” (Salmos 47:6-7).

Esferas da Adoração

A Dra. Eurydice V. Osterman, em seu livro “O Que Deus Diz Sobre a Música”, expõe três esferas de culto nas quais é vital que o cristão participe para que possa vir a ter uma vida espiritual vitoriosa e em crescimento:

Comunhão particular: esta é a mais importante, o alicerce de todas as outras. Se esta faltar, as demais desmoronam mais cedo ou mais tarde. É imprescindível termos uma experiência pessoal com Deus através da comunhão diária e particular.

“Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto;

e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente” (Mateus 6:6).

“De tarde e de manhã e ao meio dia orarei; e clamarei, e ele ouvirá a minha voz” (Salmos 55:17).

“Orai sem cessar” (I Tessalonicenses 5:17).

“É o tempo em que podemos ter audiência com Deus em particular, numa situação íntima, onde podemos expressar nossa gratidão por Suas bênçãos e descobrir nossa alma confessando faltas e pecados, tornar conhecidos nossos pedidos, fazer orações intercessórias por outros, buscar guia e orar sobre coisas que não ousamos falar a outro ser humano. (...) Quando uma pessoa sai de tal encontro com Deus, não só haverá louvor, gratidão e regozijo, mas, como está delineado em Isaías 6:1-13, várias outras coisas agradáveis deverão ter acontecido também. Antes de tudo, este tipo de culto faz-nos conscientes da presença de Deus – Ele é o foco de nossa atenção. (...) Assim nós O adoramos em espírito (com a atitude correta) e em verdade (inteligentemente). (...) Infelizmente, quando o culto individual é negligenciado, em virtude de exiguidade de tempo ou outros desafios, a pessoa fica desarmada e despreparada para lutar contra o inimigo e as tentações trazidas pelos costumes, com as quais ele procura enredar a alma incauta. ‘Não negligencieis a oração secreta, pois é a alma da religião’ (White, Testemonies, vol. 1, p. 163)” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, pp. 36, 37 e 39).

“A graça divina deve ser **diariamente** recebida, do contrário homem algum permanecerá convertido” (Ellen G. White, Eventos Finais, p. 66).

Este é o alicerce da verdadeira adoração. Ao negligenciarmos este tipo de adoração é que temos encontrado uma série de dificuldades na adoração congregacional. O problema que gera esta dificuldade de encontrar verdadeiros adoradores é que não pode existir adoração sem comunhão.

Grupos pequenos: trata-se do culto familiar, grupos de estudos bíblicos, reuniões de oração, vigílias, pequenos grupos e etc, nos quais pode haver testemunhos e troca de ideias que fortaleçam as convicções e encorajem uns aos outros. É importante que se faça planejamento e se operacionalizem as atividades com organização, de preferência sob liderança.

“Mas faça-se tudo decentemente e com ordem” (I Coríntios 14:40).

Cultos congregacionais: É neste período que edificamos, fortalecemos e consolamos uns aos outros.

“E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, **segundo o seu costume**, na sinagoga, e levantou-se para ler” (Lucas 4:16).

“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (I Coríntios 12:25-26).

“Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação,

tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação” (I Coríntios 14:26).

“A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração” (Colossenses 3:16).

“E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, **não deixando a nossa congregação**, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10:24-25).

É importante entender que a forma como o culto é realizado não é o culto em si. A liturgia do culto pode variar de acordo com as circunstâncias e as necessidades de cada congregação, mas qualquer mudança deve ser realizada com oração, com planejamento e com a participação dos departamentos envolvidos (Levi de Paula Tavares. Adoração: o presente do homem para Deus. Disponível <<http://musicaeadoracao.com.br/29187>>).

“O terceiro e mais complexo contexto em que ocorre o culto é na congregação. A expressão ‘ir para a igreja’ é frequentemente usada para descrever esta experiência. (...) Seria ideal que [este culto] representasse a culminância de todas as experiências de adoração que tivessem ocorrido durante a semana. (...) Infelizmente, quando isso não acontece, chegamos à igreja vazios. Nada temos a ofertar, porque nada foi cultivado no nosso relacionamento com Deus durante a

semana. (...) E portanto, **ir à Sua casa não representa nada**" (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, pp. 40, 46).

Como saber que ir à casa de Deus não representa nada? Talvez algumas perguntas auxiliem para encontrar a resposta: há igual preocupação com a pontualidade tanto na chegada ao trabalho durante a semana quanto na chegada à Escola Sabatina no sábado? Há igual reação de contrariedade quando interferem na atenção pessoal a um programa de TV e quando interferem na atenção pessoal às atividades congregacionais na igreja? Há igual preocupação tanto na escolha do vestuário que seja adequado ao princípio de decência no ambiente de trabalho quanto na escolha do vestuário no ambiente do templo de adoração?

Se não temos, no mínimo, igual respeito pelos nossos compromissos profissionais e pela casa de Deus; se não damos maior valorização à presença de Deus no momento congregacional na igreja como valorizamos patrão ou chefe ou pessoa influente no trabalho, conclui-se que a casa de Deus não representa nada. Quando me comporto na casa de Deus como se estivesse em qualquer lugar, significa que ela não representa nada para mim.

"A **humildade** e a **reverência** devem caracterizar o comportamento de todos os que vão à presença de Deus. (...) não devemos aproximar-nos dEle com uma ousadia presunçosa, como se Ele estivesse no mesmo nível que nós outros. (...) Há os que se portam em Sua casa conforme não imaginariam fazer na sala de

audiência de um governador terrestre” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 252).

“Por causa de sua irreverência na atitude, no traje, e comportamento, e sua falta de verdadeiro espírito de devoção, Deus **muitas vezes** tem afastado Seu rosto dos que se achavam reunidos para o culto” (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 201).

Um problema à adoração

“A raiz do problema pode ser resumida na seguinte frase: ‘Seria ideal que [o ato de ir à igreja] representasse a culminância de todas as experiências de adoração que tivessem ocorrido durante a semana’. Infelizmente, quando isso não acontece, chegamos à igreja vazios. (...) Quando chegamos vazios à igreja, nada tendo a oferecer, nossa mente está interessada em assuntos externos, ideias preconcebidas e preocupações – expectativas pessoais, cultura, liturgia, música, etc. O homem torna-se então a audiência, o foco da atenção e o ‘fogo estranho’ aceso por **estímulos externos**, especialmente a música, e o desejo de uma emoção intensa é a única coisa que parece satisfazer a alma vazia” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspres, 2003, p. 40, 46).

Então, a pura e simples presença de Deus não é mais suficiente para enchermos os bancos da igreja. Precisamos de emoções fortes, precisamos rir, chorar, aplaudir. Precisamos de música pop, de espetáculos e de músicos famosos; caso contrário, a casa de Deus não me é atraente.

“Quantas vezes em nossos próprios dias é o **amor aos prazeres** disfarçado por uma ‘aparência de piedade’! (II Timóteo 3:5). Uma religião que permite aos homens, **enquanto observam os ritos do culto**, entregarem-se à satisfação egoísta ou sensual, é tão agradável às multidões hoje como o foi nos dias de Israel” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 317).

A responsabilidade dos líderes

“Há **Arãos flexíveis**, que ao mesmo tempo em que mantêm posições de autoridade na igreja, **cederão aos desejos dos que não são consagrados**, e assim os induzirão ao pecado” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 317).

Um dos motivos que levou o povo de Israel tantas vezes ao cativeiro foi o fato de existir liderança não consagrada que não alertava o povo sobre seus pecados, que acariciava e lisonjeava o pecado e o pecador. A Bíblia confirma:

“Os teus profetas viram para ti vaidade e loucura, e **não manifestaram a tua maldade**” (Lamentações 2:14).

“A menos que aos crentes sejam inculcadas **ideias precisas acerca do culto verdadeiro** e da verdadeira reverência para com Deus, prevalecerá entre eles a tendência para nivelar o sagrado ao comum. Tais pessoas, professando a verdade, serão uma **ofensa** a Deus e uma **lástima** para a religião” (Testemunhos Seletos, vol. 2, p. 202).

O que não pode faltar na adoração

“Ora, sem **fé** é impossível agradecer a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6).

Muita gente pensa que fé é meramente crer em Deus e em Sua existência. Porém, Satanás e seus anjos também crêem.

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremecem” (Tiago 2:19).

Fé não é apenas crer na existência de Deus, mas aceitar Suas repostas como sendo o melhor para nós, continuar confiando em meio às dificuldades, ser grato mesmo em meio às adversidades, assumindo que Deus está no controle, obedecê-Lo; ou seja, colocar-se inteiramente à Sua disposição.

O texto bíblico afirma que sem fé é impossível agradecer a Deus. E não se pode adorar quando não se agrada a Deus. Portanto, sem fé é impossível adorar a Deus.

Como ser um verdadeiro adorador

“Porque **Deus** é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13).

“Não podeis mudar vosso coração, não podeis **por vós mesmos** consagrar a Deus as vossas afeições; mas podeis **escolher servi-Lo**. Podeis dar-Lhe a vossa vontade; Ele então operará em vós o querer e o efetuar, segundo a Sua vontade. Desse modo toda a vossa natureza será levada sob o domínio do Espírito de Cristo; vossas afeições centralizar-se-ão nEle; vossos pensamentos estarão em harmonia com Ele” (Ellen G. White, Caminho a Cristo, p. 47).

Então seremos capazes de adorá-Lo verdadeiramente. Ao escolhermos entregar nossa vontade para Deus, tudo será providenciado para que nossa adoração seja aquela aceita por Ele. A entrega de nossa vontade a Deus se processa no relacionamento constante com Ele.

“Para O servirmos devidamente, é mister nascermos do divino Espírito. (...) Esse é o verdadeiro culto. É o fruto da operação do Espírito Santo. (...) Onde quer que a alma se dilate em busca de Deus, aí é manifesta a obra do Espírito, e Deus Se revelará a essa alma. **A tais adoradores Ele busca**. Espera recebê-los, e torná-los Seus filhos e filhas” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p.189).

Ainda sobre a reverência e a adoração, é importante tratar de um assunto que pode ter relação direta com o desejo humano de satisfazer-se com emoções intensas, na busca de preencher o vazio causado pela negligência em desenvolver um relacionamento com Deus.

Para que tenhamos capacidade de fundamentar nossas práticas diárias nos alicerces seguros dos princípios

e valores vividos por Jesus Cristo, é necessário estudar este assunto polêmico na IASD.

17. O EVANGELHO TEATRAL

Alguns questionamentos podem ser feitos com respeito à teatralidade no ambiente da igreja: seria este recurso um meio aceitável na obra de Deus? Existem formas de executar este veículo de comunicação que não corram o risco de ferir princípios de reverência? Este recurso realmente traz as pessoas a Jesus Cristo?

Quando nos referimos à teatralidade, nos reportamos a todas as formas de movimentações exageradas no cantar, no pregar e em qualquer outra atuação pessoal nos cultos. Não estão incluídos neste contexto de teatralidade os recursos visuais diversos – símbolos, imagens fotográficas, painéis, banners, ilustrações pictóricas –, mas sim as encenações, as exibições planejadas de forma a impulsionar emoções ilimitadas.

Há os que defendem que Ellen White não era contra todas as representações teatrais, aceitando aquelas que cumprissem determinados requisitos e não prejudicassem a reverência e a santidade da obra. Há os que defendem a teoria de que o teatro é baseado em mentiras, mas torna-se aceitável quando utilizamos para apresentar verdades. Há também aqueles que são definitivamente contra a utilização deste tipo de recurso na obra de Deus. Temos uma conclusão bem definida a respeito e iremos expô-la. E mais outra vez ponderamos que o leitor faça

sua própria análise e chegue às suas próprias conclusões.

Primeiramente, vamos compreender alguns conceitos:

Cerimônia: atividades formais realizadas em alguma ocasião solene ou importante; atividade religiosa ou **sagrada**; rito solene; solenidade religiosa.

Ritual: pertencente ou relativo aos ritos, forma das cerimônias de uma religião, conjunto das regras a observar.

Encenação: *"Arte de pôr em cena, transformar em espetáculo um texto escrito. A origem do termo surge como elemento constituinte e inseparável do teatro (...). Na Idade Média, a encenação surgiu nas demonstrações de certas passagens litúrgicas representadas por sacerdotes, durante as cerimônias religiosas. E aqui o teatro cristão, tal como no teatro clássico, nasce da ritologia"* (José Pedro Ferreira de Almeida – A Performance e Encenação no Espetáculo Musical, 2001, p. 21). A palavra "cena" tem diferentes significados, quer se refira ao cinema ou ao teatro, a um argumento ou a um filme. É o conjunto de meios de interpretação cênica (cenografia, música, jogos). No meio popular, uma encenação também é considerada como uma simulação, um ato fingido.

É possível verificar que os ritos e as cerimônias estão interligados. Ritos são as formas pelas quais se executam as cerimônias. Por exemplo, temos a cerimônia da Santa Ceia. Para participarmos dela, temos um ritual, uma série de procedimentos, entre oração, repartir e distribuir o

pão, posteriormente o suco da uva, enfim, há uma série de passos que compõem a cerimônia como um todo. Podemos entender que uma cerimônia não pode ser considerada uma encenação e não pode ser confundida com esta. As cerimônias são atividades reais e formais em ocasiões solenes. Uma encenação, ou dramatização, é fictícia, nunca real, pois, se assim fosse, deixaria de ser uma encenação. Uma mensagem teatral está intimamente associada ao ambiente teatro.

A dramaturgia é o ofício de elaborar um texto com o objetivo de transpô-lo para os palcos, apresentando diante de um público as ideias contidas numa obra de arte e realizada através da encenação por **atores**. Os atores são pessoas que **representam uma personagem**, ou seja, fingem ser outra pessoa.

A palavra "dramaturgia" tem sua origem no idioma grego e significa "ação". O profissional nesta arte é o dramaturgo.

Aristóteles, filósofo na Grécia antiga, define dramaturgia como a arte de estruturar os atos humanos de forma lógica e com o objetivo de **despertar intensas emoções** ou extremo **encantamento, extremo êxtase**. Em outras palavras, na dramaturgia as atividades são elaboradas com base nas emoções que se quer causar nas pessoas; todas as ações são **planejadas** em detalhes para gerar determinado tipo de reação. Embora se associe a dramaturgia ao teatro, atualmente ela se estendeu também aos roteiros de cinema, às novelas e minisséries de TV. Portanto, constata-se que o teatro e a dramaturgia

estão presentes tanto nas programações dos canais de televisão quanto nas produções cinematográficas. Quando iniciou tudo isso? De que maneira tudo isso passou a fazer parte das programações nas igrejas cristãs?

A origem do teatro está nas primeiras sociedades na antiguidade em que se acreditava no uso de danças como propiciadoras de poderes sobrenaturais. Supunha-se que estes poderes controlavam todos os fatores necessários à sobrevivência daquelas sociedades – fertilidade da terra, moradia, sucesso nas batalhas – e também possuindo caráter de **exorcizar** os maus espíritos. O teatro em suas origens caracterizava-se por ser **ritualístico**, ou seja, as encenações faziam parte do **ritual de cerimônias em adoração aos deuses**. Num estágio mais adiante, teatro passou a ser o local onde as representações aconteciam e reportavam a lendas típicas de cada sociedade sobre heróis humanos e sobre deuses da mitologia. Na Grécia antiga existiam as representações de tragédias e comédias, entre outros eventos, nos festivais anuais em louvor ao deus Dionísio. As primeiras formas dramáticas na Grécia surgiram **neste contexto** (Disponível <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-teatro/historia-do-teatro-2.php>>).

Nos dias de Jesus havia um teatro em Jerusalém construído por ordem do Rei Herodes, o Grande (73 – 4 a.C.), **porém para agradar aos romanos**. Embora a sociedade judaica convivesse com os costumes grego e romano que patrocinavam a arte teatral, e ainda houvesse um teatro em Jerusalém, os judeus **não incorporaram** esse tipo de recurso à liturgia no templo (santuário). E no

período medieval da história humana o teatro foi rejeitado nas igrejas cristãs por ter sido considerado uma forma de expressão pagã (Joalsemar Araújo, O Teatro na Bíblia. Disponível <<http://www.projetovidanova.com.br/noticias/2009/teatro.php>>).

A Igreja Católica, e pessoas ligadas a ela, no período pós-medieval, foi a maior responsável pelo patrocínio das artes literária e musical que eram os alicerces da arte teatral. Mas, devido às origens pagãs do teatro, a Igreja se posicionou completamente contra a utilização deste recurso através da recusa em patrociná-lo. Naquela época o teatro existia fora do contexto religioso cristão.

Após um determinado tempo a Igreja observou que este tipo de entretenimento era muito popular, era muito bem aceito, pois era atraente e agradável para a maioria das pessoas. Assim, com vistas a atrair o povo para o templo, a Igreja cedeu espaço à arte teatral e começou a utilizá-la como mais outro recurso de conquista de frequentadores.

Hoje estamos em perigo espiritual quando cedemos à ideia de correlacionar evangelho e entretenimento, fazendo uso de procedimentos populares no ambiente igreja; isto é misturar sagrado com profano.

“Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da **simplicidade** do evangelho e aceitando **ritos** e **costumes pagãos**, perdeu o Espírito e o poder de Deus” (Ellen G. White, Eventos Finais, p. 228).

Até aqui analisamos que o teatro foi rejeitado pela antiga sociedade judaica, não foi um recurso utilizado por Jesus Cristo, não foi aceito nem pela igreja cristã primitiva e nem depois pela igreja católica. No entanto, na atualidade, que cremos estar próximo o retorno de Jesus Cristo, seria necessário o uso da arte teatral para a pregação do evangelho? Que busquemos no Senhor a sabedoria para prestar-lhe culto na simplicidade do evangelho e sem pegar emprestados elementos estranhos, porque Deus não precisa disto.

“A meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo”
(Ezequiel 44:23).

O Espírito de Profecia apresenta orientações muito claras a respeito deste assunto. Porém, mesmo que não o fizesse e mesmo que não fosse dado crédito às mensagens de Ellen G. White concluiríamos que o teatro é um recurso inadequado à obra de Deus, considerando tanto suas origens quanto seus objetivos. A Bíblia é nossa fundamental regra de fé e prática.

A seguir a visão profética desta questão será exposta, pois o dom de profecia é parte integrante da essência doutrinária da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“Entre os mais perigosos lugares de diversões, acha-se o **teatro**. Em vez de ser uma escola de moralidade e virtude, como muitas vezes se pretende, é um verdadeiro foco de **imoralidade**. Hábitos viciosos e propensões pecaminosas são fortalecidos e confirmados por esses entretenimentos. Canções baixas, gestos,

expressões e atitudes licenciosos **depravam a imaginação** e rebaixam a moralidade. Todo o jovem que costuma assistir a essas exhibições se corromperá em seus princípios. Não há em nosso país influência mais poderosa para **envenenar a imaginação**, destruir as impressões religiosas e tirar o gosto pelos **prazeres tranquilos** e as realidades sóbrias da vida, que as diversões teatrais. O amor a estas cenas aumenta a cada condescendência, assim como o desejo das bebidas intoxicantes se fortalece com seu uso. O único caminho seguro é abster-se de ir ao teatro (...) e a qualquer outro lugar de diversão duvidosa” (Ellen G. White, Mensagens aos Jovens, p. 380).

“Os espetáculos, os **teatros** e todas as demais diversões **desmoralizantes** dessa natureza estão arrebatando o dinheiro do país e a pobreza aumenta constantemente” (Ellen G. White, Fundamentos da Educação Cristã, p. 318).

“Muitos dos divertimentos populares no mundo hoje, mesmo entre aqueles que pretendem ser cristãos, propendem para os mesmos fins que os dos gentios de outrora. Poucos há, na verdade entre eles, que Satanás não torne responsáveis pela destruição de almas. Por meio do **teatro** ele tem operado durante séculos para **excitar** a paixão e glorificar o vício” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 459).

Sendo este o conceito sobre o contexto do teatro, é adequado usar tal recurso na obra de Deus? Relembremos que “santo” significa “separado”. Fazer uso da arte teatral é oferecer a Deus algo “separado”? Será que as bases morais do teatro mudaram através do tempo? É o teatro

em nossos dias um símbolo de decência? São os seus objetivos nobres e elevados?

O Espírito de Profecia nos apresenta inúmeras advertências a respeito das representações teatrais em conexão com a verdade presente.

“Tenho uma mensagem para os que estão com a responsabilidade de nossa obra. Não animeis homens que devem empenhar-se neste trabalho a pensar que devam proclamar a solene e sagrada mensagem em estilo teatral. **Nem um jota ou um til de qualquer coisa teatral deve aparecer em nossa obra.** A causa de Deus deve ter molde sagrado e celestial. Fazei com que tudo quanto esteja em conexão com a apresentação da mensagem para este tempo tenha o sinete divino. Não permitais **qualquer coisa** de natureza teatral, pois **prejudicaria a santidade da obra**” (Ellen G. White, Evangelismo, pp. 137-138).

“Foi-me mostrado que nos defrontaremos com todas as espécies de experiências e que os homens procurarão introduzir **representações estranhas** na obra de Deus. Já nos encontramos com tais coisas em muitos lugares. No início de meu trabalho, foi-me dada a mensagem de que **todas as representações teatrais**, em conexão com a pregação da verdade presente fossem **desaconselhadas** e **proibidas**. Os homens que pensavam ter um admirável trabalho a fazer procuram adotar uma estranha atitude e manifestam esquisitices no movimento do corpo. Eis as instruções que me foram dadas: ‘Não aproveis tal coisa’. Essas atitudes, **com sabor teatral**, não devem ter lugar na proclamação das solenes mensagens que nos foram confiadas” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 137).

“A paixão dominante de Satanás é perverter o intelecto e levar os homens a desejar ardentemente frequentar espetáculos e **exibições teatrais**. A experiência e o caráter de quantos se empenham nesta obra estará em conformidade com o alimento fornecido à mente” (Ellen G. White, Evangelismo, 267).

“Satanás deleita-se quando vê seres humanos empregando as faculdades físicas e mentais naquilo que não educa, não tem utilidade, não os ajuda a ser uma bênção aos que necessitam do auxílio. Enquanto a juventude se adentra em **jogos** destituídos de valor para eles e para outros, Satanás joga a partida da vida por suas almas, tirando-lhes os talentos dados por Deus, substituindo-os por seus próprios atributos maus. É seu empenho levar os homens a passarem por alto a Deus. Busca ocupar-lhes e absorver-lhes tão completamente o espírito, que o Senhor não encontre lugar em seus pensamentos. Não quer que o povo conheça a seu Criador, e fica bem satisfeito se pode pôr em funcionamento **jogos e representações teatrais** que por tal forma confunda o senso da juventude, que Deus e o céu sejam esquecidos” (Ellen G. White, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, pp. 274-275).

“Aqueles que compõem essas sociedades [literárias], que professam amar e reverenciar as coisas sagradas, e ainda permitem que a mente rebaixe às **representações fictícias**, superficiais, irrealis, simples, baratas, estão fazendo o trabalho do diabo, tão certamente quanto os que assistem e se unem a essas cenas” (Ellen G. White, Manuscrito 41, 1900).

“A obra de Satanás é levar os homens a ignorarem Deus, para assim ocupar a mente e mantê-la absorta, de modo que Deus não esteja em seus pensamentos. (...)

Satanás não deseja que o povo tenha conhecimento de Deus; e se puder pôr em operação **jogos e representações teatrais** que **confundam os sentidos** dos jovens de modo que os seres humanos pereçam nas trevas enquanto a luz brilha em torno deles, isto lhe dará muito gosto” (Ellen G. White, O Lar Adventista, pp. 401-402).

“Os que fazem a obra do Senhor nas cidades têm de envidar esforço calmo, perseverante e devotado, em favor da educação do povo. Conquanto devam trabalhar fervorosamente para interessar os ouvintes e conservar esse interesse, têm de ao mesmo tempo precaver-se contra qualquer coisa que se aproxime do **sensacionalismo**. Nesta época de extravagância e ostentação, em que os homens julgam necessário fazer aparato para conseguir êxito, os escolhidos mensageiros de Deus devem mostrar o erro de gastar meios desnecessariamente, para causar efeito. Ao trabalharem com simplicidade, humildade e gentil dignidade, **evitando tudo que seja de natureza teatral**, sua obra fará duradoura impressão para bem” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 66).

“Os assuntos devem ser apresentados de tal maneira que impressionem favoravelmente as pessoas. **Nada de cunho teatral deve existir nas reuniões**” (Ellen G. White, Conselhos sobre Saúde, 481).

“Alguns pastores cometem o erro de pensar que o sucesso depende de arrastar uma grande congregação pelo aparato exterior, anunciando depois a mensagem da verdade em **estilo teatral**. Isso, porém, é **empregar fogo comum, em lugar de fogo sagrado ateadado por Deus**. O Senhor não é glorificado por essa maneira de trabalhar. Não por meio de notícias sensacionalistas e

dispendiosas exibições, que há de Sua obra ser levada a cabo, mas seguindo os métodos de Cristo. 'Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.' Zacarias 4:6" (Ellen G. White, Evangelismo, p. 136).

"Temos que nos manter tão **afastados** do que seja **teatral** e extraordinário, como Cristo Se manteve em Sua obra. **Sensação não é religião**; não obstante esta exercerá sua influência pura, consagrada, enobrecedora e santificadora, produzindo vida espiritual e salvação" (Ellen G. White, Evangelismo, p. 396).

"Estas atitudes, com sabor **teatral**, não devem ocorrer na proclamação das solenes mensagens que nos foram confiadas. (...) Nosso bom êxito dependerá de realizarmos a obra com a simplicidade com que Cristo a realizou, **sem nenhuma demonstração teatral**" (Ellen G. White, Evangelismo, pp. 137-139).

"Não devem os ministros pregar opiniões de homens, não devem contar anedotas nem **encenar representações teatrais**, nem exhibir-se; mas como se estivessem na presença de Deus e do Senhor Jesus Cristo, têm de pregar a Palavra. Não introduzam na obra do ministério **leviandades**, mas puguem a Palavra de maneira que deixe em quem a escute, a mais solene impressão" (Ellen G. White, Evangelismo, p. 207).

"As lições dadas a nossa juventude por professores cristãos amantes do mundo estão fazendo um grande mal. As reuniões festivas, as glotonarias, as loterias, as **cenar mudas** e **representações teatrais** estão fazendo um trabalho que produzirá um registro com seu fardo de resultados para o juízo. **Todas** estas inconsistências, sancionadas pelos professos cristãos

debaixo de uma roupagem de beneficência cristã, a fim de coletar recursos para pagar despesas da igreja, têm sua influência sobre a juventude, tornando-a amante dos prazeres mais do que amantes de Deus” (Ellen G. White, No Deserto da Tentação, p. 82).

“Essas várias formas de **divertimento** nas igrejas modernas têm arruinado milhares que, não fosse isso, poderiam ter permanecido corretos e se tornado seguidores de Cristo. Caracteres têm sido arruinados por esses festivais da igreja e **apresentações teatrais** da moda, e mais alguns milhares serão destruídos; contudo o povo não se aperceberá do **perigo**, nem da temível influência exercida. Muitos moços e moças têm perdido sua alma devido a essas influências corruptoras” (Ellen G. White, Conselhos sobre Mordomia, p. 202).

“O que me foi apresentado é que, se o Pastor X desse ouvidos ao conselho de seus irmãos, e não corresse da maneira por que o faz no esforço de obter grandes congregações, exerceria mais influência para bem, e sua obra teria efeito mais benéfico. Ele deve cortar de suas reuniões tudo quanto tenha **semelhança com exposições teatrais**; pois tais aparências exteriores **não dão nenhuma força à mensagem** que ele anuncia. Quando o Senhor puder cooperar com ele, sua obra não precisará ser feita de modo tão dispendioso. Ele não necessitará então fazer tantas despesas em anúncios de suas reuniões. Não porá tanta confiança no programa musical. Esta parte de seu serviço é realizada mais à maneira de um **concerto teatral**, do que de um serviço de canto em uma reunião religiosa” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 501).

“Homens e mulheres judiciosos podem ver que as **representações teatrais não estão em harmonia**

com a solene mensagem que tendes a apresentar” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 127).

“**Demonstrações exteriores** e extravagante dispêndio de meios não realizarão a obra que há por fazer” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 346).

“Mas quando o obreiro torna o seu trabalho tão dispendioso que os outros não podem tirar do tesouro meios suficientes para manter-se no campo, ele não está trabalhando de acordo com o plano de Deus. A obra nas grandes cidades deve ser feita segundo a ordem de Cristo, não segundo os **métodos teatrais. Não é uma realização teatral que glorifica a Deus**, mas a apresentação da verdade no amor de Cristo” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, pp. 355-356).

“**Não haja exibição teatral**, pois isto não ajuda a fortalecer na Palavra de Deus. Antes distrairá a atenção para o instrumento humano” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, p. 24).

“Grande cuidado cumpre tomar a fim de tornar as reuniões de temperança tão elevadas e enobrecedoras quanto possível. Evitai o trabalho superficial e **tudo que seja de natureza teatral**. Aqueles que compreendem o caráter sagrado desta obra hão de manter alta a norma. Há, porém, uma classe, que não tem verdadeiro respeito pela causa da temperança; seu único interesse é mostrar sua habilidade na plataforma” (Ellen G. White, Temperança, p. 240).

“Muitos têm assistido às reuniões e ouvido as palavras da verdade proferidas do púlpito, as quais têm convencido e elevado seu espírito; muitas vezes, porém,

a maneira pela qual o canto é conduzido não aprofunda a impressão causada. As **exibições** e **contorções**, e a desagradável aparência do **esforço exagerado**, têm estado tão fora de lugar na casa de Deus e sido tão **cômicas** que as impressões sérias causadas sobre as mentes são apagadas” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 3, p. 334).

“Não haja singularidades nem **excentricidades de movimento** da parte daqueles que falam a palavra da verdade, pois tais coisas enfraquecerão a impressão que deve ser produzida pela palavra. Cumpre guardarmo-nos, pois Satanás está determinado, se possível, a entremear com os serviços religiosos a sua má influência” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, Vol. 2, p. 24).

“Os ministros no púlpito não têm permissão de comportar-se como **representantes de teatro**, tomando atitudes e expressões **calculadas** a causar efeito. Eles não ocupam o púlpito sagrado como **atores**, mas como mestres de verdades solenes. Há também ministros fanáticos que, tentando pregar a Cristo, atacam, gritam, dão saltos acima e abaixo, esmurram a tribuna, como se esse exercício corporal aproveitasse alguma coisa. Tais mesmices não emprestam força alguma às verdades proferidas, antes, ao contrário, desgostam os homens de pensar sereno em vistas elevadas” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 172).

“O ministro de Cristo deveria ser um homem de oração, um homem piedoso; alegre, mas nunca áspero e grosseiro, zombeteiro ou frívolo. Espírito de frivolidade está em harmonia com a profissão de palhaços ou de **atores teatrais**, mas está abaixo da dignidade de um homem que foi escolhido para estar entre os vivos e os

mortos, e para ser porta-voz de Deus” (Ellen G. White, Testemonies, Vol. 4, p. 320).

Verificamos que a teatralidade refere-se também a movimentos físicos extravagantes no pregar, no cantar ou em qualquer outro momento de culto.

“Os que têm a responsabilidade da clínica devem ser sobremodo cuidadosos de que as diversões não sejam de molde a rebaixar o padrão de cristianismo, colocando esta instituição em pé de igualdade com outras e debilitando o poder da verdade divina na mente daqueles que com ela estão relacionados. Os **entretenimentos mundanos ou teatrais não são necessários** à prosperidade da clínica ou à saúde dos pacientes. Quanto mais lhes for apresentado este tipo de diversões tanto menos eles se sentirão satisfeitos, **a não ser que alguma coisa dessa espécie lhes seja oferecida continuamente**. A mente está sempre na expectativa de alguma coisa nova e provocante, exatamente aquilo que ela não deve receber. E se esses entretenimentos são permitidos uma vez, são aguardados novamente, e os pacientes perdem o seu gosto por qualquer arranjo simples para ocupar o tempo. Mas repouso, mais do que estimulação, é o de que necessitam os pacientes” (Ellen G. White, Conselhos sobre Saúde, p. 240).

“O Senhor deu prova de Seu amor ao mundo. Não houve falsidade, nem **teatralidade** no que fez. Fez uma oferta viva, capaz de sofrer humilhação, desconsideração, vergonha, acusação. Isto o fez Cristo para poder salvar os caídos. Enquanto os seres humanos imaginavam meios e modos de destruí-Lo, o Filho do Infinito Deus veio a nosso mundo para dar um exemplo da grande obra a ser feita para redimir e salvar o

homem. Hoje, porém, os orgulhosos e desobedientes esforçam-se para merecer de seus semelhantes um grande nome e honra, usando para **divertirem-se** os dons concedidos por Deus” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 267).

“Vários **entretenimentos** são introduzidos para tornar interessantes as reuniões, e atrativas para os **mundanos**, e assim as atividades da chamada sociedade literária degeneram muitas vezes em desmoralizantes **representações teatrais** e tolices vulgares. Todas essas satisfazem a mente carnal, em inimizade contra Deus; não robustecem, porém, o **intelecto** nem consolidam a **moral**” (Ellen G. White, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, p. 542).

“Nas reuniões realizadas, não devem depender de cantores do mundo nem de **exibições** teatrais para despertar o interesse” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 508).

“O inimigo acompanhará de perto e aproveitará todas as vantagens que tiver das circunstâncias, a fim de rebaixar a verdade pela introdução de demonstrações indignas. **Nenhuma** destas apresentações deve ser permitida. As preciosas verdades que nos foram dadas devem ser pregadas com toda a **solenidade** e com **santa reverência**” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 138).

“Veríamos diferente estado de coisas se determinado número se **consagrasse** inteiramente a Deus, e então devotasse seus talentos à obra da Escola Sabatina, avançando sempre em conhecimento, educando-se para que pudessem instruir a outros quanto aos melhores métodos a serem empregados na obra;

mas não devem os obreiros procurar métodos pelos quais ofereçam um **espetáculo**, consumindo tempo em **representações teatrais** e exibições de música, **pois isso não beneficiaria a ninguém**. Não é bom ensaiar crianças para que façam discursos em ocasiões especiais. Devem elas ser ganhas para Cristo, e em lugar de despender tempo, dinheiro e esforço para uma **encenação**, que todo o esforço seja feito a fim de preparar os molhos para a colheita” (Ellen G. White, Fundamentos da Educação Cristã, p. 253).

É realmente necessário que o processo ensino-aprendizagem de crianças nos lares e nas escolas cristãs se feito usando representações teatrais?

“Não tenho conseguido encontrar nenhum caso em que [Jesus] tenha ensinado os seus discípulos a empenharem-se na diversão do futebol ou em jogos de competição, a fim de fazerem exercício físico, ou em **representações teatrais**; e, no entanto, Cristo era nosso modelo em todas as coisas” (Ellen G. White, Fundamentos da Educação Cristã, p. 229).

Considerando todas as advertências acima, causa surpresa a seguinte notícia:

“O evangélico descobriu que **misturar lazer e religião** pode dar certo, se não for feito de forma careta, e está investindo pesado no negócio” (Jornal O Dia, 05/03/2002, RJ).

Esta prática de “representações teatrais” é aceita a nível organizacional e não apenas em uma ou outra igreja. Lamentavelmente pregam-se sermões como se

estivéssemos em um palco, e não em um púlpito. Lamentavelmente elaboram-se encenações que mais fazem divertir a congregação do que encaminhá-la a sérias reflexões a respeito da mensagem bíblica para um compromisso pessoal com o Criador. Lamentavelmente banalizam-se as verdades espirituais, tornando-as motivo de riso supostamente “inocente”.

Alguns afirmam que tais conselhos de Ellen G. White eram para o tempo dela, ou que não passam de opinião pessoal, visto que, naquela época, o teatro era considerado um lugar de depravações e baixos padrões morais. A respeito disso, ela mesma nos diz:

“Alguns, no intuito de garantir melhor a sua própria atitude, apresentarão declarações dos ‘Testemunhos’ que pensam favorecer a sua opinião, dando-lhes a mais vigorosa interpretação possível; aquilo, porém, que torna suspeita a sua conduta, ou que não se coaduna com o seu modo de ver, denunciam como opinião pessoal da irmã White, negando-lhe a origem divina e nivelando-o aos seus próprios conceitos” (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, p. 97).

Será que o princípio moral do teatro hoje está diferente do que era em sua origem? Supondo que há diferença, podemos notar que Ellen G. White não se refere às salas de teatro, mas sim à teatralidade, às representações cênicas de verdades espirituais; ela refere-se às gesticulações exageradas no cantar/tocar, no pregar; refere-se às histórias contadas em formato de piada para “quebrar o gelo” e divertir a congregação.

Em fevereiro de 1963 foi publicada uma declaração do então Secretário das Publicações Ellen G. White. Em suma, ele afirma que Ellen White não era contra as representações teatrais, mas, para que estas atingissem objetivos espirituais, deveriam cumprir certos requisitos. Antes, porém, de conhecermos algumas citações do referido artigo, é preciso esclarecer que não temos o intuito de analisar pessoas; o objetivo é analisar argumentos e ideias. Amamos nossos líderes e nossas congregações, e por esse motivo apresentamos nossa visão sobre este polêmico assunto de maneira respeitosa. Esclarecemos, também, que nos disponibilizamos a diálogos fraternos.

Segue um trecho da referida declaração:

“Um exame desses conselhos [de Ellen White] não revela uma condenação **peremptória** de todos os programas dramatizados. Em outras palavras, Ellen White não condena um programa só pelo fato de ser dramatizado (...) A Sra. White não condenou um programa simples dramatizado apresentado na Escola Sabatina de Battle Creek em 1888, mas em muitas declarações ela salienta claramente os muitos e quase certos perigos que acompanham ‘peças’ e ‘programas teatrais’. (...) Se o simples fato de haver representação no programa fosse pecaminoso, isso teria certamente ficado claro. O conselho, entretanto, relacionou-se com o conteúdo, efeito sobre os adoradores, etc.” (Arthur L. White – Representações Dramáticas em Instituições Adventistas. Fevereiro de 1963. Disponível em <<http://www.centrowhite.org.br>>).

O autor da declaração incluiu citações de Ellen G. White:

“O segundo mandamento proíbe o culto das imagens; Deus mesmo, porém, empregou **figuras** e **símbolos** para apresentar aos Seus profetas lições que queria que eles transmitissem ao povo, e que assim seriam compreendidas do que se fossem dadas de outro modo. Ele apelou para o entendimento através do sentido da vista. A história profética foi apresentada em Daniel e João em **símbolos**, e estes deviam ser representados claramente em tábuas, para que os que lessem os compreendessem” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, Vol. 2, p. 319).

“Mediante o emprego de **cartazes**, **símbolos** e **ilustrações** de várias espécies, o ministro pode fazer a verdade destacar-se clara e distintamente. Isso é um auxílio, e está em harmonia com a palavra de Deus” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 355-356).

Em relação ao programa da Escola Sabatina citado, este ocorreu em 26 de dezembro de 1888. Ellen G. White assistiu a uma encenação de natal apresentada por crianças, na qual participava também sua netinha de 6 anos, Ella M. White, vestida de anjo. Em carta enviada ao organizador do programa, ela escreveu:

“Prezado irmão. Levantei-me às três horas da manhã para escrever-lhe algumas linhas. **Gostei do farol**. A cena que exigiu um esforço tão esmerado poderia ter sido mais impressionante, mas não foi tão vigorosa e apelativa como devia ter sido, já que custou tanto tempo e trabalho para prepará-la. A parte

desempenhada pelas crianças foi boa. **A leitura foi apropriada.** Porém ...”.

Ou seja, ela elogia alguns itens do programa, mas apresenta uma série de pontos negativos. Devido a este acontecimento e o respectivo comentário dela, deduziu-se que o uso de encenação não foi considerado impróprio desde que houvesse um cuidado relacionado ao conteúdo, às abordagens e ao efeito que a encenação pode causar nos “atores” e na congregação.

“Terão uma mente mais espiritual os que desempenharam uma parte? Aumentará seu senso de obrigação com o nosso Pai Celestial, que enviou o Seu Filho Unigênito ao mundo por um preço tão infinito para salvar da ruína total o homem caído? Despertará a mente para buscar a Deus pelo grande amor com que nos amou?” (Ellen G. White, Carta 5, 1988).

Se todas estas perguntas forem respondidas positivamente, então poderemos ter uma encenação produtiva e que alcance verdadeiramente objetivos espirituais, segundo a referida declaração que estamos analisando.

Consideremos, entretanto, o conselho de Ellen G. White:

“Nem um jota ou um til de **qualquer coisa** teatral deve aparecer em nossa obra. (...) **Todas as representações** teatrais, em conexão com a pregação da verdade presente, fossem desaconselhadas e **proibidas**” (Evangelismo, p. 137).

Esta exortação não representaria uma condenação clara e sem possibilidade de exceções?

Ellen G. White menciona que Deus empregou figuras, símbolos, imagens, ilustrações e recursos pictóricos em geral para instruir o povo de Israel antigo. É preciso compreender que dramatizações são diferentes de recursos pictóricos, pois dependem da ação de "atores" que representam personagens, e que os atores se vestem, falam e agem como se fossem outras pessoas; as ações e os gestos são previamente calculados para causar determinada reação no público.

A seguir, transcrevemos mais alguns trechos dos comentários de Ellen G. White ao organizador do programa da Escola Sabatina em Battle Creek. O leitor poderá então tirar suas próprias conclusões a respeito da aprovação da profetisa em relação aos recursos utilizados.

"Prezado irmão. Levantei-me às três horas da manhã para escrever-lhe algumas linhas. **Gostei do farol.** A cena que exigiu um esforço tão esmerado poderia ter sido mais impressionante, mas não foi tão vigorosa e apelativa como devia ter sido, já que custou tanto tempo e trabalho para prepará-la. A parte desempenhada pelas crianças foi boa. **A leitura foi apropriada.** Porém se nessa ocasião houvesse apresentado uma **mensagem** relacionada com as crianças e professores da Escola Sabatina trabalhando diligentemente para a salvação das almas das crianças sob seus cuidados, apresentando uma oferta mais aceitável a Jesus, o dom de seus próprios corações, e se tivessem feito **observações breves e objetivas** de como poderiam fazer isso, não teria sido associar-se com

a obra que estamos tentando fazer na igreja? Cada esforço deve estar em harmonia com o único grande propósito, o de preparar corações, e que individualmente, alunos e professores sejam como a luz de um candelabro que pode dar luz a todos que estão na casa, que seria apresentar a notável ideia de um farol que guia as almas para que não aconteça um naufrágio na fé. Pode me dizer qual foi a impressão marcante que os dois poemas ensaiados pelas duas senhoras na plataforma tinham a ver com essa obra? Os cantos eram semelhantes aos que esperaríamos ouvir em qualquer **representação teatral**, porém não se podia distinguir uma só palavra. Certamente o barco sacudido pela tempestade naufragaria contra as rochas, se não viesse mais luz do farol do que se via na cena. **Devo dizer que lamentei essas coisas, tão fora de lugar com relação ao momento de reforma que estamos tratando de levar avante na igreja e em nossas instituições. Eu teria me sentido melhor se não tivesse estado presente.** Aquela era uma ocasião que deveria ter sido aproveitada não somente pelas crianças da Escola Sabatina, mas também deveriam ter sido pronunciadas palavras que aprofundassem a impressão da necessidade de buscar o favor desse Salvador que os amou e se deu a si mesmo por elas. (...) Que almas foram inspiradas com novo e vigoroso zelo pelo Mestre com aquelas canções, cuja virtude estava nas diferentes interpretações do cantor? Enquanto se realizam esmerados esforços para preparar estas **representações**, estavam sendo realizadas reuniões de interesse mais profundo que requeriam a atenção e solicitavam a presença de todos para que não se perdesse nada da mensagem que o Mestre lhes havia enviado? Agora, este Natal passou para a eternidade com o **peso do seu registro** e nós estamos ansiosos para ver os resultados. Terão uma mente mais espiritual os que desempenharam uma parte? Aumentará seu senso

de obrigação com o nosso Pai Celestial, que enviou o Seu Filho Unigênito ao mundo por um preço tão infinito para salvar da ruína total o homem caído? Despertará a mente para buscar a Deus pelo grande amor com que nos amou? Todos que desempenharam uma parte no programa da noite passada trabalhariam tão zelosa e interessadamente para ser aprovados por Deus ao realizar sua obra pelo Mestre, a fim de apresentar-se como obreiros inteligentes que não têm de que se envergonhar? Oh, que os professores da Escola Sabatina estejam plenamente imbuídos do espírito da mensagem para este tempo, e tenham sempre presente a **mensagem** em todo o seu trabalho. Há almas para salvar e enquanto que no trabalho da Escola Sabatina tenha havido muito **formalismo** e se tem dedicado muito do precioso tempo à leitura de relatórios e registros, não tem havido tempo suficiente para que a luz brilhe realmente com claros e potentes raios, da instrução tão necessária para a salvação das crianças e dos jovens. Menos discursos elaborados, menos observações extensas, e **mais verdades simples**; nem uma palavra com o fim de demonstrar conhecimentos, nem apenas uma, pois a maior evidência de um verdadeiro conhecimento é a grande **simplicidade**. Todos os que adquiriram conhecimento de Cristo o imitarão na maneira de comunicar instruções” (Ellen G. White, Carta 5, 1888).

Em relação ao conceito de “dramatização”, há os que o ampliam de forma a abranger tanto encenações quanto rituais, cerimônias, ilustrações, imagens, símbolos, figuras. Para tanto, utilizam exemplos como os rituais do Santuário, ordenanças como o Batismo e a Santa Ceia, as visões dos profetas, o casamento do profeta Oséias com uma prostituta, as figuras com as quais Cristo se

comparava. No entanto, não é possível tal abrangência, sendo de suma importância a compreensão da clara diferença entre um **"drama real"** e um **"drama fictício"**.

Cristo comparou-Se com figuras – como, por exemplo, o cordeiro – que **ilustravam** Sua pessoa, mas não estavam **encenando** ou **imitando** as ações dEle; não eram atores representando personagens.

Os ritos cerimoniais do Antigo Testamento eram "sombras de coisas futuras", símbolos de um ministério mais elevado, e foram ordenados por Deus para tipificarem o sacrifício de Cristo na cruz. Portanto, tal prática já não se faz necessária hoje após a concretização dos fatos para os quais apontavam. Nem existe ordem alguma da parte de Deus para que as substituamos por outras. As cerimônias do Santuário não poderiam ser consideradas representações teatrais ou encenações, pois os sacerdotes eram **reais**, os animais eram **reais**, as mortes eram **reais**, assim como o sangue derramado. Tratava-se de um drama real, não uma encenação.

Ordenanças como o Batismo, o Lava-Pés e a Santa Ceia não podem ser entendidas como mera encenação, sob o risco de estarmos participando delas indignamente. Na Santa Ceia as pessoas não estão **encenando**, mas sim **participando** voluntariamente de uma **cerimônia**. Existe ampla diferença entre **participar de uma cerimônia** instituída por Cristo e participar de uma encenação **fingindo** estar participando de uma cerimônia. A Santa Ceia é um emblema sagrado que nos traz à

lembrança o sacrifício de Cristo. Da mesma forma é a guarda do sábado, que nos traz à lembrança o Criador e também não pode ser considerada uma encenação, mas um símbolo.

“É nessas ocasiões [da Santa Ceia], indicadas por Ele mesmo, que Cristo Se encontra com Seu povo, e os revigora por Sua presença. Corações e mãos indignos podem mesmo dirigir a ordenança; todavia Cristo ali Se encontra para ministrar a Seus filhos. Todos quantos ali chegam com a fé baseada nEle, serão grandemente abençoados” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 656).

No Batismo a pessoa batizada não está fazendo o “papel” de pecador que se arrepende e nasce novamente em Cristo. Aquela pessoa está participando do simbolismo de transformação de vida, pois a água em si não tem nenhum poder extraordinário. Naquele momento é uma pessoa **real** que está testemunhando publicamente sua decisão de mudança de vida. Não há “encenação” nisto; há a participação no mesmo símbolo que Cristo participou e nos deixou como exemplo a ser praticado. Outra vez verificamos que há uma ampla diferença entre participar de uma peça **fingindo** estar sendo batizado, e participar de uma cerimônia na qual se está sendo batizado de fato.

Em relação ao profeta Oséias, este não participou de uma **encenação**, mas **realmente** casou-se com uma prostituta. Foi um drama **real** que ilustrava a apostasia do povo de Israel e o amor incondicional que Deus tinha pelo Seu povo, não foi um teatro.

Quanto às visões que Deus concedia, estas eram baseadas em imagens simbólicas, como foi no caso de João. Ele viu símbolos, seres que surgiam e tinham um significado. Não eram “atores” representando personagens. As visões foram dadas em forma de símbolos para que a mensagem fosse preservada até aos nossos dias. Se fossem dadas claramente, seriam destruídas imediatamente.

Quanto às visões de Ellen White, da mesma forma, não eram baseadas em encenações, com a participação de atores, de pessoas que fingiam ser outras. Muitas destas visões foram cenas reais da História e do futuro. Não eram encenações, mas exatamente o que aconteceu no passado e o que aconteceria no futuro. Não podemos comparar as visões dadas pelo próprio Deus aos profetas com as encenações e “peças” que fazemos hoje. Deus é onipotente e faz aquilo que é melhor para cada um de nós. Não cremos haver relação entre tais visões e as representações teatrais atuais.

Retornemos ao evento presenciado por Ellen G. White e atentemos para alguns detalhes.

“Gostei do farol. A cena que exigiu um esforço tão esmerado poderia ter sido mais impressionante, mas não foi tão vigorosa e apelativa como devia ter sido (...). A parte desempenhada pelas crianças foi boa. A leitura foi apropriada (...) Porém, se nesta ocasião houvesse apresentado uma **mensagem** relacionada com as crianças (...) e se tivessem feito **observações** breves e objetivas (...).”

Ellen G. White não aprovou o recurso utilizado, dizendo que uma **mensagem** e **observações breves** teriam sido mais adequadas. Ela gostou da parte da **leitura** das crianças e do farol que ali estava. Mas seria isto uma forma de aprovação ao que estava acontecendo? Se vou assistir a uma programação musical e um dos cantores dá um verdadeiro "show", com uma série de malabarismos vocais e corporais, enquanto as pessoas o aplaudem, assobiam e gritam, e digo que gostei da voz do cantor, ou que a letra da música era interessante, significa que eu aprovei tais manifestações da parte dele? Vamos recordar uma citação importante do relatório feito por Ellen G. White ao organizador daquela programação:

"Devo dizer que lamentei essas coisas, tão fora de lugar com relação ao momento de reforma que estamos tratando de levar avante na igreja e em nossas instituições. **Eu teria me sentido melhor se não tivesse estado presente.**"

No ano de 1998 foi elaborado pela União Este Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia um material alertando sobre os perigos que rondavam a instituição. Entre eles estava o movimento carismático, destacado em três diferentes períodos, ou "ondas". As duas primeiras ondas não causaram significativos prejuízos à Igreja Adventista do Sétimo dia, mas a terceira procurava infiltrar-se sutilmente. Neste contexto, surge um "novo estágio", descrito por John Wimber, um pastor carismático, como algo que afetaria "*a estrutura denominacional, a **liturgia** e a teologia*". Dentro do

aspecto da liturgia, "*Wimber nota como 'o novo estágio' atingiu a vida da igreja (...). 'Primeiro, o **movimento carismático** renovador introduziu nova forma de liturgia usando: dança, **drama teatral**, um novo estilo de hinos*". Ou seja, as dramatizações foram introduzidas em nossas igrejas através da influência de **movimentos carismáticos**. O pastor José Silvio Ferreira, autor do referido alerta e então Secretário Ministerial da UEB, fez alguns questionamentos, tais como:

"Com que tipo de fogo estão elas [as igrejas que aderiram ao carismatismo] brincando? Que espírito tem estado a operar nelas? Que resultados produzirá?. (...) Até o presente os resultados **na prática da vida cristã** têm sido **desastrosos**" (Celebracionismo, Pentecostimos e Adoração. Associação Ministerial UEB, 1998, pp. 13-15).

Desde 1998 os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia eram alertados sobre movimentos que tentariam infiltrar-se nas igrejas, introduzindo uma série de recursos "estranhos" a fim de divertir as pessoas e não de orientá-las nas verdades bíblicas.

As encenações enfatizam a forma de fazer – movimentos corporais, emoções, interpretações – e não o conteúdo (a mensagem). Seu objetivo principal é trabalhar as cenas de forma a causar sensações (choro, riso, angústia, tristeza, alegria), o que não ocorre no uso de recursos visuais (símbolos, ilustrações, painéis, banners, power point e outros). Em uma encenação os atores transmitem à congregação suas próprias emoções

ao atuarem, enfatizando este ponto em detrimento da mensagem. O argumento visual máximo no reforço da pregação é o de uma vida transformada pelo poder do Espírito Santo, o testemunho pessoal associado à pregação da mensagem.

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que **vejam as vossas boas obras** e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:16).

Com base no contexto histórico e nas advertências de Ellen G. White não existe razão para apoiar o uso das representações teatrais em conexão com a transmissão da mensagem cristã, pois a nossa percepção visual não precisa ser enfatizada já que não somos dependentes dela no exercício da fé.

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se **não vêem**” (Hebreus 11:1).

“De sorte que a fé é pelo **ouvir**, e o ouvir pela Palavra de Deus” (Romanos 10:17).

Relembremos o encontro de Jesus com Tomé:

“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram” (João 20:29).

Felizes aqueles que são edificados no Senhor com um sincero testemunho pessoal e com uma simples

pregação das Escrituras Sagradas, e que não dependem de representações teatrais para “captar melhor”.

Na ocasião da morte de Lázaro Jesus ficou abalado:

“Jesus, pois, quando a viu chorar, e também chorando os judeus que com ela vinham, moveu-se muito em espírito, e **perturbou-se**” (João 11:33).

“Lia o coração de todos os que ali estavam reunidos. Viu que da parte de muitos, não passava de **simulação** o que apresentavam como demonstração de pesar” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 533).

O que Ellen White tinha em mente quando citou mais de trinta vezes o teatro em nossa obra, orientando-nos que nos abstivéssemos dele, era precisamente o que temos hoje. Por isso, não é necessária interpretação especial para compreender sua mensagem. As encenações são hoje tão incompatíveis com o evangelho como foram há cem anos. Os registros históricos comparados ao que diz a Bíblia, bem como afirmações do Espírito de Profecia, nos levam a concluir que **todas** as representações teatrais em conexão com a nossa mensagem de salvação devem ser evitadas. Não há espaço para exceções e não é possível encontrar nada que as justifique.

Comparemos a citação "***nem um jota ou til de qualquer coisa teatral***" com o seguinte texto bíblico:

“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, **nem um jota ou um til** se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (Mateus 5:18).

Se tal citação do Espírito de Profecia realmente não proíbe o teatro na igreja, então poderemos concluir o mesmo em relação às palavras de Cristo registradas no texto bíblico, afirmando que é permitido a omissão de um ou outro mandamento por “bons motivos”.

Deus não precisa de atores. Na igreja não deve haver uma “equipe de produção” que providencie “atrações”, sejam musicais ou de qualquer outra espécie, para o entretenimento do “público”. **Igreja não é teatro. Congregação não é platéia.** Estas coisas os fiéis cristãos nunca fizeram, jamais trabalharam para gerar sensações, excitação, exibição, jamais rebaixaram a verdade ao nível das pessoas, mas elevaram as pessoas ao nível da verdade.

Se você notar bem, os patriarcas não utilizaram tal método; os profetas também não; Jesus tinha 12 discípulos, com os quais poderia montar uma excelente peça teatral para que Seus seguidores compreendessem melhor a mensagem. Mas ele falou por parábolas, nunca de maneira teatral, apelando ao intelecto e à razão, nunca às emoções e sensações. Os pioneiros e reformadores da igreja nunca utilizaram tal método. Por que, de repente, surge tamanha necessidade dele? Não será o cristianismo de sensações, o cristianismo emocional que nos leva somente a “sentir” e não a decidir racionalmente? E note ainda como Jesus, os discípulos, os apóstolos, os

pioneiros, os reformadores, levaram tantos à conversão pela mensagem pura e simples, sem uso de tantas ferramentas, equipamentos, shows, encenações, que julgamos tão necessários hoje para chamar a atenção das pessoas e “convertê-las a Cristo”. Note, também, o contraste entre nossa geração e as anteriores. As encenações não eram utilizadas na igreja há algumas décadas, mas a igreja era forte, os bancos estavam sempre cheios, os membros eram assíduos frequentadores dos cultos, os jovens eram admirados por seu conhecimento da Palavra de Deus. Hoje temos encenações que, segundo dizem, atraem as pessoas e as convertem. Mas os bancos das igrejas nunca estiveram tão vazios (onde estão estes conversos?), nossos membros nunca estiveram tão ausentes e nossos jovens nunca estiveram tão despreparados no que diz respeito à Palavra de Deus. Não é estranho?

Muitos há que afirmam o seguinte:

“Se uma encenação for feita com equilíbrio e reverência, não há problemas.”

Mas o que é equilíbrio e reverência? Como citado anteriormente, pergunta-se a cem pessoas e teremos cem opiniões diferentes. A qual dessas cem opiniões devemos seguir? Já presenciamos encenações consideradas irreverentes por alguns, mas muito reverentes por outros. Qual padrão iremos utilizar para determinar se é ou não reverente? Quem determina o que é equilibrado e o que não é? Quem determina a partir de qual momento uma

encenação deixa de ser reverente? **O equilíbrio de Deus é o único que deve ser seguido.**

Façamos algumas reflexões:

Se não tiver trabalho missionário, ninguém protesta; mas se não tiver acampamento de carnaval ...

Se não tiver um piano ou uma flauta na música da igreja, ninguém protesta; mas se não tiver uma bateria ...

Se não tiver reverência na igreja, ninguém protesta; mas se não tiver encenações ...

Não é estranho? Você já viu alguém se levantar e protestar porque a igreja está se comportando com irreverência? Mas tenho certeza de que você já viu alguém se levantar e protestar para manter a bateria ou o teatro na liturgia. O motivo é simples: se uma coisa é apreciada pela massa, se todo mundo “curte” e não vive sem, fique atento, algo está errado, porque **a santidade não é popular.**

Outros há que afirmam ser o teatro uma forma de apresentar mentiras e, se este recurso for utilizado para apresentar verdades, torna-se aceitável. Porém, a partir do momento em que alguém esteja **encenando** uma personagem, seja ela bíblica ou não, aquilo deixa de ser uma realidade, pois este alguém não é aquela pessoa e sim “finge” sê-la.

Quando alguém apresenta uma encenação na qual há que se “representar” Deus Pai ou Deus Filho (Jesus), quem é digno de “fingir” ser as Pessoas da divindade? Quem somos nós para nos acharmos no direito de “encenarmos” Deus sem o prejuízo da reverência e do respeito?

Dizem que preparamos estes recursos e entretenimentos para chamar a atenção das pessoas e atraí-las a Jesus. Mas as pessoas são realmente atraídas **a Jesus**? Ou são atraídas ao **entretenimento**? Quando preparamos emocionantes encenações, belas cantatas, grandes espetáculos musicais, as pessoas são atraídas **a Jesus**? Ou são atraídas **ao espetáculo**? Vamos fazer uma análise prática e objetiva:

Em um culto de oração, numa quarta-feira à noite, estão presentes vinte pessoas. Mas, na mesma quarta-feira, acontecendo um evento de música com a participação de cantores famosos da igreja, serão quinhentas pessoas presentes comprimindo umas às outras e algumas esticando o pescoço para assistir pela janela. Isto significa que há vinte pessoas buscando a Deus e quinhentas pessoas buscando entretenimento;

Em uma programação para jovens, sábado à tarde, com cânticos, com explanação bíblica, com uma discussão sobre um assunto espiritual, com mensagens musicais realizadas pelos próprios membros da igreja, estão presentes vinte pessoas. Porém, no mesmo sábado à tarde, caso aconteça uma cantata com encenações e cantores famosos, quinhentas pessoas estarão presentes;

Num acampamento de Carnaval, muitas vezes com alto custo para os participantes, quinhentas pessoas estarão presentes. No entanto, se convocarmos os mesmos participantes para o trabalho missionário, que é gratuito, talvez estarão presentes vinte pessoas. Parece que as pessoas precisam de estimulação festiva para realizações, e o trabalho missionário não é “divertido”;

Conclusão: vinte pessoas vivendo **a** mordomia e quinhentas pessoas vivendo **na** mordomia.

Será que Cristo está presente em **todos** os cultos? Certamente. Por que, então, há maior número de pessoas presentes nos “cultos-espetáculos”? As pessoas realmente estão sendo atraídas **a Jesus**? Por que temos tantas justificativas para não irmos à igreja em seus dias tradicionais de culto, principalmente aos domingos e às quartas-feiras, mas comparecemos em massa para prestigiar (“adorar”) pessoas?

“Jesus se propôs que nenhuma atração de **natureza terrena** levasse homens ao Seu lado. **Unicamente** a beleza da verdade celeste devia **atrair** os que O seguissem” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 23).

Muitos afirmam que pessoas foram convertidas quando assistiram a uma encenação na igreja. A palavra “conversão” é muito séria. Prefiro deixar este ponto com Deus. Não conhecemos o coração de uma pessoa, então não podemos julgar quem está e quem não está convertido. Se Deus utiliza uma encenação para converter alguém, isso é com Ele. O que estamos apresentando aqui

é a forma como Ele pede que nós trabalhemos. Deus é onipotente e não deve satisfações a ninguém daquilo que faz; porém, Ele nos ordena que trabalhemos de determinada forma, e temos que obedecer. Precisamos entender algo muito importante: o Espírito Santo pode converter pessoas **por meio de**, assim como pode converter pessoas **apesar de**. Em resumo, quem converte alguém é o Espírito Santo.

“E quando ele [Espírito Santo] vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (João 16: 8).

Deus Espírito Santo quer apenas nos usar como canais de comunicação e quer que utilizemos os recursos que dispomos da maneira como nos é ordenado por Ele, de acordo com os princípios bíblicos.

Será que precisamos mesmo de representações teatrais? Somos advertidos que a mensagem do Senhor deve ser pregada com simplicidade.

“Quando os professos cristãos alcançam a alta norma que é seu privilégio alcançar, a **simplicidade** de Cristo será mantida em todo o seu culto” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 512).

“Os verdadeiros pastores conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a **simplicidade** nos cultos” (Ellen G. White, Evangelismo, p. 502).

“**Calma** e claramente ‘prega a Palavra’. Importa não considerar nossa obra **criar excitação**. Unicamente

o Espírito de Deus pode criar um entusiasmo são. Deixai que Deus opere, e ande o instrumento humano silenciosamente diante dEle, vigiando, esperando, orando, olhando a Jesus a todo momento, conduzido e controlado pelo precioso Espírito que é luz e vida” (Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pp. 16-17).

“Quando os seres celestiais perceberem que os homens não apresentarão mais a verdade com **simplicidade**, como Jesus fazia, até as crianças serão impelidas pelo Espírito de Deus e pôr-se-ão a proclamar a verdade para este tempo (Ellen G. White, Eventos Finais, p. 206 e 207).

“Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da **simplicidade** do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus” (Ellen G. White, Eventos Finais, p. 228).

A grande força da pregação do evangelho está na **simplicidade**. O Espírito Santo é quem assume a realização de converter pessoas a Jesus Cristo.

“É a **verdade nua** que, qual espada aguda de dois gumes, corta de ambos os lados, despertando para a vida espiritual os que se acham mortos em ofensas e pecados. Os homens hão de reconhecer o evangelho, quando este lhes for apresentado **em harmonia com os desígnios de Deus**” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 383).

Façamos a obra do Senhor sem preocupação com os resultados, porque estes estão em Suas mãos.

Deus quer filhos dedicados e consagrados para revelar Seu miraculoso poder transformador – o amor – através deles. Os verdadeiros seguidores de Cristo farão cada um a sua parte para restaurar a santidade da igreja e na igreja. Isto só poderá ser realizado quando cada indivíduo aceitar a obra do Espírito Santo em sua vida; quando buscar permanentemente em Deus o discernimento e a humildade para compreender suas falhas e submeter-se às mudanças que Ele pode fazer.

18. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vivemos um momento difícil em que cada vez mais as pessoas e as sociedades expressam sentimentos religiosos **sem uma clara orientação cristã e bíblica**. A música tornou-se uma questão fundamental que requer **discernimento** e decisão espirituais. Consequentemente, devemos fazer estas importantes perguntas enquanto buscamos fazer boas escolhas musicais: a música que estamos ouvindo ou apresentando tem consistência moral e teológica tanto na letra como na melodia? Qual a intenção que está por trás da música? Ela transmite uma mensagem positiva ou negativa? Glorifica a Deus e oferece o que é mais nobre e melhor? O propósito da música está sendo transmitido com eficácia? O músico está promovendo uma atmosfera de **reverência**? A letra e a música dizem a mesma coisa? Estamos buscando a **orientação** do Espírito Santo na escolha da música religiosa e secular? O conselho de Paulo é claro: ‘Cantarei com o espírito, mas também cantarei com o **entendimento**’ (I Coríntios 14:15). Não há dúvida de que a música é uma expressão artística que toca os sentimentos. Isto nos leva a avaliar, escolher e produzir a música de maneira racional, tendo em vista o

seu poder, e buscando cumprir o propósito de Deus para a edificação da igreja e a salvação do mundo” (Filosofia Adventista do Sétimo Dia com Relação à Música. Documento votado em 13/10/2004 pela Associação Geral da IASD).

“Se os músicos da igreja não têm **comunhão diária com Deus**, então não podem efetivamente ministrar à igreja de modo a nutrir, edificar e falar ao coração e à consciência porque não estão **ligados a Deus**; se a música não produz **reverência** (respeito) por Deus e Sua casa de culto, então ela é imprópria; se as respostas comportamentais de uma congregação são **orquestradas** ou se um músico está sendo **aplaudido** enquanto entra na plataforma para apresentar a música, então se cria uma atmosfera **teatral**, pois o foco da atenção é dirigido ao executante; se o motivo para a escolha da música para o culto está arraigado na **cultura** e tradição, então é dirigida à **criatura** e não ao Criador. Tradição sem propósito simplesmente propaga mais tradição sem conduzir ao crescimento e à reflexão; se a música da igreja soa como Rock, Rap, Hip-hop, Jazz, Country, MPB, Bossa Nova e outras do gênero secular ‘pop’, então é imprópria; se a apresentação musical está inundada de sons sensuais excessivos (sussurros guturais, respiração ofegante, excesso de **melismas**, etc), então ela é imprópria; se a música é apresentada de uma maneira sensacional (malabarismo vocal, uso excessivo de ornamentação, cadências do teclado, acordes excessivos, etc, que encanta, excita ou induz à vibração, bater palmas, balanceios, etc) ou se a música elicia estas e outras respostas da congregação num esforço de ‘levantar o ânimo’, então ela é imprópria. Este ‘fogo estranho’ solapa a obra do Espírito Santo porque não vem do coração; somente honra o executante. Embora um concerto seja o cenário ou ambiente apropriado no qual o talento de uma pessoa possa ser

apresentado, todas as execuções devem ser feitas para a glória de Deus; se os músicos têm um espírito de **competição** e são intocáveis, então o ministério será tingido de egoísmo e, conseqüentemente, não terá efeito no sentido espiritual; se qualquer instrumento (incluindo CDs) suplanta a melodia, a harmonia e a letra, então a música apelará só aos sentidos, excitando-os e não à mente, perdendo-se a mensagem; **se o músico imita outro artista** ou executa num estilo que não é apropriado para seu tipo de voz ou nível de habilidade, então a apresentação parecerá artificial e poderá não ser edificante” (Eurydice V. Osterman, O Que Deus Diz sobre a Música: Unaspress, 2003, pp. 104-106).

É de nosso conhecimento que qualquer pessoa que assuma um posicionamento sólido pelos princípios verdadeiramente cristãos com relação à música na igreja estará sujeita a deboches e será rotulada de “fanática”, de “extremista”, de “retrógrada” e outros. Há diferença entre manter um posicionamento coerente com os princípios e não ter posicionamento nenhum, por isso é preferível examinar os princípios expostos na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White.

Uma coisa é nortear todas as atividades que cercam nossa vida com base em princípios sólidos, outra coisa é não ter critério nenhum na vida, seguindo simplesmente o gosto pessoal e a opinião das massas.

A proposta deste livro-estudo é que o leitor fundamente os seus costumes e hábitos pessoais em princípios cristãos bíblicos.

A proposta deste livro-estudo é que o leitor não viva como folhas secas que voam aleatoriamente sob a ação

dos ventos da moda e dos interesses da indústria fonográfica.

A proposta deste livro-estudo é que todos nós sejamos como as espigas de trigo que permanecem firmes apesar da força e da direção dos ventos.

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda” (Mateus 7:24-27).

“Para que não sejamos mais meninos **inconstantes**, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulentamente” (Efésios 4:14).

“(…) fiquei, certa vez, muito curioso quando soube que a irmã White mantinha sempre à vista, num porta-retrato, uma gravura do perfil de Jesus que, segundo sua impressão, era o mais parecido semblante que ela havia visto ao Jesus de suas visões. Quando vi um diapositivo deste quadrinho, fiquei deslumbrado. Achei-o belíssimo. Pena que em matéria de música, ou porque não tinha muito conhecimento da literatura musical do mundo, ou por alguma outra razão, ela não tenha dito que gostava de certa música porque a fazia lembrar um pouco, de longe, a música do Céu. Se ela tivesse feito isto, eu faria uma seleção musical de todas as peças ou hinos que

existem no mesmo estilo, na mesma construção, que produzissem efeito semelhante, e passaria a ouvi-las constantemente para já ir afinando meu gosto com a música angélica. Mas parece que a intenção divina também não era essa. Parece que Deus confia na capacidade do ser humano de **compreender Suas orientações**, e espera que mostre boa vontade e **interesse** para isso” (Dario Pires de Araújo, Música, Adventismo e Eternidade, pp. 54-55).

“Vi que o cântico que glorifica a Deus afasta, com frequência, o inimigo e que louvar o Senhor o derrotaria e nos daria a vitória” (Ellen G. White, Carta 5, 1850).

“Dir-se-ia que Seu louvor [de Cristo] bania os anjos maus e, como incenso, enchia de fragrância o lugar em que Se achava. O espírito dos ouvintes era afastado de seu terreno exílio, para o lar celestial” (Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, p. 73).

“Devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos **aproximar** tanto quanto possível da harmonia dos **coros celestiais**” (Ellen G. White, Patriarcas e Profetas, p. 637).

Apesar de nossas fragilidades e limitações Deus nos ama e por isso nos dá orientações e poder para que o mal em nós seja vencido.

Há pessoas nas igrejas que afirmam que se forem colocados em prática todos os ensinamentos encontrados na Bíblia e no Espírito de Profecia, serão excluídas músicas muito apreciadas pelos membros há tempos. Alegam que o tipo de música que Deus requer não é

popular e nem aceita pela maioria “moderna” de nossas igrejas, ou seja, são músicas que “não vendem” CDs. Justificam que praticar estes princípios é fanatismo e radicalismo. Vamos refletir sobre a seguinte advertência:

“Quando o Senhor opera mediante instrumentos humanos, quando os homens são movidos com poder do alto, Satanás leva seus agentes a exclamar: ‘Fanatismo!’ e a advertir o povo a não ir a extremos” (Ellen G. White, Obreiros Evangélicos, p. 170).

Não podemos confundir zelo com fanatismo. Existe uma corrente por aí pregando um equilíbrio no qual temos um pé na igreja e o outro no mundo. Devemos ser pessoas equilibradas sim, mas dentro dos limites que Deus estabeleceu.

Pessoas fanáticas são irracionais e impositivas de sacrifícios que o próprio Deus nunca exigiu. Querem forçar as pessoas a agirem de acordo com suas ideias que julgam serem as melhores. Fanáticos são aqueles que estão prontos a condenar outras pessoas e o fazem com grande satisfação.

Zelosos são aqueles que prezam pelos princípios, exortando e aconselhando firmemente com amor; os zelosos são discretos e prudentes. Os zelosos se entristecem com as atitudes de afastamento das pessoas dos princípios e tentam auxiliá-las a enxergar isso. Os zelosos lutam consigo mesmos para não perder de vista a sua própria condição pecaminosa de criatura humana. Os zelosos estão conscientes da guerra espiritual em que todas as pessoas neste mundo estão envolvidas.

Viver nos parâmetros divinos é abrir mão daquilo que é de nossa exclusiva conveniência humana. Uma gigantesca guerra entre o Bem e o Mal acontece dentro de cada um de nós. Mas lamentavelmente parece que são poucas as pessoas interessadas nisso. A apatia das pessoas nas igrejas demonstra em que lado estão, e este não é o lado vencedor. Seguir a Deus naquilo que nos convém é muito fácil; segui-Lo abrindo mão do que nos convém e agindo de acordo com o que Ele nos pede é a maior luta que devemos travar.

“Aquele que abafa as convicções do dever pelo fato de este se achar **em conflito com as tendências pessoais** perderá finalmente a capacidade de discernir a verdade do erro. A pessoa se separa de Deus. **Onde a verdade divina for desdenhada, a igreja será deixada em trevas**, a fé e o amor esfriarão, e surgirá a dissensão” (Ellen G. White, O Grande Conflito, ed. condensada, p. 169).

“Muitos que tiveram grande luz, grandes oportunidades e toda a vantagem espiritual **dão louvor a Cristo e ao mundo numa mesma expressão**. Curvam-se perante Deus e Mamom. Alegam-se com os filhos do mundo não obstante declarem ser abençoados com os filhos de Deus. Desejam ter a Cristo como Salvador, mas não querem levar a cruz e tomar Seu jugo. Que o Senhor tenha misericórdia de vós; pois se continuardes por esse caminho, nada além de males pode ser profetizado a vosso respeito. (...) Quem sabe não irá Deus **entregar-vos aos enganos que amais?** Quem sabe os pregadores que são fiéis, firmes e verdadeiros sejam os últimos que oferecerão o evangelho da paz a nossas ingratas igrejas? É possível que os

destruidores já estejam se preparando sob a direção de Satanás e apenas aguardem **a retirada de mais alguns dos que mantêm os padrões** a fim de tomarem seus lugares, e com a voz de falso profeta exclamarem, 'Paz, paz', quando o Senhor não falou em paz. Raramente choro, mas agora sinto meus olhos cobertos de lágrimas; elas caem sobre o papel conforme escrevo. É possível que doravante todo o profetizar entre nós estará no fim, **e a voz que tem despertado o povo possa não mais perturbar a sonolência carnal desses**" (Ellen G. White, Testemunhos para a Igreja, vol. 5, pp. 76-78).

Certamente qualquer pessoa que decidir seguir fielmente a Cristo e manter os princípios estabelecidos por Ele enfrentará a oposição. E através desta oposição, Satanás espera que tais pessoas se retirem desanimadas e frustradas, a fim de que ele possa agir mais livremente, sem que ninguém alerte sobre suas artimanhas. Por isso aquelas vozes zelosas que tentam despertar as igrejas têm sido quase ignoradas e quase silenciadas. Mas chegará o tempo em que não mais se ouvirão essas vozes de advertência, e as pessoas serão deixadas nas trevas espirituais que escolheram e que aprenderam a amar tanto.

Mesmo diante de oposição é preciso levar a verdade às pessoas e ser uma influência em direção à manutenção dos princípios divinos em cada atividade de nossas igrejas e de nossas respectivas vidas. Não podemos ceder em ponto algum, Deus requer nossa devoção por inteiro, não apenas em aspectos que nos convêm.

“Ou somos cristãos decididos, de todo o coração, ou nada somos” (Ellen G. White, Conselhos Para a Igreja, p. 41).

Ao concluir este livro-estudo, você recebeu mais outras informações sobre música, reverência e adoração na Igreja. Portanto, não existem motivos para você permanecer neutro nestas questões vitais na vida do verdadeiro cristão. Muitos poderão perecer porque não foram devidamente alertados. Muitos poderão perecer porque simplesmente ignoraram os alertas. Que não sejamos nós! Oro a Deus para que usemos este conhecimento e nos posicionemos firmemente ao lado do que está bíblicamente revelado – apesar de receber críticas e sofrer ridicularizações – tornando-nos uma influência benéfica para que mais pessoas venham a fazer o mesmo.

Como Adventistas do Sétimo Dia, cremos e pregamos que Jesus virá novamente em breve. Em nossa proclamação mundial conclamamos a todas as pessoas a aceitarem o evangelho eterno e se prepararem para encontrar o Senhor. Desafiamos a todos que escolham o bem no Senhor. Desafiamos a todos a uma renúncia, conforme nos convida a Palavra de Deus:

“[Renunciem] à impiedade e às paixões mundanas, [vivamos] no presente mundo sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (Tito 2:12-13).

E quando Jesus voltar poderemos finalmente ouvir os cânticos celestiais em sua gloriosa e perfeita harmonia. E para que isto aconteça conosco, precisamos nos acostumar com o ambiente celestial ainda nesta Terra.

“A comunhão do Céu começa na Terra. **Aqui** aprendemos a nota tônica de seu louvor” (Ellen G. White, Educação, p. 168).

Relata a profetiza do Senhor algo que acontecerá quando os salvos entrarem nos portais do Céu:

“Os remidos lançam suas coroas aos pés de Jesus. Em seguida, o coro angélico emite uma nota de vitória e os anjos nas duas colunas tomam o cântico, e a multidão dos remidos participam como se houvessem entoado o cântico na Terra, e o haviam feito na realidade. (...) precisamos aprender a entoar **aqui** o cântico do Céu, de modo que quando terminar a nossa luta possamos participar do cântico dos anjos celestiais na cidade de Deus. Qual é esse cântico? É louvor e honra e glória Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, para todo o sempre” (Ellen G. White, Visões do Céu, p. 183).

O meu gosto precisa ser santificado. O seu gosto precisa ser santificado. Não há mais tempo a perder. A decisão é apenas minha e sua!

“Faça um voto hoje, entre você e Deus, de **buscá-Lo a cada dia**, de conhecê-Lo com **intimidade**. Você verá que a sua vida será transformada por esta **contemplação** e o seu coração transbordará de amor, gratidão e disposição para o serviço. Não espere até ‘sentir’ algo, alguma sensação; ou que ocorra

espontaneamente alguma transformação; ela não acontecerá, pois a nossa natureza é pecaminosa. Ofereça o que você tem hoje, doe-se a Deus como você está hoje. (...) Faça como os grandes heróis da fé, que andaram com Deus a cada dia, embora tropeçando, mas não largando da mão do Onipotente. Deus está ansioso por isto, ou Ele não teria dito à igreja de Laodicéia 'Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo. Ao que vencer, eu lhe concederei que se assente comigo no meu trono' (Apocalipse 3:20-21). Que esta promessa possa ser verdadeira para você, a partir de hoje. Que Deus nos conceda uma **sede de Sua presença** que faça do ato de buscá-Lo em adoração o nosso **estilo de vida** (Colossenses 3:17), uma fome que nos leva a uma comunhão mais íntima com Seu povo. Isso resultará em uma rica experiência de adoração coletiva, caracterizada por unidade, sensibilidade e compreensão (João 17). Ao amar a Deus com todo o nosso ser, **amaremos o que Ele ama, odiaremos o que Ele odeia** e ansiaremos que os Seus propósitos sejam concretizados por nosso intermédio! (Mateus 22:37-39) (Allen/Borrer, p. 184)" (Levi de Paula Tavares, Adoração: o presente do homem para Deus – <http://musicaeadoracao.com.br/29187>).

Prossigamos conhecendo nosso Criador para que sejamos capacitados a compreender e a praticar Sua vontade em todo tempo e em todo lugar. Que seja construído em nós, pelo Seu poder, um relacionamento de profunda afinidade com Ele a ponto de refletirmos Seu caráter. E que Seus propósitos sejam cumpridos em nós e através de nós para Sua honra.

Caso deseje entrar em contato com o autor,
escreva para o e-mail: ledallabs@yahoo.com.br

Para mais informações a respeito deste assunto, acesse o site:
<http://www.musicaeadoracao.com.br>